

Anteiro

Ano 1, Vol. 1, setembro de 2018.

As Helenas

*Um café com três amigas
de Helena Kolody*

LITERATURA

ENTREVISTAS

RESENHAS

LIVROS

ARTIGOS

37ª SEMANA LITERÁRIA SESC &



XVI FEIRA DO LIVRO EDITORA UFPR

Literatura: o tempo da imaginação

17 a 22/09 - Praça Santos Andrade

Programação e informações: www.sescpr.com.br/semanaliteraria ou nas Unidades do Sesc | (41) 3304-2266

Realização:



Patrocínio da
XVI Feira do Livro Editora UFPR



Promoção:



Apoio:



6

I Concurso Literário da Editora UFPR



Entrevista com o vencedor e menções honrosas

12



As Helenas

Amigas e admiradoras da paranaense Helena Kolody formam trupe informal de poetas “à moda dela”. São as “Helenas”, título que não rejeitam.

20

Nego Miranda

Biografia e Ensaio fotográfico

28

Tradução — entrevista com Lucas Lazzaretti

32

As alamedas literárias de Sandra Stroparo

34

Política Nacional de Leitura e Escrita

40

Entrevista com a editora Leilah Santiago Bufrem

46

Catálogo Editora UFPR

38

Assionara Souza

Um trânsito pela vida insólita



editorial

Da intimidade com a escrita

Nasce a revista *Tinteiro*.

— por **Rodrigo Gonçalves,**
Francisco R. S. Innocêncio
e **Hertz W. de Camargo,**
os editores

A imagem de um escritor oitocentista mergulhando, sucessivas vezes, o bico de sua pena em um pequeno recipiente de tinta foi uma das inspirações mais eloquentes para a criação do nome da nossa revista. O maior desafio, então, foi encontrar um termo que expressasse, concomitantemente, os conceitos de *produção literária*, *intimidade com a escrita* e *fonte da palavra*. Sim, a tinta é a essência da escrita. O tinteiro é literalmente a fonte de onde a pena bebe para manter sempre vivo o fluxo das ideias, histórias e poesias dos diferentes autores e gêneros. O formato digital não mudou esse papel exercido pela tinta: ele ainda emprega a cor como informação e discurso e a tela em branco só começa a adquirir sentido por meio de uma palavra em preto.

Assim nasce a revista *Tinteiro*, com o objetivo de divulgar autoras e autores não só de nossa editora, mas de outras editoras brasileiras. Pretende adentrar o universo das traduções, entrevistar pessoas que fazem a diferença no mercado editorial e, principalmente, destacar a excelência nas produções literária e científica – em especial, do Paraná –, cumprindo assim sua função sociocultural. Nesta primeira edição, contamos com uma equipe de colaboradores que, como a gente, gostam de desafios e projetos que enriqueçam nossas vidas, seja pela experiência, seja pelo conteúdo. Jornalistas, fotógrafos, pesquisadores, professores, poetas, escritores, ilustradores, revisores, *designers* e o conselho editorial, enfim, todos cujos nomes figuram em nosso expediente contribuíram para que esta revista existisse, desde o momento em que gostaram da ideia de uma publicação literária que unisse pessoas de diferentes formas e pulsões.

“

O tinteiro é literalmente a fonte de onde a pena bebe para manter sempre vivo o fluxo das ideias, histórias e poesias dos diferentes autores e gêneros.

Revista *Tinteiro*, Ano 1, Vol. 1, setembro de 2018. Publicação anual da Editora UFPR.

Editores

Rodrigo Tadeu Gonçalves
Francisco R. S. Innocêncio
Hertz Wendel de Camargo

Conselho Editorial

Daniel Zanella
Diamila Medeiros
Gabriela Ribeiro
José Carlos Fernandes
Luci Collin
Manoela Leão

Artigos

Luci Collin
Renata Senna Garraffoni
Cristiano Castilho
Francisco R. S. Innocêncio
José Castilho Marques Neto

Entrevistas

Daniel Zanella
Diamila Medeiros
Hertz Wendel de Camargo
José Carlos Fernandes

Resenhas

Eduardo A. A. Almeida
Guilherme Gontijo Flores
Jani Mendonça
Luiz Felipe Leprevost
Nicole Kollross
Rodrigo Tadeu Gonçalves

Fotografia

Bruno Stock
Marcos Solivan
Unsplash

Ilustração

Leonardo Zampronio –
leozampronioart@gmail.com

Revisão

Rodrigo Tadeu Gonçalves
Francisco R. S. Innocêncio
Hertz Wendel de Camargo

Coordenação Gráfica

Rachel Cristina Pavim

Projeto Gráfico

Nicole Jaroszewski

Direção de Arte

Hertz Wendel de Camargo

Diagramação

Jéssica Reis
Nicole Jaroszewski

Reitor da UFPR

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Graciela Bolzón de Muniz

Editora
UFPR

www.editora.ufpr.br

ensaio

Um conto de peixes

Texto e fotos. — por **Henry Milléo**



“ [...] eu sabia que teria que conferir essa relação dos cubanos com a pesca.

Ao menos uma vez ao ano eu leio *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway. Durante muito tempo foi meu livro favorito; já não é mais, outro tomou seu lugar. Mas ainda sigo com o hábito de lê-lo e cada vez que tenho a oportunidade eu compro uma cópia quando a encontro em um sebo. Tenho alguns volumes em minha estante para comprovar minha obsessão com a história de Santiago e seu magnífico marlim, ainda belo mesmo depois dos tubarões.

Por essa e outras razões, estando em Cuba eu sabia que teria que conferir essa relação dos cubanos com a pesca. Por pura falta de tempo, não fui aos povoados de pescadores nas localidades mais humildes da costa cubana, nem mesmo encontrei um velho com o espírito de Santiago, o personagem central de Hemingway, mas pude entender um pouco a relação do povo com o mar e seus frutos.

Ao longo do *malecón*, o muro que circunda Havana e mantém o mar do lado de lá, e que serve como plataforma para pesca e ponto de encontro para amigos e casais, eu escuto constantemente a palavra “tubarão”, mas não cheguei a ver nenhum dos grandes devoradores de carne que infestam as águas do Caribe.

Também ouvi muitas vezes a palavra “pez” (peixe), que é gritada quando um cardume é avistado, e que serve de largada para uma corrida de obstáculos sobre o *malecón*, com homens e garotos desviando de toda uma sorte de pessoas, bolsas e objetos, enquanto carregam suas varas e linhas procurando um melhor ponto para fisgar algum peixe.

De vez em quando alguém recebe um golpe na cabeça, de um peixe que vem carregado pela cauda enquanto algum moleque corre pela murada. Mas quem corre rapidamente se vira e grita um “perdón”, e quem recebe o golpe não se incomoda, porque sabe que provavelmente ao fim do dia aquele peixe estará na panela de uma família que espera para degustar o que o mar do caribe tem de melhor.

E assim a vida de peixe segue seu rumo diário em Havana.

Henry Milléo – Fotojornalista, atualmente é correspondente das agências DPA (Alemanha), CrowdSpark (França) e Fotoarena (Brasil), fazendo coberturas no Brasil e na América Latina. Tem seu trabalho publicado no livro *O melhor do fotojornalismo brasileiro*, edições de 2013 a 2017.



prêmio

Os diversos caminhos da poesia

Entrevista com o vencedor e menções honrosas do **I Concurso Literário Editora UFPR**. — por **Diamila Medeiros**

Thássio Ferreira, 35 anos, que nasceu em São Gonçalo, cresceu em Niterói e mora há mais de dez anos no Rio de Janeiro, é “um cidadão da baía de Guanabara”, como ele mesmo se apresenta. Formado em Direito, atualmente o escritor vive uma pausa na carreira jurídica para se dedicar integralmente à literatura, o que tem rendido bons frutos: ele é o vencedor do 1º Concurso Literário da Editora UFPR, com o belíssimo *Itinerários*, seu segundo livro de poemas, depois de *(DES)NU(DO)*, lançado em 2016, pela Ibis Libris. O autor tem ainda contos e poemas publicados em diversas antologias e revistas.

Como se deu a questão de escrever poesia na sua vida? Foi algo sempre presente? Você escreve há muito tempo? O seu trabalho tem relação com a sua produção poética?

— Eu me apaixonei por literatura desde que aprendi a ler. Inclusive, um dos livros que ganhei de presente quando me alfabetizei era em versos rimados. Então desde muito cedo houve essa atração, que se intensificou quando li Manuel Ban-

deira. Mas não lembro exatamente como ou quando fiz o movimento de começar a (tentar) escrever. Sei que foi cedo, em torno dos 14 anos, mas a maior parte do que escrevi por muitos anos eu hoje acho ruim, foi um longo percurso até aqui. Meu trabalho mais recente como advogado me levou a lugares que instigaram de várias formas a minha poesia, mas a prática jurídica em si não dialoga muito com a escrita que desenvolvo como autor.

Seu livro de fato constrói itinerários de um eu lírico que parece estar transitando entre diversas paisagens. Há vários poemas que remetem a uma espacialidade afastada dos grandes centros, com paisagens do interior e grandes rios, mas que parecem vistas por alguém que não é dali. Você acha que fazer poesia tem relação com esse olhar que precisa de novos horizontes para se renovar ou que tem mais relação com um olhar que consegue tornar estrangeiras todas as paisagens?

— Acredito que há várias formas de se fazer poesia. O título também remete a isso, especialmente por estar no plural: trata-se de construir e explorar diferentes possibilidades e caminhos da linguagem, diferentes percursos poéticos. Eu particularmente exploro muito esse caminho de um olhar de fora sobre uma paisagem que não me é

familiar. Sair da rotina e travar um contato mais íntimo com a natureza, com o silêncio é algo que aguça a minha sensibilidade, desacelera minha mente para que ela possa (re)construir novos itinerários estéticos, linguísticos, de pensamentos. Mas na minha produção em geral, e também no *Itinerários*, há vários exemplos do outro tipo de processo que você menciona: de olhar e interpretar uma paisagem mais familiar sob um ângulo que busca traduzir aquilo de um modo novo, através da construção de uma linguagem nova. Há um punhado de poemas “urbanos” no livro que vão nesse sentido.

Em *Itinerários*, há uma sequência de poemas chamada “Cartas ao pai desde a distância” na qual é impossível não ouvir um eco kafkiano. No decorrer dos poemas, a ausência de respostas do interlocutor vai for-

jando um silêncio angustiante. Eu acho que sua poesia busca dramatizar esse silêncio, em alguns momentos, você concorda ou acha que a busca é sempre por dizer algo?

— O silêncio é muito presente na minha vida, eu gosto de silêncio, busco o silêncio, é algo que me interessa muito, me instiga. Por isso é um tema recorrente na minha poesia. Por vezes há um olhar de dramatização no sentido de evidenciar suas potencialidades, a riqueza que o silêncio possui, em oposição a uma ideia de vazio, e assim fazer com que @ leitor@, através de um percurso poético, enxergue (e sinta) o silêncio de uma forma diferente da que é mais habitual na vida corrida dos nossos tempos. Mas perceba que mesmo nessa relação com o silêncio existe uma busca por dizer algo, inclusive porque essa é uma das chaves de entendimento do silêncio na minha poética: o tanto que ele diz e pode dizer. O silêncio não é mudo (risos).

Há outros dois poemas, “Reunião dos Ribeirinhos” e “um poema do antropoceno”, que trazem a perspectiva do desastre – aguardado e/ou em curso. Nesse sentido, eu pergunto: qual o lugar da poesia diante desse cenário catastrófico contemporâneo? Existe um papel político para a poesia, mesmo em uma dicção poética com forte lirismo como a sua?

— Certamente existe a possibilidade de um papel político para a poesia, nesse sentido amplo da política que abrange todos os temas coletivos, que são regulados e afetados pelo exercício do poder institucionalizado. O que é diferente de uma *obrigação* da poesia em ser política. Eu mesmo sou muito mais ativo politicamente fora da minha produção poética. Mas a possibilidade existe e é não só plenamente válida como desejável, uma vez que a poesia tem esse potencial de abordar e revelar a realidade a partir de outros ângulos, de maneiras que podem impactar alguém pela sensibilidade, de uma forma que outras linguagens, mais racionais, talvez não consigam. Há muita gente no Brasil hoje fazendo poesia política da melhor qualidade. Na Festa Literária de Paraty (Flip), por exemplo, a Casa Philos – um espaço de programação paralela à oficial, organizada

pela *Revista Philos*, da qual sou editor-executivo – apresentou uma mesa sobre poesia política, que reuniu nomes como Lívia Natália, uma poeta já consagrada, com um trabalho fortemente ligado a questões sociais e da negritude; Rennan Leta, um jovem poeta de uma favela da zona sul do Rio de Janeiro, que poetiza sobre essa realidade urbana; Viviane Laprovita, outra jovem poeta, negra, da periferia; Dimitri BR, que tem um livro incrível escrito *sob* o impacto das manifestações de 2013 e *sobre* questões ligadas a padrões de gênero e comportamento; e Yassu Noguchi, que tem uma série de *zines* com poemas curtos sobre temas da cena política institucional contemporânea. No meu caso, temas políticos surgem de vez em quando, às vezes com um tratamento mais lírico, mais subjetivo, e outras de forma mais direta. Na mesma *Revista Philos*, publiquei em março dois poemas com teor político mais direto, sob o impacto da execução (política) da Marielle Franco e da intervenção federal (politiqueira) na segurança pública do Rio de Janeiro, que intensifica uma guerra às drogas ineficiente e assassina, travada em nome da paz das elites – e que ao fim não entrega paz a ninguém, mas mantém subjugada a maior parte da população urbana.

E em relação ao que se produz contemporaneamente, o que você costuma ler? Como você vê o cenário da produção de poesia no Brasil, hoje? Sua produção poética se afeta pelo seu trabalho como editor de uma revista literária (*Revista Philos*)?

— Eu leio bastante literatura, poesia e prosa, e *sobre* literatura também, por gosto. Por um lado é impossível ler a maior parte do que se produz de bom contemporaneamente, porque é bastante coisa; por outro, eu também já não tenho mais essa angústia, não me obrigo a isso. Não tenho pudores em abandonar uma leitura com a qual eu não esteja me conectando, por mais recomendada que seja a obra. Ao lado de muita poesia de qualidade, em variadas vertentes (uma das vantagens do pós-modernismo, em que há espaço para todos os tipos de linguagem e estilos poéticos), também se produz hoje muita poesia ruim, rasa, parte dela até bem sucedida comercialmente. Mas faz parte. Inclusi-

ve porque a poesia, mesmo quando é *fraca*, se é feita com entrega, se constitui uma verdade estética para aquel@ autor@, tem sua validade, seu espaço, seu público. Se toca alguém, já vale. O meu trabalho como editor impacta a minha própria escrita na medida em que me propicia contato com estilos bem variados, com produções literárias diversas, isso é enriquecedor. Até no caso de textos ruins. Por vezes, é enxergando fraquezas na produção d@s outr@s que eu me atento para fraquezas semelhantes na minha própria escrita.

“

[...] essa é uma das chaves de entendimento do silêncio na minha poética: o tanto que ele diz e pode dizer. O silêncio não é mudo.

Você disse na entrevista para a UFPR que tem uma forte influência do Manoel de Barros – que é notável na sua obra – e do Caio Fernando Abreu também. Além deles, quais são suas influências, não só do presente, mas de outros momentos também?

— Manuel Bandeira foi uma enorme influência, especialmente no início. Fernando Pessoa também, principalmente o heterônimo Alberto Caeiro. Posteriormente, Sophia de Mello Breyner Andersen, um pouco o Gullar, Adalgisa Nery. Isso em poesia. Em prosa minha maior referência é Clarice Lispector. Mas também Herman Hesse, Albert Camus, Amós Oz, Mia Couto, Bernardo Carvalho, Saramago. Às vezes é traçoeiro diferenciar quem nos impactou de quem nos influenciou. João Cabral de Melo Neto, por exemplo, me impacta profundamente, mas não necessariamente influencia mi-

nha produção. Há ainda os casos de influências específicas, que são relevantes num determinado momento, ou sob um determinado aspecto, mas que não afetam estruturalmente o que escrevemos. Por exemplo, foi um poeta contemporâneo, o Christovam de Chevalier, que fez com que eu me inclinasse a abolir o uso de vírgulas no fim dos versos. De certa forma, isso abriu novas portas para além da própria vírgula, no sentido de pontuar os poemas de forma menos cartesiana, menos estritamente gramatical, o que acrescenta camadas, riqueza, significados aos versos, mas não chega a influenciar o conteúdo dos versos em si. E há também a influência de quem pensa literatura. *A poesia e a crítica*, livro recente do Antônio Cícero que reúne ensaios sobre literatura, deveria ser lido e relido por tod@s que se propõem a escrever poesia.

Como foi receber a premiação no concurso? Você acredita que tenha sido relevante para sua produção poética? O que você pensa dos concursos literários, em geral, como poeta e como editor?

— Eu estava justamente a caminho da Flip quando recebi a notícia, que me trouxe uma alegria imensa, porque eu desejava publicar este livro ainda em 2018. Certamente, a oportunidade de publicá-lo, sem custo, com uma tiragem expressiva, é relevante para mim, ainda mais tendo sido ele escolhido pela equipe de uma editora como a da UFPR. Não só essa *chancela* e a publicação em si são muito bem vindas, como também trazem uma visibilidade muito interessante. Por exemplo, o Rodrigo Gonçalves, poeta e editor da UFPR, convidou o Guilherme Gontijo Flores, que admiro como poeta e editor da revista *Escamandro*, para escrever a quarta capa do livro, e ele me presenteou com um texto incrível; então já é mais uma ponte que se constrói nesse processo. Sobre concursos literários, há diversos deles hoje no Brasil que são sérios e constituem um caminho promissor para @s escritor@s, especialmente @s que ainda estão em início de carreira, como eu. Há também alguns concursos frágeis, que não me parecem tão relevantes ou úteis, em variados aspectos, mas no geral tenho uma visão positiva das iniciativas que conheço.

Adriane Garcia

Adriane Garcia, 45 anos, recebeu menção honrosa do júri do 1º Concurso Literário da Editora UFPR por *Eva-proto-poeta*, livro de poemas curtos que, com extremo deboche, contesta os discursos religiosos, políticos e culturais que insistem em regular o corpo (e a vida) da mulher. Funcionária pública, nascida e residente em BH, a poeta tem seis livros, três que já foram publicados (*Fábulas para adulto perder o sono*, editora Biblioteca do Paraná, 2013; *O nome do mundo*, Armazém da Cultura, 2014; e *Só, com peixes*, Confraria do Vento, 2015), um inédito e mais dois que serão lançados em breve.



DIVULGAÇÃO

Como se deu a questão de escrever poesia na sua vida? Foi algo sempre presente? Você escreve há muito tempo?

— Escrevo desde criança. Descobri a poesia muito cedo, aos seis anos, ao entrar numa biblioteca escolar, quando vi em cima da mesa o livro *Ou isto ou aquilo*, da Cecília Meirelles e me encantei com a musicalidade daquilo. Daí comecei a inventar, mas só mostrava pra minha mãe. Só fui escrever pensando em publicação em 2010, mas não publiquei. Fiz uma oficina literária e, em 2013, meu livro *Fábulas para adulto perder o sono* ganhou o Prêmio Paraná de Literatura.

O seu livro tem uma relação direta com o texto bíblico do *Gênesis* – tratado por um viés irônico – e tem, de forma manifesta, um teor político quanto ao lugar da mulher na sociedade e aos discursos que se produzem a partir disso. Minha questão para você é: como você vê essa dimensão política da poesia? Trata-se de algo relacionado a um compromisso ético do texto poético de apontar certas questões ou não? Você caracterizaria seu livro como político, militante?

— Eu creio que a dimensão polí-

“
E o que quero
é isso, que as
leitoras e os
leitores viagem
nessa outra
história de Eva,
Lilith, Deus e
Adão.

tica da poesia sempre existe, quer você coloque ou negue a questão política. Eu não creio que a poesia tenha a obrigação de sempre trabalhar com temas de explícita militância, até porque acredito que só por apresentar a beleza ao mundo, ou reflexão, ou introspecção, isso já é uma atitude importante. Porém, minha atuação crítica diante do mundo e dos acontecimentos acaba fluindo para minha poesia. Eu sempre digo que escrevo por causa de algum incômodo. Neste livro, trabalho o grande incômodo de saber das aberrações religiosas ditando o lugar da mulher em ple-

no século XXI, o incômodo de ver o discurso religioso se intrometendo no Estado que se diz laico, e que deve ser laico. O incômodo de ver mulheres sendo abduzidas para um discurso que é contra elas mesmas e de homens usando esse discurso como uma lei que a eles pertencesse. Foi um livro que escrevi, ao mesmo tempo, me divertindo muito, porque acho a crença nos textos bíblicos, especialmente do *Antigo Testamento*, algo surreal e voltar a eles me faz, cada vez mais, perceber o absurdo daqueles textos. Fábula por fábula, escrevi a minha.

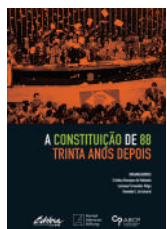
Algo que também chama a atenção no seu livro diz respeito a um certo tom de deboche, zombaria com certos discursos (políticos, religiosos, morais) que colocam o humor ao lado desse aspecto político (o que me lembra muito a Angélica Freitas). Como é essa sua relação com o humor? Ele se configura como uma possibilidade de embate também?

— Eu já sabia que escreveria o *Eva*, mas fiquei um tempo pensando qual seria o tom, e a forma. Percebi que só o humor poderia dar conta de uma história tão absurda. Acho

que das formas de inteligência, o humor é a mais atrevida. Os cartunistas provam isso o tempo todo: humor e síntese para desnudar. Então eu havia me decidido pelo humor e pelo poema curto, o mais sintético possível, porque creio na força da síntese. Gosto dos poemas que são como sementes: pequenas, mas com uma árvore dentro. O deboche é um instrumento muito eficiente para expor as entrelinhas, é o efeito da muita ironia. Gosto demais da ironia na literatura. E aquilo que se pretende verdade única, aquilo que se pretende autoridade sobre os corpos das mulheres, merece deboche.

Para finalizar, como foi receber a menção honrosa no concurso? Você acredita que tenha sido relevante para sua produção poética?

— É sempre bom receber uma avaliação positiva de seu trabalho. Quando me inscrevi, pensei principalmente na facilidade da publicação com um aval de qualidade, isso queima etapas. O bom é que se não ganhei o prêmio, ao menos vi que o livro funcionou bem. E o que quero é isso, que as leitoras e os leitores viagem nessa outra história de Eva, Lilith, Deus e Adão.



A Constituição de 88 trinta anos depois

Cristina Buarque de Hollanda,
Luciana Fernandes Veiga
e Oswaldo E. do Amaral
(Organizadores)

Política



Élites en las Américas: Diferentes perspectivas

Adriano Codato e
Fran Espinoza
(Organizadores)

Política



EscreverEntreMundos: literaturas sem morada fixa

Ottmar Ette.
Trad.: Rosani Umbach,
Dionei Mathias e Teruco
Arimoto Spengler

Literatura



Thiago de Azevedo Pinheiro Hoshino

Thiago de Azevedo Pinheiro Hoshino, 30 anos, é autor de *Nverso* – sua primeira obra –, livro que também recebeu menção honrosa no 1º. Concurso Literário da Editora UFPR. Assessor jurídico, professor universitário, nascido em São Paulo e residente em Curitiba, o trabalho de Thiago é formalmente muito apurado, sobrepondo diversas matrizes culturais na construção de uma dicção poética única.

Como se deu a questão de escrever poesia na sua vida? Foi algo sempre presente? Você escreve há muito tempo?

— Escrevo – sem regularidade, confesso – desde menino, desde que escrever se tornou uma possibilidade motora, não saberia precisar bem. Do que me recordo, contudo, a poesia veio antes da escrita, surgiu primeiro como acalanto: cantigas duvidosas de ninar, versos jocosos de desafio, rimas entremeadas em trava-línguas, fragmentos de repentes reconstituídos de memória por minha avó, Maria Luiza, a Maricota a que o livro faz referência. Evocações todas da sua própria infância no Rio Grande do Norte e Paraíba. Em casa, enfim, o cânone era popular e Patativa do Assaré era seu rei absoluto. Só mais tarde a esse registro afetivo vieram somar-se os livros e suas vidas de celulose. Quando chegaram me assoberbaram, me ocuparam e preocuparam meus pais, tão prejudicada ficou minha sociabilidade durante certo tempo. A reconciliação com a literatura oral veio alguns anos depois, sob a forma de *zuelas*, *chulas*, *itans*, *orins*, *ingorossis* de candomblé: a língua de santo. Nenhum dos três deslumbramentos jamais me abandonou. Escrever para mim, hoje, é tentar – nem sempre com sucesso – fazer alguma coisa de plausível (ou de palatável) com tudo isso.

Seu livro chama atenção pela criatividade linguística (forjando palavras, trazendo outras de línguas diferentes, sobretudo, de matriz africana) e

pelo fato de que a questão formal dos poemas surge de uma maneira muito bem delineada, jogando com rimas, ritmos, métrica. Como se dá esse trabalho formal para você? É um horizonte na escrita dos poemas ou é um ponto de partida? E, mais, como você vê isso na produção de outros poetas contemporâneos? É algo que você observa nos demais trabalhos? Gostaria que você falasse também um pouco da escolha dos títulos do livro e das seções e dessas sobreposições entre poemas que têm como tema suas origens e outros que trazem o elemento religioso como cerne: a religião é também uma espécie de origem, de ponto de partida? Como esse trânsito entre as culturas japonesa e africana forja sua voz poética?

— *Nverso* teve um batismo tardio. A maior parte de suas seções o antecederam em alcunha: *ncestros*, *ngangas*, *ntropos*, *ngustos*. “*Ngangas*”, que alude à cosmopolítica de raiz banto, abriu caminho para as demais. De certa maneira, é uma interpelação das/pelas tradições afrobrasileiras (tanto como ponto de partida existencial quanto como horizonte poético) e um convite à experimentação formal, em intertextualidade com estilos e suportes literários variados. Como o que se pareceria um soneto – em sua matriz, em princípio, tão rígida – a Kitembo, divindade que, não raro, subverte o protocolo? Como se cantaria a *Canção do exílio* se o referencial não fosse o salgado mar português, mas o Atlântico Negro da

“

A poesia, enfim,
como encruzilhada
de sentidos, é
morada de Njila, de
Exu. Longe dessa
morada, tampouco
meus versos
existiriam.

kalunga-cemitério? Como verter em octossílabos a exortação que um dia me fez uma *makota* sobre o cardápio sagrado? Mais do que “traduções”, sinto que tratamos de “transduções” aqui. Talvez mesmo “transeduções”, em que um idioma possa servir de “cavalo” para outro, atravessando-o, imiscuindo-se. E há os trânsitos, como você menciona. Dentre as seções do livro, a única que considero um ciclo mais ou menos intencional é “*ncestros*”. Ela mobiliza diferentes diásporas da minha família de sangue: o trajeto oceânico dos Hoshino ao Brasil; a viagem retirante da família de minha mãe de distintos estados do Nordeste a São Paulo; o sequestro de uma tia ancestral pelo Tribunal de Évora do Santo Ofício. “*Ntropos*”, por seu turno, reúne homenagens esparsas, sem fio de meada comum, a gente viva e a gente morta, mas sempre gente querida. Por fim, “*ngustos*” são poemas sobre os quais o nome já diz, então deixo de dizê-lo eu.

E quanto ao que se produz contemporaneamente, o que você costuma ler? Como você vê o cenário da produção de poesia no Brasil, hoje? E quais são suas influências, não só do presente, mas de outras épocas também?

— Tenho uma falha imperdoável de caráter: leio excessivamente teoria. Acompanho assistematicamente ou, melhor dizendo, selvagemmente, a produção de poesia contemporânea. A verdade é que não sou um especialista no assunto, nem me vejo em condições de comentar o cenário literário. Provavelmente, teceria comentários menos impróprios sobre o cenário político, embora ele não seja exatamente objeto dos meus poemas. Para isso já reservo minha prosa, na pesquisa acadêmica, com os sacrifícios estéticos cada vez maiores que ela exige. Obviamente, percebo influências de autoras/es múltiplos no que escrevo, ando sempre municiado de García Márquez, Conceição Evaristo, Mia Couto, Guimarães Rosa, Carolina de Jesus, Fernando Pessoa, Lima Barreto, Augusto dos Anjos, Cecília Meireles, Mario de Sá Carneiro. Sim, eu avisei que não era uma bibliografia necessariamente coerente, nem majoritariamente de poetas. Ando mesmo é de ouvidos abertos, porque há mais poesia entre o céu e terra do que supõe nossas vãs taxonomias. Já há alguns anos, minha atenção tem se centrado em outras tradições narrativas: variações de *orikis*, por exemplo, repertórios do *rap*, ladainhas de caruru, sambas de roda. Em direito, a expressão “a letra morta” da lei é corrente. Pois bem, a musicalidade é, para mim, a vida da poesia. Nada que não possa ser não só declamado, mas ao menos entoado, tem me interessado muito. Também importa o que não se faz com palavras: do ponto riscado no chão do terreiro ao *pixo* firmado em superfícies urbanas. A poesia, enfim, como encruzilhada de sentidos, é morada de Njila, de Exu. Longe dessa morada, tampouco meus versos (se é que de “meus” podem ser chamados) existiriam.

Como foi receber a menção honrosa no concurso? Você acredita que tenha sido relevante para sua produção poética?

— Dificilmente me vejo como poeta. Ser mencionado como um significa, quem sabe, poder considerar sê-lo.

poesia

Rodrigo Madeira, também um seu contemporâneo

— por **Luiz Felipe Lprevost**

Com três livros publicados, Rodrigo Madeira é um poeta nascido em 1979 na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná. Desde o ano de 1992, reside em Curitiba. Sua estreia se deu com *Sol sem pálpebras* (2007, Imprensa Oficial), obra em que já aparece a sua excepcional aptidão para o invento metafórico, a conciliação dos excessos e “defeitos” da linguagem com o lírico e seus vazados de beleza, em arranjos nos quais estão presentes a visceralidade inadiável e a observação do mundo (nunca de fora ou a frio), somadas à partilha do quinhão trágico da existência.

Nesse seu primeiro livro há um investimento sobre o íntimo e o espaço público, sociopolítico, urbano. O poeta não apenas se torna cúmplice da dor do outro, dos desgarrados e dos seres em estado de vulnerabilidade (sejam eles miseráveis, degenerados, indefesos, carentes etc.) como também é chamado a ser um deles. Vive então uma experiência própria na marginalidade, no vício, no submundo e no universo psiquiátrico.

O Rodrigo Madeira de *Sol sem pálpebras* é poeta que perdeu a virgindade com Rimbaud e em seguida se tornou um erudito, que aprendeu a fazer poesia do modo mais concreto possível: fazendo. E é uma produção madura demais para um primeiro livro, de elementos linguísticos e literários trabalhados com rigor, que nele encontramos. Um poeta inteiro, portanto, que não se furtou a conhecer os círculos infernais para de lá voltar.

Em seguida, em 2009, publica *Pássaro ruim* (editora Medusa). O seu pássaro da negatividade não é ave, mas gafanhoto, inseto provido de aparelho bucal mastigador, asas dobradas longitudinalmente e pernas posteriores adaptadas para o salto destruidor. A metáfora figurada por Madeira é poderosa.

Pássaro ruim está dividido em quatro capítulos, cujos títulos, em hebraico, são as fases do desenvolvimento do gafanhoto. Estes estágios, grosso modo, são: *Gazan*, a lagarta recém-saída do ovo, perfil embrionário; *Hasic*, pulgão, mudança de casca; *Yelek*, locusta, a metamorfose, quando patas e pequenas asas aparecem; *Arbeh*, por fim, o gafanhoto, pele nova, pernas firmes e asas desenvolvidas. Ei-los, a praga, o exército que pula e voa em alta velocidade, com sua capacidade devoradora.

“**Se a imaginação vai perdendo espaço para a literalidade, tem havido no Brasil [...] ao menos um florescimento, uma fertilidade que já faz marca e história.**”

Neste livro, Madeira refina a sua amarga ironia, confirma uma visão de mundo que não cessa de questionar a condição humana quanto à sua magnificência, ao seu esplendor. Aprofunda a perscrutação dos desvãos humanos, porém, sob a luz de alguma esperança que faça com que não se desista, mesmo nos poemas em que se reconhece incapaz de traduzir a vida em plenitude, mesmo que a claridade do dia venha acompanhada de angústia. Há o corpo, os sentidos, o sentimento e o pensamento, e isso tudo é valorizado por ele. O poeta é um captador de belezas, capaz de se iluminar mesmo com o fosco, com o porco, com o feio. O seu ofício incorpora o trágico e celebra tudo, mesmo o excretado.

Madeira fica então quase uma década sem publicar em livro sua poesia, até que em 2018 lança *Baldio* (Kotter). *Baldio* surge numa época de crise das Humanidades, num momento histórico em que, não só no Brasil, convive-se com uma miserabilidade espiritual e ética, de tensões sociopolíticas incontornáveis. Época das pós-verdades, época de sociedades pós-humanísticas. E se a arte e sua capacidade crítica, questionadora, transgressora, destruidora das verdades absolutas, vive em risco num contexto em que vemos o retorno das tentativas de criminalização dos artistas, em que o lugar no qual se busca conhecimento e sensibilização vem sendo achataado por interesses reacionários, em que há uma série de apagamentos,

e em que a imaginação vai perdendo espaço para a literalidade, tem havido no Brasil, ao mesmo tempo (não saberia dizer se apesar disso ou se por causa disso), se não uma espécie de *boom* da poesia, ao menos um florescimento, uma fertilidade que já faz marca e história.

Baldio, então, vem relançar e confirmar a poesia de Madeira neste lugar e nesta época, de onde ela fala de e para todos nós. Inconformada, ela indaga a todo momento: quem somos? E, não se furtando à responsabilidade, ela própria responde: somos esses, os que são menores que moscas. Se a sua ave era um pássaro ruim, se o seu pássaro não era pássaro, mas gafanhoto, os seus anjos não chegam a ser nem isso. Seus anjos não passam de moscas. E esta é justamente uma poética de radicalidade, cuja prática considera a palavra *gasolina* mais bela que o jasmim ou o lírio, que a margarida, mas ainda assim permite que o jasmim, o lírio e a margarida entrem no poema. A poesia para ele não é um templo, não é uma igreja. É, no máximo, “uma igreja/baldia” em que as moscas são as mais fiéis companheiras do ser humano. E mesmo sendo a poesia isso (coisa abandonada, mato crescido, lugar de goteiras e infiltrações, “*latim da mosca*”), nunca se viu humanidade que dela desistisse, que dela abrisse mão.

Parece-me importante ressaltar que o conjunto da obra de Madeira revela com clareza a sua disciplina intelectual, o seu sacerdócio, a sua



Flexíveis, virtuais e precários? Os trabalhadores em tecnologias de informação
Maria Aparecida Bridi e Jacob Carlos Lima
(Organizadores)
Tecnologia



Legado democrático e apoio à democracia na América Latina: evidências e mecanismos explicativos
Gabriel Avila Casalecchi
Política



Mundo rural e ruralidades
Alfio Brandenburg
(Organizador)
Sociologia

obsessão, o seu *pathos*, a sua capacidade ímpar de encarnação poética. Todavia, o meu interesse por situá-lo no contexto contemporâneo passa por um receio. Não desejo confundir de modo algum a ideia de poesia contemporânea, tomá-la como algo que almeje a um nível de excelência específico diante de regras estabelecidas a se cumprir, como acontecia no caso das escolas literárias do passado. Hoje, cada poema de cada poeta derruba e instaura o cânone por diferença, mais do que por identificação.

Num constante e incansável ir de encontro à atualidade, seja numa atitude de enfrentamento, seja num abraço afetuoso, a escrita de Rodrigo Madeira apresenta uma espécie de cólera administrada. Há um embate constante com os limites da subjetividade, da cultura, da história. É cabível afirmar que a sua poesia é incapaz de olhar, ver, tocar as coisas do mundo sem se sujar com elas. Eis, portanto, uma poesia sujada de beleza. Ao mesmo tempo, tantas belezas são encontradas na sujidade. Os terrenos baldios por onde circulam moscas, são fora e dentro da gente. Nesses lugares o poeta foi buscar os sentidos invertidos da beleza. Não há distanciamento possível que nos proteja. Pulsional, é na carne instigada do poeta que tudo vem dar. O colérico se apresenta. Mas por que faço questão de afirmar que se trata de uma cólera administrada? Porque na poesia de Madeira não há a ingenuidade da ira nem do delírio gratuitos. Nada há ali que não seja, ao fim, opção estética.

Estamos no universo de um autor cujo domínio das formas clássicas e das expressões modernistas é completo. Para além de um enquadramento que aproximasse a obra de Madeira do ideal de beleza convulsiva (proposto por Breton, em *Nadja*), vale dizer que a sua arte promove um equilíbrio constante, não só de forças

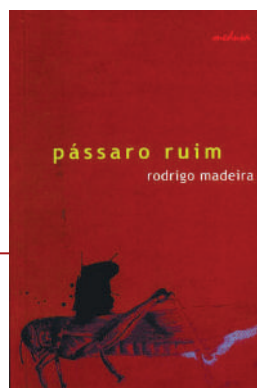
opostas, mas também daquelas que atravessam umas às outras. Há de se considerar que é tremenda a sua capacidade de elaboração racional, de transformação do tormento humano em objeto artístico. Essas forças atravessadoras, contraditórias, são as que, tensionadas, sustentam e fazem vibrar a poesia de Madeira.

É preciso que leiamos e pensemos mais e melhor a obra desse poeta. É o convite que por ora faço ao leitor. Madeira, como alguns sabem, há anos não participa do ambiente social da poesia, mantendo-se numa espécie de reclusão tranquila (no que difere de Dalton Trevisan ou de Herberto Helder). Alguns de nós tivemos o prazer de sua convivência por um tempo. O que ele disse e escreveu sobre o meu trabalho, o que me ensinou nas vezes em que tomamos café juntos, ajudou na formação do poeta que ainda procuro ser e me acompanha até hoje, mais de doze anos depois.

Rer ler os seus livros para escrever este artigo é dizer a mim mesmo o tempo todo: este é o nível de potência que um criador deve alcançar. Que a distância saudável que ele mantém não crie nenhum estigma. É um dos nossos e sei que não está tão longe assim. Certamente, ele se mantém atento e atualizado em relação à produção contemporânea.

Quando muitos dos que sabem dos seus processos dizem se tratar de um sobrevivente, faço questão de repetir (numa apropriação de Murilo Mendes) que Rodrigo Madeira não é somente um sobrevivente de si mesmo, mas também um seu contemporâneo.

“ É cabível afirmar que a sua poesia é incapaz de olhar, ver, tocar as coisas do mundo sem se sujar com elas.



terminal capão raso

*resto de coisa nenhuma.
ex-eternos.*

e ainda a vontade
de ficar
baldio

(des-
eternizado)
em sua pele.

o amor quando morre
não deixa um cadáver

pra feder,
pras moscas do ódio
ou indiferença,

paisagem móvel
no meio do dia.

matar este amor
é um crime limpo.
não há poça de sangue
ou corpo
clamando na morte
(o que de dentro
só se sente)

dois corpos apenas,

desencontrados, vivíssimos,
caminhando em
direções opostas
da cidade
(a mesma)



uma igreja

nada é mais belo, patético, difícil
que uma igreja
baldia:

tipo,

o capim no altar, as goteiras,
a infiltração das estrelas,

o latim da mosca, as velas
gastas como pilares do escuro.

eu pelo menos
nunca vi uma igreja
abandonada,
mas, se do nada
agora eu vejo
(as lembranças tomadas de mato
e uma única açucena),

algo em mim que remontasse
campeia por dentro,

monta ali acampamento
ou indigência

e me lembro,

tipo,
da poesia
de algum deus que
não se lembra



**El buen vivir,
interculturalidades y
mundialización: una mirada
desde América Latina.**
Juan Carlos Skewes e Antonio
Marcio Haliski

Sociologia



Epigrama: Catulo e Marcial
Robson Tadeu Cesila

Letras



**Gênero e consumo no espaço
doméstico: representações
na mídia durante o século XX
na Argentina e no Brasil**
Inés Pérez e Marinês R. dos
Santos (Orgs.)

História



A poeta no



Amigas e admiradoras da paranaense Helena Kolody formam trupe informal de poetas “à moda dela”.

*São as “Helenas”, título que não rejeitam. — por **José Carlos Fernandes**, com fotos de **Bruno Stock***

A advogada Adélia Maria Woellner não lembra ao certo “o bicho que deu” naquele 15 de fevereiro de 2004, um sábado chuvoso e enjoado de Curitiba. Recordar-se apenas de virar a direção do carro de repente, estacionar na Praça Rui Barbosa e em minutos se ver plantada ao lado da poeta Helena Kolody, 91 anos, no quarto em que sua amiga estava internada, na Santa Casa de Misericórdia.

Kolody – pouco dada a externar os achaques da idade – gemia de dor. Tinha as pernas arrocadas. “Minha intuição foi a de que ela morreria naquele dia”, conta Adélia, que para amenizar a tensão, disse uma bobagem qualquer, lançando mão do seu lendário bom humor curativo e analgésico. Conseguiu o que queria. “Só você para me fazer rir numa hora dessas”, disse a poeta, antes de ser levada para a UTI, desta vez não rindo, mas cantando sua canção predileta, *Ramona*, sucesso dos anos 1920 na voz da belíssima atriz mexicana Dolores Del Río.

Foi o último ato da poeta paranaense – e se deu ao lado de uma amiga. Não poderia ser diferente. O tamanho da rede de afetos de dona Helena Kolody, como muitos a chamavam, é uma contabilidade guardada pelos deuses. Vivendo cercada de ex-alunas, leitores, curiosos, pesquisadores, parentes – a exemplo da fidelíssima irmã com quem dividia o teto, Olga, morta no início de 2018. Tinha sempre a seu lado, sobretudo, poetas como ela, membros do fidelíssimo círculo das discípulas de Helena, as “Helenas”.

Podiam ser divididas em pelo menos três categorias:

1) As muito íntimas, com licença para visitar sem hora marcada o apartamento da Rua Voluntário da Pátria, esquina com a Praça Ruy Barbosa, dividido com a irmã. São exemplos de convivas com passaporte a própria Adélia Woellner, a literata Rosa de Oliveira, a cineasta Josina Melo e a galerista Eugênia Petriu, com quem Helena partilhava as raízes ucranianas. Ao saber que alguma delas estava na portaria, Olga delegava um “manda subir”, de modo a manter a triagem sob controle. Dependesse da poeta, haveria ali um Atletiba diário.

2) As simpatizantes – membros do Centro Feminino de Cultura e outras agremiações, admiradoras de longa data de Kolody. Faziam parte deste grupo a holandesa Janske Neimann Schlenker (diz-se “Ianske”) e a fluminense Lília Souza, ambas radicadas em Curitiba, além da escritora Alzeli Basseti, conhecida pelo esforço em tentar catapultar Kolody à Academia Brasileira de Letras. A própria Helena teria declinado da proposta.

3) Por fim, a turma da categoria “nunca te vi, sempre te amei”, escritoras que a admiravam de longe, em eventos literários, mas cheias de pudores em se aproximar. Antes, enviar uma carta. Antes manter a aura da distância. Viam-na como uma esfinge, um ente religioso. Era o caso da catarinense Íris Boff, 79, irmã do teólogo Leonardo Boff. Nunca trocou uma palavra com Helena, mas é da trupe. “O vínculo que tive com ela foi mais literário. De admiração. Eu não tinha direito de chegar muito perto. Muitas das coisas que escrevi, confesso, tive-

plural



“

Quando ela abria a boca, era um jorrar de poesia para todo lado. Não declamava, interpretava. Lembrava de tudo que é poesia. Os versos ganhavam valor na leitura dela.

ram Helena como inspiração”, diz essa poeta em segredo. Sua obra é declamada no quintal cercado de galinhas, flores, netos e amigos.

Independentemente da proximidade, os laços entre a Helena e as “Helenas” seguia um padrão mais ou menos rígido. Fosse no sofá da sua casa, num auditório, no café do Shopping Crystal ou no restaurante do primeiro andar do Shopping Itália, o CCI – sede de almoços mensais com as amigas e conhecidas –, o assunto era sempre poesia, com licença para algumas variações sobre o tema. “Nunca conheci pessoa tão delicada. Era um doce. Aqueles olhos azuis refletiam sua serenidade”, emociona-se Lília – em coro com as demais. Não se trata de um panegírico a uma falecida. Antes de “poetar”, Kolody explorava amenidades sobre a família, a saúde e o trabalho. Impressionava pela memória em ponto de bala. Aquecida pelos rapapés, ia ao que interessava: a produção poética, a sua, a dos poetas que amava e – com frequência – a das amigas. Poucas delas não pediam sua opinião. Não se tem notícia de quem tenha ficado sem resposta.

“Ela não negava um comentário”, lembra Adélia, 78. Fala com autoridade. Conheceram-se em 1963, no luxuoso Belvedere da Praça João Cândido, antiga sede da União Cívica Feminina Paranaense. Aproximaram-se a valer na década de 1970, em interlúdios na Academia Paranaense de Letras. Nunca mais se largaram. Outras desfrutaram da mesma benesse.

“Só me elogiava”, lembra Janske, 85 anos, conhecida pelos sonetos que escreve aos borbotões. “Os sonetos nos aproximaram”, vaticina, ao falar da produção quase inédita, distribuída em fotocópias para os mais chegados, somando já sete livros artesanais. “Recebi um bilhete, por escrito, com suas ponderações, logo que lancei meu livro de estreia, *Água e luz*”, diz Lília Souza, 64 anos, ao mostrar a folha de papel escrita com letra de normalista, hoje uma relíquia guardada em uma pasta plastificada.

Paralela às dicas literárias, obrigatórias nos encontros – domésticos ou não –, havia a declamação de poesias, praticada sem nenhum ritual. Bastava alguém lembrar um verso, dito ao acaso, para que se iniciasse o que deve ter sido o esporte preferido da autora – dizer poesia em voz alta. Helena Kolody se mostrava imbatível, como se pode conferir no média-metragem *A Babel da luz*, de Sylvio Back. “Quando ela abria a boca, era um jorrar de poesia para todo lado. Não declamava, interpretava. Lembrava de tudo que é poesia. Os versos ganhavam valor na leitura dela”, empolga-se Adélia. Profissional do Direito, ligada à RFFSA e poeta que se fez pelas rebarbas, com influência flagrante

de Kolody, tornou-se fiel depositária das confidências da amiga. Conheceu em detalhes o episódio do noivado desfeito na mocidade. O candidato era um boêmio, sem guarida. Fez da narrativa uma crônica, sem revelar a dona da história. Com o tempo, a própria Helena se encarregou de revelá-la, por acidente, num programa de rádio. Os versos que escreveu para o namorado deram origem ao livro *Poemas do amor impossível*, da Criar Edições.

No quesito declamação, Helena foi tão boa que houve quem temesse que os versos que escreveu não sobrevivessem à ausência de sua voz. O tempo mostrou que a tese era infundada – até porque dona Helena não morre nunca. Porque os curitibanos a amam, como observou mais de uma vez seu principal editor, o escritor Roberto Gomes. E porque suas amigas não deixam que descanse em paz. Quase 15 anos depois de sua morte, a dicção de Kolody encontra eco na fala de suas escudeiras. Alegam que não podem agir diferente. Helena, que nunca se casou nem teve filhos, tratava as Helenas como sua prole. Do que lembram? De Helena ligar no dia do aniversário e cantar “Parabéns” na secretária eletrônica.

“Dela aprendi a concisão”, comenta Lilia Souza sobre a amiga, à qual acaba de dedicar uma coletânea de ensaios. “Me impressionava como a Helena valorizava as pequenas coisas da vida”, acrescenta Adélia, que partilhou de

seu cotidiano, no recesso do apartamento ou nas muitas caronas, que a poeta, mesmo reservada, pedia com despacho. Gostava do carro da amiga e das andanças por Curitiba. Já com Janske, ia de táxi, estacionado à porta, rumo ao CCI, para refeições que podiam alcançar 40 pessoas. Nessas ocasiões, tornava-se o foco. Como lembram as que a acompanhavam, “à sua volta todos viravam beija-flores”.

Se isso a envaidecia, nunca se soube. Apenas a velhice extrema tirou Helena dos espaços sociais. Ao perceber que logo-logo a amiga não ia mais esperá-la para passeios de táxi, Janske a olhou de longe, escolheu um cantinho, e desatou chorar. “Ela estava no fim da vida. Que pessoa mais doce. Nosso convívio foi elevado”, resume. Ser uma das Helenas tem seu pago.

“

Me impressionava como a Helena valorizava as pequenas coisas da vida – acrescenta Adélia, que partilhou de seu cotidiano, no recesso do apartamento ou nas muitas caronas, que a poeta, mesmo reservada, pedia com despacho.



Memória viva — Íris Boff, Adélia Woellner e Lilia Souza.



infantil

Um Lobato pós-moderno

*Flavio de Souza é um grande ídolo de toda uma moçada que cresceu encantada com o Castelo Rá-tim-bum. Ele nos presenteia com um texto inédito. — por **Luci Collin**, com ilustrações de **Leonardo Zampronio**.*

O ator, diretor, escritor, dramaturgo, roteirista e ilustrador Flavio de Souza nasceu em São Paulo, em 1955. Na USP, cursou três semestres na Escola de Comunicações e Artes (ECA) e dois anos na Faculdade de Artes Plásticas da Faap. Integrou, de 1971 a 1980, o grupo de teatro experimental *PodMinoga*, junto de Naum Alves de Souza, Carlos Moreno, Mira Haar (com quem foi casado e teve os filhos Leonardo e Teodoro) e Dionisio Jacob.

Estreou na literatura em 1986, com o livro *Vida de cachorro*. De lá pra cá, são quase 60 livros publicados, a maioria para o público infanto-juvenil, como, por exemplo, os mais recentes *Antes e depois* (2018); *Nove monstros perigosos, poderosos, fabulosos do Brasil* (2015) e *Os Lohip*

-Hopbatos em A guerra da rua dos Siamipês (2013), publicados pela Companhia das Letrinhas. E Flavio também produz literatura adulta, com destaque para o *Vissi D'Arte*, biografia da atriz Marília Pêra. Prêmios, vem acumulando de sobra: APCA de melhor livro infantil de 1986, por *Um menino, uma menina, papel de carta, papel de embrulho*; Prêmio Adolfo Aizen da União Brasileira de Escritores – Destaque Didático de 2002, por *O livro do ator* (2001); um Jabuti por *Chapeuzinho adormecida no País das Maravilhas* (2006), sem contar que diversos dos seus livros receberam a prestigiosa Menção Altamente Recomendável pela FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

A primeira peça teatral de Flavio de Souza

apareceu em 1974. Desde então, escreveu perto de 70 outras. Entre suas peças mais destacadas está *Fica comigo esta noite* (1988), que estreou com Marisa Orth no papel de Laura e Carlos Moreno como Edu. No início da década de 1990, remontada então com Débora Bloch e Luís Fernando Guimarães no elenco, a peça ficou em cartaz por cinco anos, sendo apresentada em todo o Brasil, e também em Buenos Aires, Milão, Paris e Beirute. Essa peça foi adaptada por João Falcão para o cinema (em 2006), tornando-se um sucesso de público, desta vez com Alinne Moraes e Vladimir Brichta nos papéis principais.

Flavio de Souza dirigiu vários espetáculos, entre eles a ópera *João e Maria*, encenada no



Theatro Municipal de São Paulo, com regência de Jamil Maluf, e *Andersen sweet suite*, para o Balé da Cidade de São Paulo e a orquestra Experimental de Repertório, regência também de Jamil Maluf. E o Flavio criador e roteirista tem uma produção igualmente surpreendente, assinando vários roteiros de cinema, como os dos filmes *Xuxa abracadabra* (2003), *Xuxa e o tesouro da cidade perdida* (2004), *Didi, o caçador de tesouros* (2006), e roteiros de diversas séries de televisão como *TV Xuxa* e *Sai de baixo*.

Mas o trabalho mais notável e reconhecido de Flavio de Souza é a criação, juntamente com o cineasta Cao Hamburger, da premiadíssima série de televisão *Castelo Rá-tim-bum*, produzida pela TV Cultura entre 1994 e 1997. Flavio escreveu a maioria dos roteiros dos 90 episódios do programa—que imortalizou os personagens Nino, Dr. Victor, Morgana, Zequinha, Biba, Pedro, a dupla Tibio e Perônio (o papel do Tibio era interpretado por Flavio) e tantos outros. Criou também as séries *O mundo da lua*, *Rá-tim-bum* e *Ilha Rá-tim-bum*. Com essas séries, ajudou a criar no imaginário de gerações uma multiplicidade de referências nacionais, ampliando a perspectiva (também defendida por Maurício de Sousa, entre outros) de se voltar ao mundo e à linguagem das crianças brasileiras, já tão sufocadas pelas influências de culturas externas e distantes.

Flavio de Souza é um grande ídolo de toda uma moçada que cresceu encantada com o Castelo Rá-tim-bum. Colhemos três depoimentos sobre o programa que confirmam a beleza e a importância da contribuição de Flavio:

“Além de jogar videogame, desenhar mapas e folhear atlas, um dos momentos dos quais recordo com muita nostalgia é a antiga programação da TV Cultura (*Os contos de fadas*, *O mundo da lua*, com G. Guarnieri, etc.), em especial o programa *Castelo Rá-tim-bum*. Minha avó abria mão de assistir o começo da sua novela das seis para que pudéssemos, eu e minha irmã, assistir a um dos nossos programas favoritos, pois, lá nos anos 90, TV era artigo caro e só possuíamos uma. Até hoje algumas músicas e personagens voltam à nossa memória, em conversas sobre a infância (minha irmã é pedagoga), como a do ratinho que cantava no chuveiro. Foi nesse programa, também, que tive contato e acabei decorando o famoso poema de Manuel Bandeira, ‘Trem de ferro’, que, anos depois, seria lido por mim, tentando imitar o ritmo, em meu último ano do Ensino Médio. Para mim, entretanto, um dos melhores momentos era quando um dos personagens girava um globo e apresentava algum país para os telespectadores. Era um quadro bem secundário, se não estiver enganado, mas me marcou muito. Acho que foi aí que tomei gosto por mapas e passei grande parte da infância e adolescência colando cartolinas só para desenhar meu próprio mapa-múndi (quase fui cartógrafo!). Os quadros em que a lareira era acionada e marionetes apresentavam culturas de outros países também me fascinavam. Os personagens que mais me encantavam – e à minha irmã também, acho – eram o Mau e o Godofredo. Imitamos muito a risada maligna do Mau... Saudades desses momentos. (Ewerton de Sá Kaviski, doutor em Letras, professor da PUC/PR)

“Conheci pessoalmente o Flavio de Souza em um curso e fiquei impressionada com o quanto aquele cara, o criador de um dos programas de TV mais incríveis da minha infância, se revelou acessível. Segurei a onda de tietagem o quanto pude, mas ao final do curso, percebendo que não estava sozinha na admiração, fui com outros alunos até ele, pedi pra tirar foto, peguei autógrafo, e fiz questão de agradecer. Falei pro Flavio de como o *Castelo Rá-tim-bum* era, no início dos anos 90, um dos únicos conteúdos infantis de qualidade disponíveis. ‘Fora isso era só princesa picando o dedo no fuso de uma roca’, eu disse. E era mesmo. As crianças, especialmente as meninas, não tinham a gama de protagonistas femininas fortes e empoderadas que a geração de hoje tem à disposição. Mas o *Castelo Rá-tim-bum* era um oásis, um mundo mágico no qual a distinção de gênero não operava da mesma forma. E ali eu tive a companhia de mulheres fortes, como a tia Morgana, a Biba, a Penélope, até a cobra Celeste, e conheci os personagens e bordões que me acompanhariam na memória até o presente (‘esse castelo será meu, meeuu, meeeeeeu!’ eu uso até hoje, confesso). Toda orgulhosa, postei as fotos com o Flávio no meu Instagram; quase imediatamente comeci a receber mensagens de amigos, primos, gente de idades variadas, dizendo ‘senta que lá vem história’, ‘enquanto isso, no lustre do castelo’, cantando a música do ratinho tomando banho. Falando do quanto amavam o *Castelo* e de como ficariam igualmente eufóricos no meu lugar, conhecendo o responsável por tudo aquilo. Pelo grau de comoção, tive noção do alcance do trabalho do Flavio,

do quanto ele tocou e inspirou não só a minha geração, mas também a de crianças bem mais jovens que eu. Percebi o quanto o repertório que nos é apresentado na infância pode ser algo marcante e perene na nossa lembrança. E concluí: devia ter tietado muito mais. (Flor Reis, assessora jurídica e escritora).

“Esses dias as solas das minhas botas começaram a descolar e me apareceram o Tap e o Flap. Saudade dos fins de tarde em que meus irmãos e eu corríamos para ver o *Castelo Rá-tim-bum*. Não perdíamos um! Era ‘plifplotpliu’ e ‘Nooooooossaaaa!’ a porta de um universo se abria: os passarinhos-músicos, o ETvaldo, a bruxa Morgana, os cientistas Tibio e Perônio, a gargalhada fatal do Mau e o Doutor Abobrinha nos ensinaram a desconfiar, e que isso pode ser legal, já que nem tudo parece ser o que é, e mesmo assim, está tudo bem. Se ‘porque sim não é resposta’, então está posto. Procure. Descubra. Pode ser divertido.” (Ines Saber, artista intérprete-criadora, doutoranda em Teatro na Udesc).

conto

Felizes para sempre... enquanto durar

Texto inédito para a **Tinteiro**. — por **Flavio de Souza**

Você acredita, quando lê no final de uma história, que todos viveram felizes para sempre? Nem eu. Para começar, ninguém vive para sempre. Além disso, dá para acreditar que uma pessoa viveu, a partir de uma certa data, sem ficar um só dia com dor de barriga, brigar com alguém ou ter notícia ruim?

Você acha que depois do final feliz, aquele menino, que durante um montão de tempo foi um boneco muito cara de pau, nunca mais mentiu? Ou que aquele cisne, que foi confundido por bastante tempo com um pato muito feio, nunca mais foi maltratado?

Quer outro exemplo? Pelo menos uma daquelas princesas que se casaram com um príncipe no final de suas histórias e foram morar num castelo não foi feliz para sempre. Mesmo. Dizem que aquela conhecida como Cinderela começou a mostrar que não era muito certa da cabeça no ano em que uma grande estrela cabeluda, como eram chamados os cometas, passou lentamente pelo céu, de fevereiro a setembro.

Há quem acredite que o tal do cometa era, na verdade, uma nave espacial extraterrestre, e que foram transmissões eletromagnéticas de energia alienígena lançadas em direção à Terra por aquele objeto voador não identificado que causaram a mudança radical na maneira de ser da ex-gata borralheira.

No entanto, tem gente que acha que a princesa loira foi deixando de ter a radiante felicidade presente em seu rosto e em todos os seus atos a partir do terceiro aniversário do casamento com o príncipe Jeandro Feliciano Adrobaldo. Ou seja, o tempo foi passando, a novidade foi acabando e o verdadeiro jeito de ser dela foi aparecendo.

No castelo dela, a faxina geral acontecia uma vez por mês. Depois passou a ser semanal. Então, ninguém se lembra bem quando isso mudou, a grande limpeza completa passou a acontecer diariamente.

Todos os lençóis eram trocados, todo dia. Todas as toalhas iam para o tanque todo dia, mesmo que não tivessem sido usadas. Os pisos dos quarenta e sete quartos e salas eram encerados todo dia. Todos os vasos sanitários eram desinfetados com álcool três vezes por dia, todo dia. Enfim, tudo era limpo, lavado, colocado de molho, enxaguado, esfregado, torcido, polido todo dia.

As amigas da princesa perceberam que ela foi se mantendo afastada e, ao chegar e ir embora, os três beijinhos eram dados a pelo menos trinta centímetros de distância. E se ela, por acaso, encostava as mãos em alguém, corria para um banheiro para lavá-las durante vários minutos, antes de esfregá-las com perfume.

Os banhos eram tomados três vezes por dia, a não ser que ela tivesse que andar a cavalo. Nesse caso ela tomava um banho antes e outro depois e, se conseguisse, passava montada no cavalo embaixo de alguma cachoeira.

Dá para entender que a chamada Cinderela tivesse essa mania de limpeza, afinal ela passou toda a infância e a adolescência fazendo sozinha todo o serviço doméstico da mansão em que morava com sua madrastra e irmãs de criação, que por sinal eram bem malcriadas.

Seu marido começou a ficar preocupado quando ela mandou fazer botinhas de couro para todos os cachorros, gatos, porcos, carneiros, bodes e cabras, galos e galinhas.

Antes disso, ele achou engraçado o fato de ter que tomar um banho e lavar a cabeça antes de deitar na cama de casal, mesmo que já tivesse se banhado pouco tempo antes, e vestir um pijama limpo.

O príncipe não deu risada quando ela passou a queimar no quintal suas cuecas usadas no dia anterior. Nem quando ela encomendou um aquário de cristal gigante, que encheu de brinquedos, livros e lanches, para o filhinho do casal passar o dia todo, protegido, segundo ela, de infecções. E muito menos quando a princesa tentou convencê-lo a fa-

zer xixi sentado, para evitar “aqueles abomináveis pingos” no vaso e no chão dos banheiros.

Ele decidiu que tinha que parar essa coisa toda quando Cinderela passou a exigir que qualquer pessoa, para entrar no castelo, tivesse que usar uma vestimenta que ela mesma desenhou e apelidou de “armadura mole”: uma máscara de pano sobre a boca, uma touca para cobrir todo o cabelo, um tipo de pantufa que embrulhava todo o pé e o tornozelo e um macacão acolchoado de mangas compridas; além, é claro, das luvas que chegavam quase até os ombros.

Dizem que nenhuma das armaduras moles foi usada e que a princesa linda, loira e lisa se recolheu no alto de uma torre e nunca mais foi vista por quem visitava o castelo.

Mas essa foi apenas uma das princesas famosas a ficar insana a partir desta época. O dia a dia de uma de suas amigas acabou tendo um problema inverso: seu castelo foi se tornando sujo, bagunçado, encardido, fedido e até infectado pelos mais diversos insetos voadores e rastejantes e pequenos roedores. Tudo por causa dos distúrbios de sono da dona da casa. Estamos falando da princesa Aurora, é claro, também conhecida como Bela Adormecida.

No começo, ela passava o dia todo sonolenta, sem conseguir conter os bocejos que deixavam seu marido envergonhado, constrangido e irritado, porque aconteciam durante festividades, inaugurações e no meio de discursos dele, na frente da multidão de súditos. Em seguida, ela passou a cair no sono nas situações mais impróprias, tais como cavalcando durante uma caçada, dançando em pleno baile, jantando com convidados importantes e ilustres. Piorou quando ela passou a adormecer em momentos radicais, colocando sua vida em perigo; por exemplo, enquanto nadava no rio principal do reino, o que a fez quase morrer afogada.

Ao mesmo tempo, Aurora se tornou sonâmbula, e causou mais preocupações ao marido, que passou a segui-la, junto com as camareiras e alguns soldados, a partir da noite em que ela escalou o telhado do castelo e quase sofreu uma queda fatal.

Para completar, a princesa Aurora passou a ter insônia brava. Ela simplesmente não dormia mais e foi ficando com profundas e escuras olheiras. O mago que foi chamado conseguiu descobrir, através do hipnotismo, que ela não adormecia mais por medo de acordar cem anos depois.

Este sábio senhor receitou uma poção composta de várias ervas, tais como folha de maracujá, cidreira, camomila e passiflora. Com esse remédio ela voltou a dormir, mas por apenas alguns minutos, porque teve terríveis pesadelos com bruxas madrinhas, espíritos e dragões.

Pesadelos eram um dos males que impediam outra princesa de continuar sendo feliz para sempre. A ex-pequena sereia, que já era mãe de três crianças lindas e saudáveis, sonhava toda noite que seus filhinhos vinham abraçá-la com barbatanas, em vez de braços e mãos, e com olhos sem pálpebras, porque tinham a parte de baixo do corpo de gente e a de cima de peixe.

Durante o dia tudo ia bem, até que a princesa Ariel começou a sentir um cheiro forte de peixaria, que ninguém mais sentia, e passou a tomar banhos cada vez mais demorados, de três a sete horas e meia, com sabonetes, óleos e pétalas de flores, e exagerar na quantidade de perfume que passava em todo o corpo, o que fazia todos que viviam no castelo ficar intoxicados e sentir dores de cabeça fortíssimas.

O príncipe mais sofrido foi Lindolfo Dorival, casado com Branca de Neve, que foi ficando ansiosa, tensa, estressada, histérica com a manutenção do título de mulher mais linda do mundo, como se estivesse tomada pelo espírito de sua falecida madrastra.

O primeiro chilique foi depois de uma visita de sua amiga Aurora, que a fez berrar:

— Ela tem 116 anos e aparenta ser mais jovem do que eu!

Lindolfo começou a pensar em internar a esposa em uma clínica para doenças nervosas quando descobriu que ela estava tomando banho numa banheira cheia de loção de proteção solar, e que estava recebendo visitas de uma feiticeira famosa pela falta de escrúpulos, que injetava no rosto da princesa o veneno paralisante de uma aranha peçonhenta. Após cada aplicação, os músculos faciais de Branca se tornavam mais e mais imóveis, a ponto de ela não conseguir mais sorrir, chorar ou mesmo rir como um ser humano.

Ela foi se tornando praticamente um busto de mármore. Mas sem rugas!

O que deixou o marido mais apavorado foi a ideia de que ela havia discutido com um de seus ministros para decretar a expulsão do reino de toda e qualquer garota com mais de 13 anos, para que uma possível rival não pudesse desfilarem pelas ruas.

Além disso o pobre príncipe ficou rouco após uma noite em que teve que repetir inúmeras vezes, até o amanhecer, o quanto a amava, que a amaria até o fim dos dias, e alguns elogios, entre os quais:

— Você é a mulher mais bela do mundo! Você está tão jovem quanto no dia em que a conheci! Jamais existiu e nunca existirá mulher tão linda, elegante e com um rosto tão perfeito quanto o seu!

Por fim, foi o príncipe Lindolfo que acabou internado na clínica para doenças nervosas após ter ido ao banheiro no meio da noite e se encontrado com Branca, que estava com sua máscara de beleza composta de creme de abacate, quiabo e jiló, fatias de mamona, lama de terra roxa, placas de leite de cabra e tiras de alga selvagem.

Enfim, os autores que contam as histórias dessas e outras princesas sabem o que estão fazendo quando escrevem a palavra “fim”, assim que elas e seus príncipes encantados chegam ao altar para se casar.

Fim.





fotografia

Yguassu, água grande

*Biografia e ensaio fotográfico de **Nego Miranda**. — por **Leticia Magalhães** e **Estéfano Lessa***

Mexer no arquivo de outrem revelou-se uma tarefa ainda mais espinhosa do que a princípio tínhamos pensado. Além de um arquivo de mais de 40 anos dedicados à fotografia, com álbuns e álbuns de negativos e cromos, o volume se tornou ainda maior com o formato digital – não só pela rapidez de fotografar e armazenar, mas também, como que paradoxalmente, pela virtualidade do material que, quem sabe, tornava a possibilidade de perda mais iminente, e por isso o arquivo digital de Nego Miranda acabou se replicando inúmeras vezes. Nesses labirintos de bytes, muitas fotos se repetem, com pastas e nomes que às vezes se igualam, às vezes não.

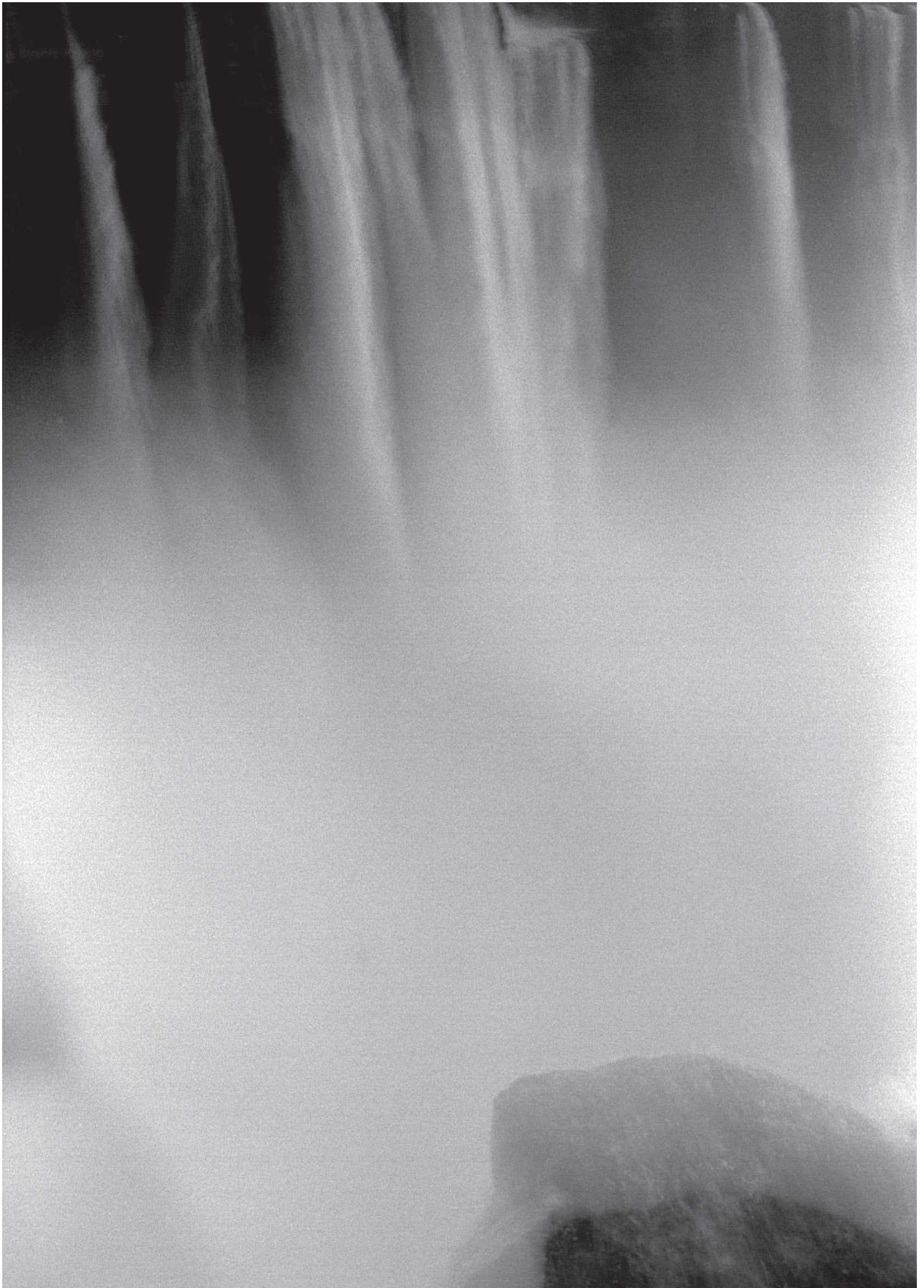
Foi num desses passeios pelo olhar do autor que encontramos uma pasta intitulada Projetos em andamento, na qual descobrimos tardiamente fotos dos Campos Gerais, de um livro que está no prelo – com lançamento previsto para breve –, e também projetos concluídos, além de outras fotos relocadas de um projeto para outro. Projetos que ele gosta de chamar de sonhos. E que em nossa busca efetivamente se mostraram como sonhos recorrentes, pois as paisagens e técnicas se repetem, iguais, semelhantes, mas com recortes e em seleções distintas que possibilitam, como os caminhos do inconsciente, novas interpretações.

Nesse sentido, achar fotos da foz do Rio Iguaçu, que acaba magistralmente nas cataratas, jorrando água e beleza, pareceu-nos bastante

simbólico, num momento em que a vida fotográfica de Nego está também chegando à sua foz, com muita intensidade, depois de cortar as inúmeras veredas paranaenses. Ver a força das águas sob o seu olhar nos emocionou, principalmente ao descobrirmos fotos que ainda nos eram inéditas.

Quando levamos essas fotos para que ele nos ajudasse com a seleção, ver-nos foi mais emocionante que as próprias fotos – num abraço apertado, bonito e marcado pelo tempo, como as rochas que abrem espaço para as cachoeiras se formarem, seus olhos lacrimejaram muito. Ao vê-las, porém, o olhar doce de Nego voltou à tranquilidade e, sem falar, ele sorriu como que consentindo nessa seleção – Yguassu, água grande (encontramo-la com os dois nomes, que resolvemos juntar aqui nesta publicação).

Esperamos que os caminhos das águas grandes também lhes sejam significativos, ainda que não saibamos qual a técnica (arriscamos dizer que algumas são decorrentes de uma tecnologia elementar, a câmera sem lente, aliada à câmera digital, “criando” o pinhole digital; outras em cromo e, por fim, outras com uma característica que é cara aos projetos autorais de Nego Miranda desde o início – mexer a câmera no momento da foto). As datas também são desconhecidas, ainda que nesta seleção consigamos atar as pontas de suas fotos, de *Nuvimento a Yguassu*.







Nego Miranda



JOÃO URBAN

Biografia

Neto de ervateiro, Nego Miranda não herdou do avô o gosto por tomar chimarrão, mas as paisagens paranaenses, que têm sua história muito ligada ao cultivo da erva-mate, estão presentes em quase todos os seus projetos autorais. Nascido em Curitiba, na infância também morou em Londrina e Paranaguá. No início da carreira, após concluir o Curso Técnico de Eletrônica no Centro Federal de Educação Técnica do Paraná (hoje Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR), estudou Filosofia na UFPR, mas seguiu trabalhando como técnico em eletrônica. A trabalho, viajou para o Rio de Janeiro, onde frequentou um curso

de cinema no Museu de Arte Moderna, em 1969. Lá, trabalhou na Abracan Filmes e foi assistente de Pedro Paulo Lazzarini até 1975.

No final dos anos 1970, retornou a Curitiba já com a paixão pela fotografia e, de forma autodidata, começou a trabalhar no campo da publicidade com Geraldo Magela, Paulo Leminski, Solda, entre outros. Nos anos 1980, integrou, junto com Márcio Santos, Dico Kre-

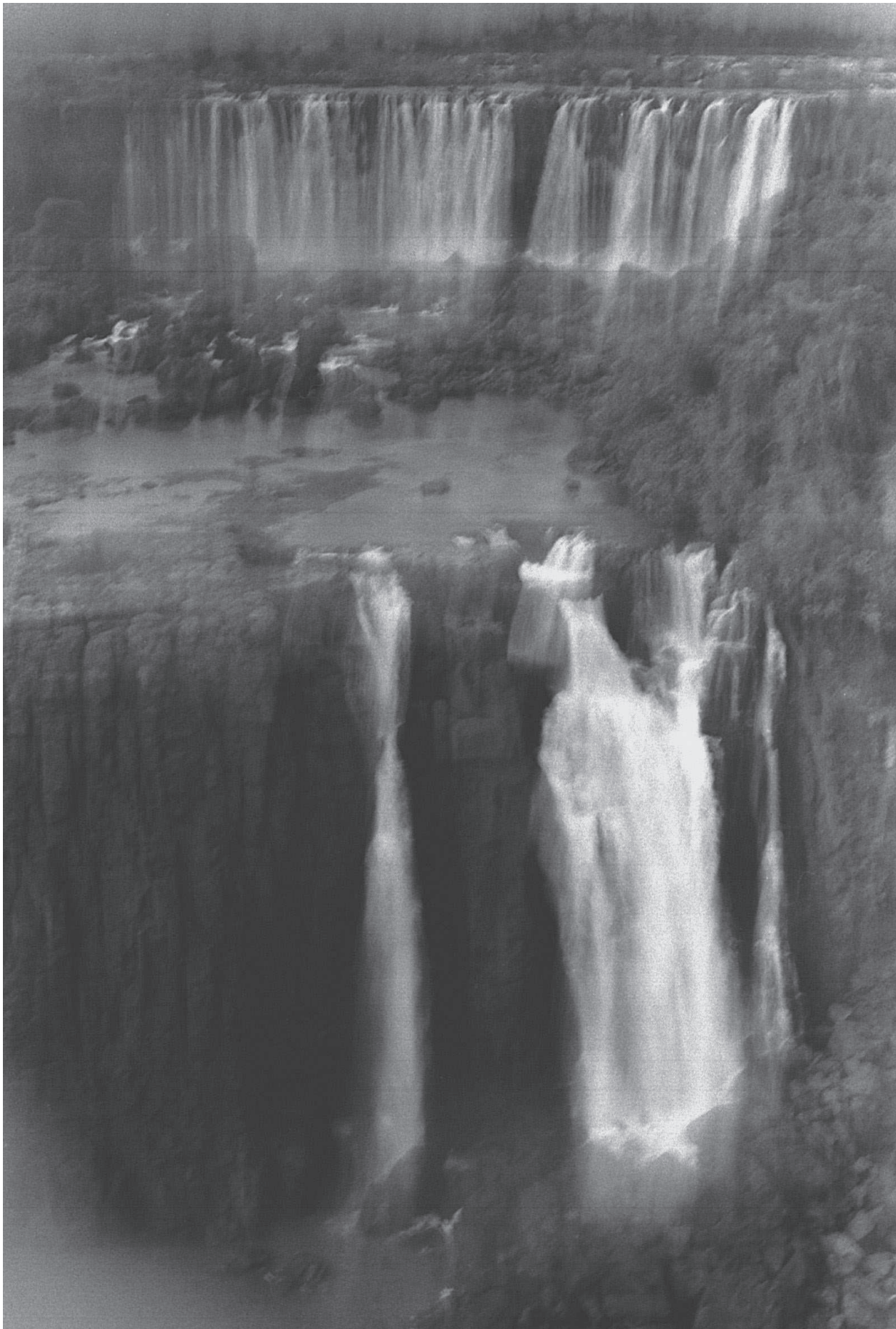
mer e João Urban, o ZAP, estúdio de fotografia publicitária. Mais tarde, fundou a Fototécnica, com João Urban. Até o início dos anos 2000, Miranda e Urban seguiram com a fotografia publicitária, acompanhando as inúmeras mudanças que a arte fotográfica experimentou nessa virada do século.

Paralelamente à publicidade, Nego Miranda desenvolveu trabalhos de expressão pessoal: ensaios

“
Muitos desses
ensaios viraram
livros [...]

sobre o nu, trabalhadores, o cultivo da erva-mate, a arquitetura tradicional de madeira do Paraná, o tabaco em Cuba, os Campos Gerais, os armarinhos curitibanos,





Segundo escreve
Rubens Fernandes
Junior, no prefácio
de *Engenhos e
barbaquás*,

Miranda parece possuir uma vocação para apontar sua câmera na direção de um universo em extinção e, sabendo disso, usa a lucidez não para documentar a destruição do processo, mas para registrar com força testemunhal a estética do trabalho artesanal e a beleza do meio ambiente. [...]
Com essa perspectiva é que podemos avaliar a fotografia documental de Nego Miranda, na qual a inspiração e interpretação sugerem um profundo envolvimento com o tema, e sua motivação consciente elabora um ensaio que sintetiza uma fantástica visão do homem e seu trabalho. Miranda devolve à fotografia a possibilidade de viajar no tempo e no espaço, ao mostrar um mundo captado através de um olhar crítico, paciente e, simultaneamente, revelador. No silêncio da imagem, a lembrança; no reconhecimento, o inevitável percurso das transformações.

paisagens diversas por onde passou, e a “Curitiba de Dalton Trevisan”, assim como o litoral paranaense, em especial Morretes, onde reside desde 2009. Muitos desses ensaios viraram livros, a maior parte em parceria com uma grande amiga, a jornalista e ambientalista Teresa Urban.

Recebeu o Prêmio Fundação Conrado Wessel/São Paulo, em 2011; o Prêmio Porto Seguro/São

Paulo, em 2010; e foi vencedor do 2º Salão Internacional de Fotografia de Havana, em 1994; do 2º Concurso Ilford/Micro de Fotografia P&B, em 1997; da Bienal de Fotografia Ecológica de Porto Alegre, em 1982, entre outros.

Além de publicar livros autorais, atuou também na área editorial com a reprodução de obras de arte, fotografia documental e breves ensaios nas revistas *Grá-*

fica, *Eros*, *Et Cetera* e *Helena*. Ministrou minicursos de fotografia documental nas escolas Portfólio e Centro Europeu, ambas em Curitiba. Em 2018, foi homenageado na Câmara Municipal de Curitiba pelos seus 40 anos de atuação profissional, nas áreas da fotografia publicitária, fotojornalismo e fotografia autoral.

Atualmente, o ritmo de suas lentes diminuiu, mas um último de

seus projetos de livro – aos quais ele chama *sonhos* – está no prelo, com lançamento previsto para este ano de 2018. Intitulado *Caminhos de Curitiba aos Campos Gerais*, esse derradeiro sonho reúne fotos atuais e de arquivo sobre os Campos Gerais, suas gentes, sua história e suas paisagens. É feito em parceria com a pesquisadora Rosemeri Marenzi e o jornalista José Carlos Correa Leite.



lançamento

O som cinematográfico

Um importante marco dos estudos sobre o som no cinema e no audiovisual. — por **Jani Mendonça**

O *som do filme: uma introdução*, publicado pela Editora UFPR em parceria com a Editora UFPE, é um livro cuja abordagem, acerca dos elementos sonoros do audiovisual, compreende textos de referência que abordam informações pouco ou quase nunca disponibilizadas em língua portuguesa. Com isso, os autores Rodrigo Carreiro (UFPE), Débora Opolski (UFPR) e João Batista Godoy de Souza (USP) oferecem uma obra que vem preencher a lacuna notória dos estudos do som, no que concerne às publicações acadêmicas a respeito de cinema e televisão.

A obra, que foi concebida para ser um livro-texto sobre o som cinematográfico, tem por público-alvo acadêmicos dos cursos de cinema e audiovisual, sem desconsiderar, no entanto, os demais interessados nas possibilidades criativas do som em diferentes produtos audiovisuais. Nesse sentido, e devido ao seu caráter pedagógico, a obra compreende em sua estrutura três momentos distintos, a saber: Parte I - História e teoria do som no cinema; Parte II - O som na produção cinematográfica; Parte III - O som na pós-produção cinematográfica.

No que concerne à primeira parte do livro, o conteúdo - de caráter introdutório - é distribuído em três capítulos. No primeiro deles, Rodrigo Carreiro oferece uma visão panorâmica da cadeia produtiva do som no cinema, esclarecendo quem são os profissionais envolvidos na produção sonora, além de apresentar um breve resumo sobre os princípios da organização dos sons em uma produção audiovisual. Em seguida, o autor

aborda a história do som no cinema, traçando os principais marcos cronológicos na evolução do uso desse recurso no meio audiovisual, discutindo as questões tecnológicas e suas implicações estéticas, considerando também as condições socioeconômicas e culturais no contexto da produção fílmica. Por fim, Carreiro realiza uma síntese das pesquisas e teorias desenvolvidas sobre o som cinematográfico, tomando por ponto de partida a década de 1920 e estendendo-se até os dias atuais. Seu objetivo, com esse capítulo, é ressaltar - de maneira abrangente - as principais contribuições para a área de autores como Michel Chion, Cláudia Gorbman e Rick Altman, assim como as dos estudos contemporâneos sobre o som no cinema.

Uma linguagem acessível, clara e objetiva, sem dispensar a reflexão aprofundada.

Na segunda parte da obra, João Batista Godoy de Souza, autor do quarto capítulo, debruça-se sobre a produção sonora a partir do som direto, ou seja, do áudio captado no decorrer da realização fílmica. Dessa maneira, o capítulo se configura como uma sistematização da rotina de trabalho do profissional do som direto, assim como das suas implicações nas demais áreas técnicas do cinema e do audiovisual, ressaltando a importância da sensibilidade, da experiência e

do potencial desse profissional na busca pela fidelidade da voz e pela preservação da textura espacial da vocalização, no intuito de alcançar a representação sonora mais adequada à *mise-èn-scene*.

Quanto à terceira parte, que compreende o quinto capítulo do livro, tem como foco a discussão acerca dos processos de pós-produção do som cinematográfico. Nesse terceiro momento da obra, a pesquisadora Débora Opolski se debruça sobre as linhas de pós-produção de som a partir de estilos de manipulação e de trabalho diferentes, objetivando compreender a utilização/aplicação de técnicas como o som direto, o *foley* e os efeitos sonoros no cinema e no audiovisual de modo geral. No decorrer do texto, a autora reflete sobre a aplicação desse conjunto de técnicas - ou mesmo de uma só delas - em função das exigências e características fílmicas da obra, bem como do cronograma e do orçamento disponível para essa etapa da produção. Nesse sentido, o objetivo principal do capítulo é discutir as implicações da reconstrução do som como discurso sonoro que compõe a narrativa fílmica, no intuito de persuadir o público a compreendê-lo como elemento integrante - e indissociável - da obra.

Com base no exposto, é possível concluir que a obra *O som do*

filme: uma introdução constitui um importante marco dos estudos sobre o som no cinema e no audiovisual, sobretudo por possibilitar uma visão panorâmica e crítica dos aspectos históricos desse tema, perpassando o som direto no campo da produção cinematográfica para, por fim, desembocar na pós-produção sonora e suas diferentes técnicas. Nesse sentido, a obra é uma contribuição inestimável para a construção do conhecimento sobre a natureza, o trabalho e o pensar a sonoridade, que é apresentada de maneira pedagógica. Recorre para isso a uma linguagem acessível, clara e objetiva, mas sem dispensar a reflexão aprofundada sobre as implicações do som cinematográfico para a qualidade fílmica e, por conseguinte, para o impacto que audiovisual exerce sobre o espectador.



O som do filme: uma introdução

Organização de Rodrigo Carreiro. Textos de Débora Opolski, João Batista Godoy de Souza e Rodrigo Carreiro.



Itinerários

Thássio Ferreira

Literatura



À Margem do(s) cânone(s). Pensamento social e interpretações do Brasil

Alexandre D. Trindade, Hilton Costa e Diogo da Silva Roiz (Organizadores)

Sociologia



Como se faz uma novela

Miguel de Unamuno
Trad.: Lucas Piccinin Lazzaretti

Literatura



tradução

A armadilha de Unamuno

Um breve passeio entre a política e a poesia. — por **Hertz Wendel de Camargo**, com foto de **Marcos Solivan**

Doutorando em Filosofia, Lucas Lazzaretti tem predileção por desafios. Não é por menos que estuda o pensamento do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard e sua relação com a tradição alemã. Na atual jornada da pesquisa acadêmica, busca demonstrar como se estabelecem elementos de identidade e diferenciação na relação do filósofo com o idealismo e o romantismo alemães. Aos 29 anos, lançou seu primeiro romance, *Sombreira* (pela editora 7Letras, 2018). É um homem de grandes passos. Sua primeira tradução foi lançada pela Editora UFPR em 2017. A ideia de traduzir o livro *Como se faz uma novela*, do filósofo espanhol Miguel de Unamuno, surgiu ainda na graduação. Considerado por Lazzaretti um autor original, singular, tratou logo de dar uma voz “brasileira” a essa importante figura da história espanhola. Sobre o processo

de tradução, Lazzaretti esclarece que “Unamuno escreve de uma maneira que é ao mesmo tempo retórica e poética, um misto que põe o tom de ensaio naquilo que diz respeito à sua contemporaneidade e que, simultaneamente, põe um tom literário naquilo que diz respeito às reflexões filosóficas, religiosas e mesmo novelísticas. Minha atenção foi voltada para essa questão, onde tentei preservar a cadência e o estilo de Unamuno”. O filósofo espanhol e alguns de seus contemporâneos e contemporâneos da Geração de 98 constam em outros projetos de tradução, como também a tradução de algumas obras de Kierkegaard do dinamarquês para o português. O convite, agora, é para um breve passeio ao universo de Miguel de Unamuno, personagem que transita da poesia à política, da filosofia à literatura, que volta à vida pelo olhar de Lucas Lazzaretti.

Miguel de Cervantes, Francisco de Quevedo, Pedro Calderón de la Barca, entre outros são autores espanhóis bem conhecidos. Quem foi Miguel de Unamuno e qual seu lugar nesse panteão da literatura espanhola?

— Miguel de Unamuno foi um romancista, ensaísta, filósofo, poeta, contista, dramaturgo, tradutor, enfim, foi detentor de uma série de atributos que não parecem dar conta de explicar sua produção. Unamuno nasceu em Bilbao em 1864 e fez sua formação universitária em Madri. Foi professor de língua grega e reitor da Universida-

de de Salamanca, além de ter sido deputado e de ter exercido uma vida política agitada, mostrando-se sempre combativo aos governos ditatoriais. Parece haver ao menos duas facetas na vida de Unamuno, que encontram reflexo em sua produção literária: pelo lado público, trata-se de um autor que não deixou de posicionar-se perante questões políticas, culturais e sociais que pareciam pertinentes, agindo ativamente e fazendo com que essa postura encontrasse eco em seus escritos; pelo lado mais privado, foi um autor de reflexões e ponderações existencialistas, um homem que questionou profundamente sua própria fé e que buscou estabelecer para si um âmbito filosófico e literário bastante particular. O entrecruzamento dessas duas facetas foi se tornando cada vez mais *agônico*, para usar um termo do próprio Unamuno, ou seja, cada vez mais essas duas facetas estavam em embate, porém um embate que não pressupunha a oposição ou a simples contradição, mas que permitia a produção de elementos de conjunção. É o que se percebe, por exemplo, ao considerarmos seus livros: se tomamos *Paz na guerra*, seu primeiro romance, de 1897, nota-se ali a preocupação social e histórica ao retratar as guerras carlistas da Espanha, mas também se nota o conflito do eu com o mundo; de igual maneira ocorre com seu segundo romance, *Amor e pedagogia*, e cada vez mais intensamente com *Névoa* (1914), e depois em *São Manuel Bueno, mártir* e *Don Sandalio, jogador de xadrez*, ambos de 1930. Nos romances mencionados, como também nos contos, nos ensaios ou nas peças de teatro, nota-se sempre um contínuo esforço por parte de Unamuno para trazer essas duas facetas de sua vida, o lado público, político, social e o lado existencial, religioso, psicológico e interior.

Unamuno foi um autor de obras esparsas. Seria isso uma certa “rebeldia” em relação ao racionalismo e positivismo, bases de

formação do seu pensamento?

— É fato que, inicialmente, sua formação teve grande influência do racionalismo, do positivismo e de certo realismo. Contudo, hoje sabemos que houve uma ruptura com essas correntes do pensamento, já que temos acesso ao que ficou conhecido como *Diário íntimo*, escrito até 1897, o qual retrata a crise espiritual e intelectual que Unamuno sofreu na última década do século XIX. Não houve, no entanto, uma verdadeira rebeldia para com o racionalismo e o positivismo, porque mesmo antes da crise o escritor já trazia consigo elementos que não se coadunavam com essas correntes do pensamento, como era o caso de seu misticismo de cunho cristão-católico, ou ainda de sua inclinação para a simplicidade da vida basca que ele havia experienciado na infância. O que ocorreu após a crise, contudo, foi uma verdadeira ruptura e uma negação tanto do racionalismo quanto do positivismo, mas também de certo intelectualismo e de certo objetivismo, uma ruptura que, me parece, se estabeleceu no momento em que o escritor se alçava para seu ponto de independência intelectual e espiritual. Isso quer dizer que é a partir da crise e dessa ruptura que Unamuno estabelece, com maior segurança, os temas e os estilos que o seguirão por toda a vida, e acontece que esses temas e estilos são constituídos em um confronto com as correntes de pensamento predominantes na Espanha de sua época. Agora, isso não parece guardar nenhuma relação com o fato de que Unamuno tenha sido um autor de obras esparsas. Da forma que vejo, não há realmente um caráter esparso em sua produção, mas há, quando muito, um caráter contingencial, sobretudo quando consideramos que o autor era também professor, reitor, deputado e ocupava um lugar público de destaque, de modo que muito do que hoje está reunido em suas *Obras completas*, sobretudo os ensaios, foi produzido ou por força de um aconte-

cimento histórico, ou por convite e encomenda de jornais não apenas da Espanha, mas também de outros países, como a Argentina ou a França. O que pode parecer inicialmente como uma produção esparsa, no entanto, pode ser visto como contendo alguma noção de conjunto ou de continuidade quando se consideram os temas abordados. Se tomarmos, por exemplo, alguns contos presentes na coleção *O espelho da morte*, vemos que ali há elementos que figuram também em peças teatrais como *Sombras de sonho*, ou em *O outro*. Da mesma forma, com o ensaio *A agonia do cristianismo*, que traz elementos de reflexão que depois serão explorados em *São Manuel Bueno, mártir*. A sensação de que se trata de uma obra esparsa talvez advinha do fato de que Unamuno não é um autor sistemático, não tem um projeto definido, tanto no campo literário quanto no campo filosófico, mais uma característica que compartilha com Kierkegaard. Além disso, sua exploração de diferentes gêneros e, principalmente, sua tentativa de romper as barreiras e os limites entre os gêneros podem produzir essa perspectiva, mas, repito, parece-me que, quando olhamos com cuidado, vemos que aquilo que aparentava ser esparso possui, em verdade, uma relação de conjunto bastante peculiar.

Como se faz uma novela, ao contrário do que o título sugere, não é um livro que ensina a escrever uma novela. O que o leitor vai encontrar?

— *Como se faz uma novela* é algo que não é. Explico: parece ser um ensaio, mas não é só isso; parece ser um experimento de romance/novela, mas não é só isso; parece ser uma espécie de diário de exílio, mas não é só isso. Antes de tudo, o que pode ser dito é esse ponto central, de que não se trata de um livro que ensina a escrever uma novela, e, portanto, não poderia ser entendido pelo título “Como escrever um romance”, porque absoluta-

“
[...] um homem
que questionou
profundamente sua
própria fé e que
buscou estabelecer
para si um âmbito
filosófico e literário
bastante particular.

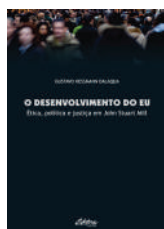
mente não é isso. É preciso atentar, inicialmente, para o fato de que o verbo presente no título é “fazer” e não “escrever”, porque Unamuno está de alguma forma lidando com os meandros da “feitura” de uma novela. Além disso, um esclarecimento de ordem pontual pode ajudar a evidenciar alguma coisa: na tradição espanhola, como também na anglo-saxã, o que nós entendemos no Brasil por romance é compreendido por “novela”. Muito embora existisse a possibilidade de traduzir “novela” por “romance”, com isso perderíamos a nuance utilizada por Unamuno quando afirma, já em *Niebla*, que pretendia deixar o gênero da “novela” para estipular um novo gênero, aquele da “nivola”, uma criação que está presente do início ao fim de *Como se faz uma novela*. Não se trata, portanto, de um manual, trata-se de um texto que serve como o abrir da tampa de um piano, onde se vê aquilo que está produzindo o som e então se descortina a possibilidade de averiguar o que faz a música, ainda que a própria música, ao fim, reste inalcançável, pois está em outro âmbito. Unamuno apresenta como se faz uma novela para explicar como se faz uma existência, e a explicação parece simples e paradoxal, como agradava ao escritor, ou seja, a existência e a novela só se fazem fazendo. Isso não parece dizer muita coisa em termos objetivos, mas talvez seja essa a armadilha de Unamuno.



Jovens, consumo e convergência midiática

Regiane Ribeiro
(Organizadora)

Comunicação



O desenvolvimento do Eu. Ética, política e justiça em John Stuart Mill

Gustavo Hessmann
Dalaqua

Filosofia



O equinócio dos sabiás. Aventura científica no seu jardim tropical

Marcos Rodrigues

Ecologia

crítica

Josely Vianna Baptista, autora do *Popol Vuh*

— por **Guilherme Gontijo Flores**

Em meados do século XVI foi escrito o que hoje chamamos de *Popol Vuh*, ou *Popo Vuh*, o grande livro mítico maia-quiché com uma cosmogonia, a série de mitos dos Gêmeos, a criação dos humanos e a visão histórica do povo. Peça absolutamente fundamental de autoria anônima, esse *Livro do comum*, ou *Livro do conselho* (traduções possíveis para o título), só foi descoberto, transcrito e traduzido ao castelhano em 1701, pelo frei Francisco Ximénez¹; ainda demoraria mais de século para começar a ser mais divulgado em outras línguas, como o francês; mas demorou mais de quatro séculos para chegar ao Brasil, em 2007, na tradução de Sérgio Medeiros, em parceria com Gordon Brotherston, pela editora Iluminuras.

Como todo livro fundamental — e clássico, por que não? —, o *Popol Vuh* merece várias traduções por língua, com diferentes enfoques, notas, objetivos, enfim, com uma construção que revele parte de seus aspectos constitutivos. Por isso, só podemos celebrar se agora Josely Vianna Baptista nos apresenta sua tradução, que sairá pela editora Ubu.

Josely tem uma vasta obra como tradutora e como poeta, que parece amarrar-se e chegar a um ponto importante com este novo trabalho. Desde meados dos anos 1980, ela vem publicando traduções de língua espanhola no Brasil, com trabalhos importantes que passam por Alejo Carpentier, Jorge Luis Borges, Juan Carlos Onetti e José Lezama Lima, entre outros. Para além disso, desde sua estreia na poesia com *A R*, em 1991, sua obra tem como temas centrais a construção de um corpo via linguagem e as relações com o espaço não-urbano, entre árvores e bichos. Nesse movimento, sua poesia se aproximou bastante das poéticas ameríndias, sobretudo no livro *Terra sem mal* (2005), que estabelece uma poética guarani via tradução, em parceria com desenhos de Guilherme Zamoner, processo que será radicalizado em *Roça barroca* (2011), onde traduziu como poesia própria uma cosmogonia guarani.

O que estava em jogo até então, e que parece agora ganhar novo rumo, era precisamente um borrão entre as noções mais puristas de tradução e de criação originais, ao mesmo tempo em que tocava pontos complexos como a poética oral e o *design* do livro. Ao traduzir

e incorporar poesia guarani em sua própria obra, Josely Vianna Baptista vem fazendo um cruzamento poética e politicamente fértil, pois torna seu diálogo com a cultura ameríndia um marco de poesia contemporânea. Uma chancela famosa nessas práticas é o termo “etnopoesia”, muito divulgado pelo também poeta e tradutor norte-americano Jerome Rothenberg pelo menos desde seu já clássico *Technicians of the sacred* (1968). O termo, se me parece um tanto infeliz e etnocêntrico (afinal, o que é o etno? onde começa a ser etnopoesia a poesia de qualquer povo?), permanece como uma força de diálogo para fora de uma visão historicista e linear da poesia: ao traduzir e publicar poesia que não tem autoria ou datação perfeitamente definidas, é o próprio conceito da história que entra em vertigem.

Por isso, ao traduzir agora o *Popol Vuh*, Josely Vianna Baptista, mesmo que assine como tradutora, dá continuidade a um processo que cruza frentes de pesquisa, poética e tradução. É o que se vê, por exemplo, em algumas escolhas. Em primeiro lugar, ela opta por seguir a edição e a tradução de Adrián Recinos, de 1947, como base para o seu trabalho, numa versão que tende a compreender a narrativa maia-quiché como prosa²; Josely, no entanto, apesar de seguir grande parte do que propõe Recinos, prefere mesclar prosa e verso numa forma híbrida, ao mesmo tempo em que mantém uma tensão poética constante na linguagem, por vezes ainda mais marcada, quando a forma do original sugere uma sonoridade mais encantatória. Em segundo lugar, diante dos problemas editoriais que permanecem longe de qualquer consenso entre os especialistas, ela optou por cruzar um grande número de edições e traduções comentadas, o que a levou a produzir um texto híbrido que é resultado de sua própria leitura como poeta-tradutora. Com tudo isso, temos outra produção, bastante diversa da tradução de Sérgio Medeiros, porque de fato funde poética e tradução, instaura um contínuo nos polos que o senso comum tende a ver como opostos.

O resultado disso tudo é uma prática aberta e fluida de autoria, de criação e pesquisa, de poética e política. Nesse processo vivo de reescrita, Josely se torna, muito acertadamente, uma nova autora do arcaico *Popol Vuh*.

1. Na verdade, a história é mais complexa. Ximénez usou uma edição do século XVI, em quiché, feita por anônimos (um ou três, segundo a maioria dos estudiosos), que ele transcreveu — talvez com erros — e traduziu. A edição consultada por Ximénez nunca mais foi encontrada, e é provável que tenha sido feita com base em memória oral ou em consulta a um manuscrito em hieróglifo quiché, um típico livro pintado, como tantos que foram queimados pelos espanhóis. Diante dessa ausência de um original definitivo, como observa Josely Vianna Baptista em sua nota à tradução, “o caráter metalinguístico que o documento revela em algumas passagens (deixando claro que havia em sua base um ‘livro pintado’, o precioso documento pré-hispânico, elaborado na escrita logossilábica maia, conhecido como *Popol Vuh*), mas, principalmente, as diferentes pautas versais adotadas nas diversas traduções que consultei, resultantes da ausência de um manuscrito-arquetípico, me levaram a encarar o documento como um texto formalmente híbrido, e a partir daí trabalhar a linguagem poética em toda sua extensão, com registros diversos.”

2. Não há consenso sobre o gênero do *Popol Vuh* como prosa ou verso. A edição de Edmonson, de 1971, seguida por Medeiros, é toda em versos; o mesmo se dá nas traduções de Sam Colop, de 2008, e de Michela Craveri, de 2013; como já disse, a de Recinos é toda em prosa. Vianna agora propõe um hibridismo generalizado, numa espécie de prosímpro.

Tradução de um excerto do *Popol Vuh* maia-quiché³

PREÂMBULO

Esta é a raiz da palavra antiga, aqui deste lugar chamado Quiché. Aqui vamos escrever, aqui vamos semear a palavra antiga, o princípio, e também o enraizamento, de tudo que se fez na cidadela de Quiché, na terra do povo quiché.

Vamos trazer aqui o ensinamento, o esclarecimento, o relato do que estava na sombra e foi trazido à luz por

Tzacol (o Criador), *Bitol* (o Formador),
chamados *Alom* (A-que-Concebe), *Qaholom* (O-que-Gera),
Huhnapú-Gambá, *Huhnapú-Coiote*,
Zaqui-Nimá (Grande Caititu Branco), *Tziis* (Quati),
Tepeu (Majestade), *Gucumatz* (Serpente Emplumada),
u Qux Cho (Coração do Lago), *u Qux Paló* (Coração do Mar),
Ah Raxá Lac (O-do-Prato-Verde), *Ah Raxá Tzel* (O-da-Tigela-Azul),
assim

chamados,
também descritos, também nomeados,
como *Iyom* (a Parteira) e *Mamon* (o Patriarca), cujos nomes são
Ixpiyacoc e *Ixmucané*,
a que ampara, o que protege,
duas vezes Parteira, duas vezes Avô,

como é dito em palavras quichés, eles que a tudo deram voz, tudo fizeram, com lúcida existência e lúcida palavra.

Agora escreveremos isso já permeados pela palavra de Deus, da Cristandade, agora. E o revelaremos porque não existe mais onde ver o *Popol Vuh*, o instrumento de claridade — que veio lá dos lados do mar — com o relato de nossas sombras, o instrumento sobre a aurora da vida, assim se diz.

Existe o livro original, escrito antigamente, mas aquele que o vê, aquele que o interpreta, mantém sua face oculta. É grande o labor, o relato de quando por fim todo o céu-terra veio à luz, sua formação em quatro cantos, sua divisão em quatro lados, sua medição, a colocação das quatro estacas, a coda dobrada e esticada para medir todo o céu, toda a terra, e marcar os quatro ângulos, os quatro cantos, como se diz, pelo Criador, pelo Formador, a mãe e o pai da vida, da existência, o ser que dá a respiração, o que dá o coração, o que dá à luz e anima sem cessar as nascidas na luz, os nascidos na luz, aquele que reflete, que conhece tudo que existe: céu, terra, lago, mar.

CAPÍTULO I

Aqui está, eis o relato:

*Tudo ainda em suspenso, ainda silente.
Tudo sereno, ainda em sossego. Tudo em silêncio,
vazio também o ventre do céu.*

Essas foram as primeiras palavras, a primeira eloquência.

Ainda não existia nenhum homem, bicho, pássaro, peixe, caranguejo, árvore, pedra, gruta, desfiladeiro, prado ou floresta: só existia o céu.

A face da terra não se manifestara, ainda. Sob todo o céu, só havia o mar liso.

Não havia nada reunido. Tudo estava imóvel. Nada se movia sozinho, tudo estava quieto, em repouso sob o céu.

Não havia nada erguido. Só existia a extensão de água, o mar liso, sozinho, sereno.

Nada existia, ainda.

Tudo estava em silêncio e deserto no escuro, na aurora. Só o Criador, o Formador, Tepeu, Gucumatz, A-que-Concebe, O-que-Gera, estavam na água, radiantes. Estavam lá, envoltos em plumas verdes de *quetzal* e plumas azuis de cotinga. Daí veio o nome de Gucumatz (Serpente Emplumada). Eles eram, por natureza, grandes sábios, grandes pensadores. E como já existia o céu, existia também *u Qux Cah*, o Coração do Céu, que assim se diz o nome do deus.

E assim sua palavra chegou aqui, foi até Tepeu e Gucumatz, no escuro, na aurora. Falou com Tepeu e Gucumatz, e então eles passaram a confabular, a refletir, a pensar juntos, meditando. Depois, de acordo, juntaram suas palavras, seus pensamentos. E então ficou claro, e em sua lúcida concordância se iluminou o que seria o ser humano, e então dispuseram o nascimento, a brotação de árvores e arbustos, a criação da vida, da existência, no escuro, na aurora, por meio do Coração do Céu, chamado *Huracán* (Furacão).

Caculhá Huracán (Raio Huracán) é o primeiro. *Chipi-Caculhá* (Raio Pequeninino) é o segundo. E o terceiro é *Raxa-Caculhá* (Raio Repentino).

Os três são o Coração do Céu, e foram até Tepeu e Gucumatz quando o alvorecer da vida foi concebido:

*Como se dará a semeadura, o amanhecer?
Quem irá prover o alimento, o sustento?*

Isso disseram.

*Que assim se faça: que o vazio se preencha.
Que essa água seja removida, escoada,
para que a terra nasça e possa formar seu prato.
E que depois venha a semeadura, o amanhecer
do arco do céu, do leito da terra.
Nossa obra, porém, nossa criação,
não ganhará dias de sagração nem de louvor
sem que se dê à luz o ser humano, a forma humana.*

Isso disseram.

A terra se criou com sua palavra, apenas. Para a terra nascer, disseram apenas: Terra!, e a terra surgiu no mesmo instante.

Assim como nuvem, como névoa, a terra foi surgindo, desdobrando-se, e então as montanhas despontaram da água, e num instante se tornaram grandes montanhas.

E foi somente por sua natureza prodigiosa, por sua agudeza, que se deu forma a montanhas e vales — em cujo leito súbito irromperam florestas de ciprestes e pinheiros.

Isso alegrou Gucumatz:

— Foi bom você ter vindo, Coração do Céu; e você, Huracán, e você, Raio Pequeninino, e você, Raio Repentino!

Nossa criação, nossa formação, terá bom êxito — disseram.

Primeiro se formou, então, a terra — suas montanhas e vales. Os caminhos da água se dividiram, os arroios foram abrindo sulcos entre as montanhas. As águas estavam divididas quando surgiram as grandes montanhas.

Assim se deu a formação da terra, quando a criaram Coração do Céu, Coração da Terra, como são chamados os que primeiro a conceberam. O céu foi separado, e a terra separada dentre as águas.

Esse foi seu plano ao pensar, ao refletir, sobre como levar a bom termo sua obra.

3. A tradução está repleta com as notas explicativas de Adrián Recinos traduzidas e também por notas da própria tradutora. Infelizmente, por questão de espaço, tivemos de deixá-las de fora.

entrevista

As alamedas literárias de Sandra Stroparo

— por **Daniel Zanella**

Quem já teve aula com Sandra Stroparo sabe do que estamos falando: Sandra é dessas professoras acometidas pelo mal da beleza literária — e, acredite, é professora de literatura que gosta de literatura. Em seu território de percepções, a literatura gera desconfortos, sustos, desenredos, janelas, paixões violentas, múltiplos discursos — assim como a vida.

Dotada de um estilo discreto e enfático, “fico encabulada de ser entrevistada, não sou figura ilustre não”, a pesquisadora e tradutora curitibana se caracteriza por conciliar a brandura para com as letras ao rigor científico, sem resvalar no hermetismo *per se*. Seus textos são límpidos, sem anacronismos de fachada ou distanciamentos convenientes, e denotam vigor (o que geralmente a vida acadêmica trata de domesticar).

Em 2015, organizou com Myriam Ávila o intrigante *Poéticas do estranhamento*, celebração editorial dos onze anos de existência do Grupo de Pesquisa Interinstitucional Poéticas do Es-

tranhamento (GIPE), resultado da parceria entre um pequeno número de pesquisadores-criadores. A obra foi publicada pela Arte & Letra numa edição caprichada e Sandra dela participa com um ensaio intitulado “O estranhamento na arte e na crítica”. Sobram, no livro, caminhos por onde a literatura envereda como possibilidade de expansão de mundo, o crítico enquanto intérprete da difusão do contemporâneo. O encaixe entre intenção e gesto cabe em Sandra.

Nesta entrevista exclusiva da professora e pesquisadora para a revista *Tinteiro*, conversas sobre sua formação acadêmica, suas principais leituras e os universos paralelos (de afazeres e correrias) que rondam o fazer literário, a vida acadêmica e o mercado editorial.

Primeiros passos

— Nasci em 1970, em Curitiba. Filha de pai caminhoneiro, viajei sempre até começar a ir pra escola. Morei algum tempo em Recife (saudades!), deu para ficar com um sotaque bonitinho, mas vol-

tei logo e perdi tudo. Entrei em Direito (o único curso da área de “Humanas” que garantiria alguma vida financeira... era o que a gente acreditava à época). Fiz metade do curso e parei. Antes de terminar, já estava fazendo Letras na UFPR. Me formei em Francês. Durante todo esse tempo, trabalhei em publicidade (redação, revisão etc.) e dei muita aula particular de francês. No final da graduação, fiz um curso na Sorbonne, de língua e literaturas francesas. Entrei no mestrado em Literatura Brasileira. Também antes de terminar, já estava trabalhando como professora substituta, na UFPR mesmo. Foram dois anos, 1995 e 1996. No início de 1998, fiz o concurso e entrei como professora-assistente, em Teoria Literária e em Literatura Brasileira. Já são 20 anos! Ah, depois de um doutorado gorado, fiz outro, defendido em 2012, na Teoria Literária da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pensando literatura e tradução na correspondência de Stéphane Mallarmé. Ultimamente, ando

bem feliz por poder editar (junto com as professoras Janice Nodari e Ruth Bohunovski) a *Revista Versalete*, do nosso curso. É um projeto que une professores e alunos, graduação e pós-graduação, e que foi bem considerado pela Capes. Já estamos no sexto ano da revista. Até começar o mestrado, não tinha muita clareza do que queria fazer com a minha formação. Mas quando o trabalho sério teve início e a gente começou a “apresentar” trabalhos, como aulas, durante as disciplinas da pós, foi que o bicho me mordeu: descobri que iria mesmo virar professora. Bom, isso é a carreira. Fora isso, viajei bastante, sempre, o quanto deu.

Primeiras leituras

— Primeiríssimas leituras? Revistas em quadrinhos. E tudo mais que me caísse na mão. Depois, procurando orientações possíveis, tentava ler todos os livros de algum autor que fosse comentado em aula. Numa casa sem livros, a biblioteca do colégio era vital. Pena que nem sempre os profes-



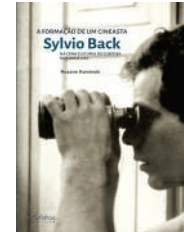
O som do filme. Uma introdução
Rodrigo Carreiro
(Organizador)

Cinema



Trincheiras, resistências e utopias pedagógicas: escolas alternativas em Curitiba durante a ditadura militar
Maria Rosa Chaves Künzle

Educação



A formação de um cineasta. Sylvio Back na cena cultural de Curitiba nos anos 1960
Rosane Kaminski

Cinema



“

Minha primeira tradução mais séria foi o Axël, do escritor francês Villiers de L'Isle-Adam.

sores de literatura (os ditos professores de Português, na época) gostassem realmente de ler... as indicações eram poucas e, muitas vezes, pífias. Mas a gente vai se virando... Com uns dez anos, fiquei muito feliz quando descobri – e podia emprestar! (no colégio de freiras, a gente não pegava o que queria, tinha divisão de livros por idade... imagine!) – as *Aventuras do Barão de Münchhausen*. Com uns doze anos, encontrei Machado de Assis. E aí a gente não para mais.

Traduções

— Minha primeira tradução mais séria foi o *Axël*, do escritor francês Villiers de L'Isle-Adam. O trabalho

“
Com uns doze anos, encontrei Machado de Assis. E aí a gente não para mais.

foi um convite do professor Luís Bueno, na época à frente da Editora UFPR, e quem a colocou no mapa das editoras universitárias brasileiras, com projetos muito bacanas. Depois desse, passei a trabalhar mais com tradução, textos e livros. Traduzi também dois livros de quadrinhos (um ainda em edição), o que é uma experiência à parte, bem diferente. Ultimamente, alguns autores do mundo árabe francês, como Yasmina Khadra e Leïla Slimani. Estou com duas encomendas, Adimi e Reza. Todos nomes importantes, respeitados no mundo francês (a Slimani ganhou o Goncourt de 2016), mas cuja origem árabe-islâmica é determinante para o texto. Também estou trabalhando em um livro de Teresa Cremisi (ainda em edição), egípcio-italo-francesa que transitou por esses mundos. É também uma boa reflexão sobre o tema.

Mallarmé

— Os estudos de Mallarmé me ajudaram a compreender melhor a poesia do século XIX e uma série

de circunstâncias que geraram as condições da Modernidade. Trabalhar com a sua correspondência me levou diretamente a isso: relações entre autores, reflexões sobre literatura, condições de publicação. Muita coisa se descobre assim. Minha pesquisa atual, sobre o verso livre, passa também por isso.

Viagem ao redor do meu quarto

— Esse livrinho do Xavier de Maistre é muito curioso. E o século XVIII é genial. Quanto à tradução, foi encomenda de uma editora que desistiu de editá-lo... e aí a Hedra se interessou, e o livro foi publicado muito rápido. Como já tínhamos uma tradução no Brasil, do Marques Rebelo, com uma linguagem um pouco mais preciosista, tentei construir um texto um pouco mais atualizado e que, eu acho, combina melhor com o texto original. É um livro importante pra nossa literatura, já que, junto com Laurence Sterne, é um dos inspiradores das *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Galindo

— Traduzi pouca coisa, na verdade, com o Caetano Galindo, mas algumas coisas divertidas. Assinado mesmo, a dois, o trabalhinho sobre e os poemas da francesa Marceline Desbordes Valmore. Como dividimos a casa e a vida, acaba sempre acontecendo. Mas é ele sempre quem me ajuda, até porque tem um volume de traduções enorme comparado com o meu, e experiência, nessa área, conta muito.

Biblioteca afetiva

— *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Memorial de Aires*, de Machado de Assis. *Madame Bovary*, de Gustav Flaubert. *Elegias de Duíno*, de Rainer Maria Rilke. *As flores do mal*, de Charles Baudelaire. *Illuminations*, de Arthur Rimbaud. *Terra devastada*, de T. S. Eliot. *Dublinenses*, de James Joyce. *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf. *Um lance de dados*, de Stéphane Mallarmé. Toda a poesia do Bandeira, do Drummond, do João Cabral e da Hilda Hilst. Quase tudo da Clarice Lispector. Não paro aqui porque quero...



Obediência, autoritarismo e foro interior

Marion Brepohl e Roseli Boschilia
(Organizadores)

Sociologia



Paisagem sonora do Boi de Mamão paranaense: uma geografia emocional

Beatriz Helena Furlanetto

Artes



Projeto e paisagem urbana: ensaios de projeto para a área central de Curitiba.

Alessandro F. Rosaneli e Paulo M. M. Barnabé
(Organizadores)

Design

artigo

Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE)

A leitura e a formação de leitores na Lei n. 13.696/2018. — por José Castilho Marques Neto

Em 12 de julho de 2018 o Presidente da República sancionou a Lei n. 13.696, proposta e aprovada pelo Congresso Nacional, que, no seu primeiro artigo, proclama:

Art. 1º Fica instituída a Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil.

Apresentado como Projeto de Lei do Senado – PLS212 – pela Senadora Fátima Bezerra (PT/RN), líder da Frente Parlamentar Mista em Defesa da Leitura, em 2016, o projeto de lei foi entregue às mãos dessa senadora no dia 11 de maio de 2016. Portanto, um dia antes de o Senado acompanhar a decisão da Câmara dos Deputados de autorizar o processo de impedimento e decretar o afastamento da então Presidente Dilma Rousseff.

Encabeçando o grupo de conselheiros do Colegiado Setorial do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas do MinC, juntamente com o então diretor da Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas, Volnei Canônica, eu entreguei, como secretário executivo do PNLL, o texto que havíamos elaborado nos últimos dois anos, o qual continha a síntese de todos os objetivos estratégicos alcançados pela força conceitual e prática que levou à exitosa implantação do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) em anos anteriores.

Uma semana antes, em reunião do Conselho Diretivo do PNLL, eu já havia apresentado a proposta de retirar a iniciativa do PL-PNLE das mãos do Executivo, que devido à acirrada crise política segurava o projeto na Casa Civil desde setembro de 2015. Tínhamos certeza de que o impedimento da presidenta constitucionalmente eleita mergulharia o país em uma crise institucional e política sem precedentes, e que todo o esforço realizado desde 2006 para instituir um marco legal para a implantação de uma política de Estado dirigida à formação de leitores no Brasil estaria comprometido.

É pertinente, então, perguntar: como chegamos até aqui? Que forças se somaram para que esse grupo de representantes da vasta cadeia do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas, assim como os responsáveis pelo PNLL e pela DLLL, tivessem autoridade política para fazer seguir essa reivindicação histórica? Para responder a essa indagação é preciso resgatar

o passado recente da luta pela leitura no Brasil. Trata-se de uma história de muito esforço, muita persistência, criatividade e resiliência, que já dura dezenas de anos. Sua origem, porém, é difícil de precisar, pois a importância das iniciativas empreendidas para formar leitores não pode ser medida apenas por grandes programas. Delas faz parte toda ação que traga a um ou outro ser humano a possibilidade de ler o mundo e compreendê-lo! Isso inclui atividades que ocorrem no cotidiano das salas de aula, nas bibliotecas de acesso público, nas comunidades e bairros, enfim, em muitos lugares de cidadania e de vida privada, e que portanto vão além do que estabelecem os projetos governamentais. Para que possamos situá-las no tempo, contudo, menciono certas iniciativas dos anos 1930, como as Escolas Parques de Anísio Teixeira e o Ônibus Biblioteca da São Paulo de Mário de Andrade, apenas para demonstrar que há quase 90 anos há um movimento virtuoso, porém episódico e difuso, para formar leitores plenos no Brasil.

“ 70% das ações e programas de formação leitora na área da cultura provinham da sociedade civil e essas iniciativas demonstravam durabilidade.

Por certeza de sua ainda contemporânea influência e atuação, mas também por justiça, não poderíamos deixar de mencionar os mais recentes programas de formação leitora na área cultural, frutos da gestão de Affonso Romano de Sant’Anna na Biblioteca Nacional, juntamente com Eliana Yunes, que conceberam e implantaram o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler) e o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), no final dos anos 1980.

Avançamos, e muito, nesse período de 90 anos. Basta comparar os índices de analfabetismo no Brasil dos anos 1940 e de 2016, segundo

o IBGE: 56,1% e 7,2% (de uma população total oito vezes maior), respectivamente. Mas, se é verdade que avançamos, também é preciso considerar a crueldade do que significa haver 7,2% de analfabetos na atualidade, ou, traduzindo em pessoas, 11,8 milhões de seres humanos apartados do direito de decifrar os códigos da escrita de sua terra. Ainda mais cruel e excludente é o retrato de nossa história de ampliação contínua das desigualdades: os números atuais demonstram um verdadeiro *apartheid* social, porque do total de analfabetos, 9,9% são negros ou pardos e 4,2% são brancos – menos da metade dos excluídos da alfabetização.

A desigualdade racial se reproduz também no âmbito territorial: no Nordeste, a taxa de 14,8% é quatro vezes maior que as do Sudeste (3,8%) e do Sul (3,6%). Há discrepância também em relação às regiões Norte (8,5%) e Centro-Oeste (5,7%).

Cabe também perguntar: se existiram e existem ações e programas importantes nos governos e na sociedade civil pela alfabetização e pela formação de leitores, qual é o ponto em comum que unifica as fragilidades desse setor?

Em 2005, no Ano Ibero-americano da Leitura – o Vivaleitura –, iniciou-se um grande debate nacional sobre o valor da leitura e sua necessidade no mundo contemporâneo, o da informação e do conhecimento. Constatadas as debilidades existentes nesse campo, verificou-se também que 70% das ações e programas de formação leitora na área da cultura provinham da sociedade civil e essas iniciativas demonstravam durabilidade.

Ao mesmo tempo, constatava-se o óbvio em relação aos programas governamentais: descontinuidade, desidratação de recursos e adequações deformantes de um período governamental para outro. Tanto na educação quanto na cultura, a descontinuidade dos programas governamentais, inclusive os mais exitosos e virtuosos, como o Proler e o SNBP, era decorrente dos humores e preferências pessoais e políticas de presidentes/governadores/prefeitos ou de ministros/secretários.

A julgar pela análise dos dados que saltavam aos olhos em 2005 e pela reflexão de especialistas e militantes do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas, faltava ao Brasil algo que ele nunca tivera em sua história: uma POLÍTICA DE ESTADO para a formação de leitores!

O primeiro passo para se construir essa política de Estado foi proceder à democrática cons-



trução do PNLL, lastro e embrião da PNLE agora promulgada. Uma verdadeira política de Estado, supragovernamental e suprapartidária, somente pode se concretizar se há um vigoroso pacto social em torno dela. Com essa convicção, o governo Lula e a sociedade civil envolvida no projeto do PNLL, construíram o texto fundador do plano, adotando a metodologia de ouvir amplamente toda a cadeia criativa, produtiva, distributiva e mediadora do livro e da leitura. Entre o segundo semestre de 2005 e 2006, foram realizadas mais de 150 reuniões presenciais em todo o país, inúmeras reuniões com especialistas das diversas áreas e uma consulta virtual aberta que perdurou até 2010.

“[...] e desenvolver a indústria criativa em função da leitura.

Dessa grande escuta e diálogo, nasceu o texto definitivo do PNLL para o nosso tempo, em 19 de dezembro de 2006. Nele estão contidos todos os avanços conceituais e práticos sobre como formar leitores e desenvolver a indústria criativa em função da leitura. Porém ainda mais do que projetar ações e orientar programas estratégicos que caracterizaram o avanço das políticas públicas federais entre 2006 e 2010, o que o PNLL inaugurou foi a necessária projeção para se criar uma legislação que instituísse no Brasil a tão almejada estratégia permanente de formação de leitores, orientada pelos princípios e consensos que o pacto social conquistado pelo PNLL prescrevia à Nação.

Nesse contexto, é importante recordar o que o PNLL estabeleceu como pontos imprescindíveis para se formar um país de leitores plenos:

Os alicerces – a necessária ação conjunta e coordenada entre Cultura e Educação e entre o Estado e a Sociedade.

Os eixos de programas, projetos e ações – democratização do acesso; fomento à leitura e à formação de mediadores; valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; desenvolvimento da economia do livro.

Sobre esses alicerces e eixos projetou-se, em 2006, a promulgação de um marco legal que desse sustentabilidade ao longo do tempo para essa decisão que a política pública tomava com o PNLL. A ambição de uma lei federal que estabelecesse uma política de Estado se reapre-

sentava e se impunha, ao mesmo tempo que o PNLL se implantava por todo o país.

Além das conclusões teóricas, somavam-se as crescentes iniciativas refletidas no crescimento das ações federais em prol da leitura. Avanços conceituais acordados pelos especialistas e militantes do setor ouvidos somaram-se aos bons resultados do PNLL de 2006 a 2010. Esse conjunto estimulou a convicção de que é fundamental a política de Estado para a formação de leitores, com base naquele pacto social. Destaca aqui alguns desses bons resultados:

- A ainda tímida ação conjunta entre Cultura e Educação no período não permite mensurar a influência do PNLL nos programas do MEC, embora este tenha assegurado, em conjunto com o MinC, a implantação do plano e seja visível o crescimento de algumas ideias caras ao PNLL no Ministério, como a questão da bibliodiversidade, aplicada em programas da Educação como o PNBE, naquele período.
- No caso do MinC, a orientação de todos os programas da então Diretoria do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas (DLLLLB), ela mesma uma imposição reestruturante do ministério por força do movimento pró-livro e leitura que se impôs a partir de 2005, foram direcionadas pelos eixos do PNLL.
- Vários programas e projetos foram implantados no país, em ações de colaboração federativa, ao mesmo tempo em que se difundia o PNLL e seus conceitos e valores se desdobravam pelos estados e municípios com os PELL e os PMLL.

Entre programas e projetos do período, recordo alguns exemplos de ações objetivas e mensuráveis da DLLLLB/PNLL nos anos de implantação, principalmente pelo Programa Mais Cultura, do MinC:

- **Ampliação de investimentos na área** – a média histórica de 6 milhões de reais passa a 95 milhões entre 2008 e 2010, sustentando novos programas e ações.
- **Universalização do acesso ao livro por intermédio das bibliotecas públicas** – entre 2007 e 2010 o MinC implantou 1.081 bibliotecas, em cidades que jamais haviam tido esse equipamento. Nos dois governos Lula (2003 a 2010), o total de BPs implantadas foi de 1.656 unidades.
- **Novos espaços de leitura em novos equipamentos culturais de referên-**

cia – a biblioteca como espaço cultural de convivência social, espaço democratizado para a cidadania, a informação e o acesso ao conhecimento, estimulou e financiou as novas “bibliotecas parque” e também os 600 pontos de leitura organizados em espaços coletivos das comunidades, além de Pontões de Leitura e Pontos de Leitura nas Fábricas.

- **Agentes de leitura estimulando a mediação da leitura como ação imprescindível à formação leitora** – 4.000 agentes de leitura a cargo de nove governos estaduais, 16 governos municipais e três consórcios municipais foram formados no período de 2009/2010.

A força da aplicação desses programas, unida à virada histórica e política que significou a implantação do PNLL, reflete-se nos índices atuais e demonstram a contribuição do PNLL para o avanço da formação leitora nos últimos treze anos:

- **Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, base 2015** – aumento de 6% no número de leitores, conforme a metodologia adotada. Em números vivos, passamos de 88,2 milhões para 104,7 milhões de leitores. Estamos falando de 16 milhões de pessoas, ou uma vez e meia a população de Portugal, por exemplo!
- **Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF – Instituto Paulo Montenegro)/2018** – aumento de brasileiros alfabetizados funcionalmente (em diversas faixas classificatórias) de 61%, em 2001, para 71%, em 2018. Mas persiste em apenas 12% o número de brasileiros que alcançam o nível de “proficiente”, ou seja, aqueles que conseguem extrair da leitura todos os seus significados e têm capacidade de análise crítica sobre a informação, sendo portanto leitores plenos, como denomina o PNLL.

Outros índices poderiam ser evocados, como o aumento exponencial de atividades e eventos comemorativos de livro, leitura, literatura e bibliotecas no Brasil após 2006. Além do fato facilmente observável de que os temas LIVRO e LEITURA são questões necessárias no âmbito da cultura e da educação, assim como nos meios de divulgação, fatos que eram considerados descartáveis antes de 2006 (por exemplo, vimos a extinção da Secretaria do Livro no MinC, em 2003, e a pequena influência que ela teve nesse ministério em governos anteriores, desde sua criação).



Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades

Katya Braghini, Kazumi Munakata e Marcus A. T. de Oliveira (Organizadores)

Educação



Educação do campo: território, escolas, políticas e práticas educacionais

Maria Antônia de Souza e Geyso Dongley Germinari (Organizadores)

Educação



40 anos - Design Cerâmico: Universidade Federal do Paraná: 1975-2015

Dulce Maria Paiva Fernandes

Design

Como conclusão, entendo que os treze anos de construção da Política Nacional de Leitura e Escrita, por intermédio da criação e reconhecimento da legitimidade do PNLL, principalmente em seus quatro primeiros anos de implantação, determinaram a potência do PLS-212 e sua aprovação praticamente sem alterações pelo Congresso Nacional, mesmo nas atuais circunstâncias adversas à democracia e à inclusão!

Finalmente, há que se perguntar: o que essa lei concisa e estratégica determina? Temos um marco legal de política de Estado para o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas no Brasil?

Para responder essas questões é importante destacar as evidências dos principais pontos da Lei n. 13.696/2018 e sua identidade com os itens centrais e fundamentais do PNLL atual.

Passo a listar esses pontos, evidenciando as identidades:

Artigo 1º – Fica instituída a Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil.

Observações:

1) Se estabelece uma política de Estado (estratégia permanente);

2) Contempla-se toda a cadeia da leitura;

3) No Parágrafo Único, garante-se a participação da Federação e da Sociedade Civil na implementação da Lei.

Artigo 2º – São diretrizes da PNLE:

1) A universalização do acesso;

2) O reconhecimento da leitura e da escrita como um direito;

3) O fortalecimento do SNBP;

4) O reconhecimento da cadeia como integrante e dinamizadora da economia criativa;

5) No Parágrafo Único, vincula-se a Lei PNLE ao Plano Nacional de Educação (PNE), ao Plano Nacional de Cultura (PNC) e ao Plano Plurianual (PPA), garantindo assim o diálogo entre as políticas da Educação e da Cultura e a inserção nos planos orçamentários da União.

Artigo 3º – São objetivos da PNLE:

1) Democratizar o acesso por meio de bibliotecas de acesso público – de novos espaços – acervos físicos e digitais – acessibilidade para deficientes físicos;

2) Fomentar a formação de mediadores de leitura;

3) Valorizar a leitura e o incremento de seu valor simbólico e institucional;

4) Desenvolver a economia do livro;

5) Promover a literatura e as humanidades – incentivos, fomento, pesquisas, difusão, no Brasil e exterior;

6) Fortalecer as bibliotecas de acesso público – qualificação de espaços, capacitação, acervos, equipamentos;

7) Incentivar pesquisas na área – buscas de dados que sustentem programas para a área;

8) Promover a qualificação de recursos humanos na área;

9) Incentivar a criação e a implantação dos Planos Estaduais e Municipais do Livro e da Leitura (PELL e PMLL), de modo a fortalecer o Sistema Nacional de Cultura (SNC).

Artigo 4º – Para a consecução dos objetivos da PNLE, será elaborado, a cada decênio, o PNLL, que estabelecerá metas e ações, nos termos do regulamento:

- Estabelecem-se os seis primeiros meses de mandato da nova PR para redigir o PNLL;
- Designa-se a liderança do MinC e do MEC na elaboração, com ampla participação dos órgãos norteadores da Cultura e da Educação e também da sociedade civil e do setor privado;
- Impõe-se que qualquer meta e ação do PNLL inclua pessoas portadoras de deficiências, de acordo com regras e tratados nacionais e internacionais.

Artigo 5º – O Prêmio Vivaleitura será concedido no âmbito da PNLE.

- Único reconhecimento no âmbito federal de programas, projetos e ações de formação de leitores.

Com base nessas considerações, é importante equacionarmos o futuro imediato, enfrentando os desafios e estimulando as ações necessárias para a aplicabilidade da Lei PNLE. O que fazer? É preciso antes firmar alguns entendimentos:

1) É importante lembrar que a Lei PNLE é uma conquista da democracia e da militância pela formação de leitores;

2) Se estamos de acordo com essa perspectiva, é fundamental que sejamos agentes da aplicabilidade desse marco legal que redimensiona a formação de leitores no país;

3) Impõe-se a organização de toda a cadeia criativa, produtiva, distributiva e mediadora para fomentar que o governo realize os próximos passos necessários à aplicabilidade da PNLE.

Reafirmadas essas compreensões e princí-

pios, é preciso estabelecer quais deverão ser os próximos passos:

1) Regulamentação da Lei pelo MinC e pelo MEC, conforme reza o art. 6º – é fundamental que essa **regulamentação seja imediata**, até o final desse governo, e que os trabalhos sejam acompanhados e recebam pareceres da sociedade civil organizada pelo tema.

2) É fundamental nos organizarmos para a **elaboração do próximo PNLL decenal**, no primeiro semestre do novo governo, em 2019, conforme estabelece a Lei em seu art. 4º, parágrafo primeiro.

3) Para a cumprirmos nos mesmos moldes participativos do PNLL/2006, e sabedores de que agora temos uma lei que já estabelece conceitos e objetivos estratégicos, devemos nos organizar e iniciar imediatamente o debate para impor o cumprimento da participação da sociedade civil no processo de redação e gestão do novo Plano que, nessa fase, **deverá ser necessariamente mais pragmático**, estabelecendo metas a serem cumpridas decenalmente para todos os objetivos arrolados na lei.

Em síntese e no calor da aprovação pelo Congresso Nacional e pela sanção do Poder Executivo, resumo aqui o processo histórico e o que considero essencial para que a Lei n. 13.696/2018, que já é um marco civilizatório em meio ao caos e ao arbítrio institucional da conjuntura brasileira, não seja sepultada com os outros direitos e inclusões pelos que querem

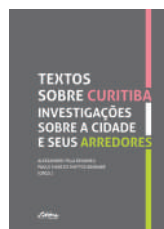
José Castilho Marques Neto. Doutor em Filosofia pela USP, professor aposentado na FCL-UNESP/Araquara, pesquisador, conferencista, escritor, editor e *publisher*, gestor público. Atualmente é consultor na *JCastilho – Gestão&Projetos – Livro-Leitura-Biblioteca* (www.jcastilhoconsultoria.com.br) e assessor do CERLALC-UNESCO para Planos Nacionais de Leitura. Presidiu a Editora UNESP, a Biblioteca Pública Mário de Andrade (São Paulo) e foi Secretário Executivo do Plano Nacional do Livro e Leitura do Brasil (MinC e MEC). Presidiu, em vários mandatos, a Associação Brasileira e a Associação Latino-americana e Caribenha das Editoras Universitárias (ABEU e EULAC). É consultor de organismos nacionais e internacionais na área acadêmica, educacional e cultural.



Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica

Roberto Esposito. Trad.: Angela C. M. Fonseca, João P. Arrosi, Luiz E. Fritoli e Ricardo M. Fonseca

Direito



Textos sobre Curitiba: investigações sobre a cidade e seus arredores

Alessandro F. Rosaneli e Paulo M. M. Barnabé (Organizadores)

Design & Arquitetura



Territórios de tradições e de festas

Maria GERALDA DE ALMEIDA (Organizadora)

Sociologia

ensaio

Assionara Souza

Um trânsito pela vida insólita. — por **Francisco R. S. Innocêncio**

Entre as muitas personagens desconcertantes que passeiam pelas ruas e avenidas ficcionais que se entrecruzam nos contos de Assionara Souza, há uma particularmente notável. Refiro-me à baterista circense de *Na rua: a caminho do circo*. Sua figura pequena, literalmente invisível por trás dos pratos e tambores de seu instrumento de trabalho (e arte), subverte as expectativas do leitor, pois há um contraste marcante entre a aparente fragilidade que a descrição da personagem sugere e a voz colossal que dela se ergue por entre as lonas e cordames que envolvem o picadeiro da narrativa, sempre que toca seu aparato musical. Pequeninha, ignorada pelo público ansioso de espetáculo, a baterista esguia percute suas baquetas com perícia e cálculo, e faz palpitar a seu bel-prazer a musculatura cardíaca da plateia atenta apenas ao que se desenrola no centro do circo. É ela que, ao fustigar tambores e caixas e ritmar chimbau e pratos, provoca e modula a emoção do público, tamanha a “eficiência na arte que a pequena domina”. Uma arte sem sombra de dúvida homóloga àquela que é praticada pela própria autora, sempre hábil em nos deixar perplexos com as vozes de seus narradores, ora imersas num fluxo de consciência (ou de inconsciência, como alguém já disse) pontuado por uma alta percepção subjetiva da realidade, ora ocupadas em remover o chão de sob nossos pés com seu humor cortante, inusitado, e sempre absolutamente refinado.

Mas nós, para quem Assionara, nome que estampa as capas de seus livros e os seus documentos pessoais, era de fato Nara, amiga querida, de gestos delicados e fala sempre mansa e gentil, como bem a qualificou o poeta e cartunista Luiz Solda, só a muito custo poderíamos não ceder à tentação de enxergar na baterista de capa vermelha sobre ombros estreitíssimos, mais do que pura metáfora da autora implícita, uma imagem por pouco não explícita da mulher empírica que a compôs. Quem via Nara, seus gestos suaves, seu talhe esguio, seu porte elegante, até poderia tomá-los como indícios de suposta fragilidade; porém logo percebia o engano, ao ouvir as primeiras demonstrações do humor igualmente elegante, mas francamente sagaz e iconoclasta, capaz de pôr abaixo o picadeiro com a maior galhardia.

Nara era curitibana das mais nobres cepas: aquelas que aqui brotam por transplante e adoção. Nascida em Caicó, no Rio Grande do Norte, veio parar aqui ainda na infância. Sotaque nordestino, se um dia o teve, acabou sumindo ainda cedo, provavelmente perdido em algum pátio de escola, entre uma chacota e outra dos meninos sulistas com seus dentes de leite quente. Ficou, porém, sempre presente em sua consciência de mulher nordestina, o olhar atento para o mundo e as gentes, que não deixava escapar nada que fosse capaz de parir significados: como também disse Solda, olhar de quem viaja sem pressa, prestando atenção em cada detalhe do trajeto, sem se incomodar com o tempo que possa levar até chegar ao destino proposto. E assim, como o Agrimensor kafkiano de seu *Os hábitos e os monges*, coube a ela mais do que a ninguém “observar de modo distinto como algumas raras pessoas se dedicavam a usufruir da própria vida com uma lógica particularíssima [...] única razão por que empreendera uma viagem longa atravessando a noite densa a neve e o nevoeiro”.

E Nara fez muito bom uso desse olhar arguto. Em suas narrativas e poemas, foi capaz de expor em tom preciso a tensão que emerge de nosso enfrentamento com o mundo, entre uma espécie de entorpecimento quase onírico da nossa percepção cotidiana da realidade (“corpo preso à mesma roupa desde o momento em que o relógio registrou a eterna paralisia”) e a necessidade premente, por vezes dolorosa, com frequência violenta, de despertar para essa mesma realidade: dirigir o olhar com força até então ignorada para a concretude do real. Esse é talvez o papel

mais decisivo e urgente da narrativa sempre tão poética de Assionara: acender um holofote sobre certos aspectos despercebidos da existência comezinha do dia a dia, para que a visão do leitor (interlocutor) abruptamente se clareie, mesmo que a contragosto. Ou então, como o meteoro dourado que corta o céu noturno num dos contos de *Os hábitos e os monges*, o texto de Assionara obriga o olhar de quem o lê a se voltar ao alto, repetindo assim o gesto da personagem desse mesmo conto:

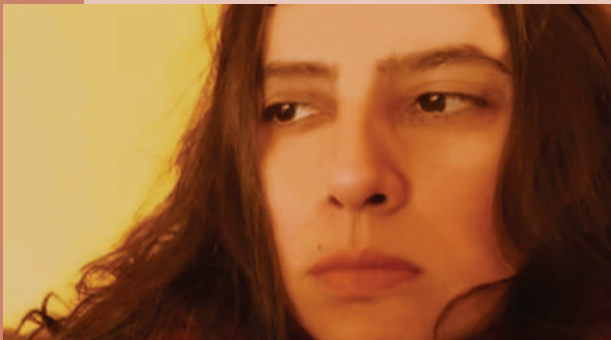
Em vez de apagar o cigarro com força no fundo do cinzeiro e acender um outro “ secreta vingança por tentar resolver com um vício sua sincera ansiedade “, você decide repousar a mão na mesma curvatura que desliza o meteoro e atinge em cheio com a brasa viva a pele do seu opaco interlocutor. Então ele arregala os olhos assustados direto pro seu sorriso insano e irônico que talvez queira dizer: Viu, como tudo é real?

Nem por isso, no entanto, deve-se cometer o engano de esperar que o universo poético-ficcional de Assionara seja algo imerso em um oceano de razão crua (mesmo esta, afinal, exerce com grande frequência um denso efeito estupefaciente). Na obra de Nara, ao contrário, não há “descanso possível para o impulso”, como declara a narradora logo na primeira linha do conto “Butterfly”, que integra o livro *Amanhã. Com sorvete!* É um bicho adormecido que ao menor pretexto desperta para dar seu bote. Um bicho que, como o Gato do conto homônimo de *Na rua: a caminho do circo*, põe garras e dentes em ação com o propósito feroz de impedir que a mesmice e a previsibilidade ofereçam qualquer ilusão de conforto:

Zéfira também abre Tarot para os que privam de sua intimidade. Dizem que se a carta que ela está prestes a virar for muito forte para o consulente, o gato salta de onde estiver, bate a pata na dita carta e rosna fino e longo com o olho grudado em sua dona, impedindo que ela anuncie a sorte ruim. Mas às vezes ele blefa.

Que é esse gato de cartomante senão uma figuração da própria vida, imprevisível, inconstante e volátil, por vezes ferina, que anuncia be-nesses ou desgraças, desmente-as, premia e castiga os que por ela passam, frustra as expectativas? Assionara Souza criou personagens que transitam por essa existência insólita sem cessar, perambulam pelas ruas das cidades, como quem se apressa a caminho de um circo pere-ne, movidos que são por um “ímpeto de mambembe”, pelo desejo de revirar o mundo.

Assionara Souza – Escritora, nascida em Caicó/RN, em 14 de outubro de 1969. Formada em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná, foi pesquisadora da obra de Osman Lins (1924-1978). Autora dos volumes de contos *Ceália não é um cachimbo* (2005), *Amanhã. Com sorvete!* (2010), *Os hábitos e os monges* (2011), *Na rua: a caminho do circo* (2014) — contemplado com a Bolsa Petrobras, 2014; e *Alquimista na chuva* (poesia, 2017). Sua obra tem sido publicada no México pela editora Calygramma. Participou do coletivo *Escritoras Suicidas*. Idealizou e coordenou o projeto *Translações: literatura em trânsito* [antologia de autores paranaenses: www.literaturaemtransito.com]. Estreou na dramaturgia escrevendo a peça *Das mulheres de antes* (2016), para a Inominável Companhia de Teatro. Morreu em 21 de maio de 2018, em Curitiba/PR.



Os diálogos entre *duas* poetas.

Assionara Souza

Tarot

Vou confessar, querida
 Tenho isso de gostar dos loucos
 Observo de longe o jeito que eles comem com os olhos
 Com você foi assim
 Esse esmalte vermelho sempre em dia
 Esse passado colado no álbum com cantoneiras e papel vegetal
 Quero a receita completa
 Desde o suspense antes do desfecho da trama
 O disparo, teu olho assustado pra câmera
 Por trás da palavra pêssego corre um rio espesso
 Mordo a palavra pêssego
 E as comportas desabam — uma cidade inteira vem abaixo
 Corremos, corremos para bem longe do set de filmagens
 Vida real é um cão dormindo no silêncio da tarde de um domingo

É tarde de segunda-feira
 As palavras dançam em mil vozes
 Não pode evitá-las
 Quer apenas dormir e deixar o corpo esquecer
 Ontem de madrugada
 Chegando da festa
 (Sempre depois da festa os desastres
 — Como se um deus não perdoasse
 O cansaço de nossa alegria)
 A mão segura o calcanhar
 Esquerdo e, antes que o sapato escape,
 Um telefone grita
 Ninguém será jamais uma ilha
 Do outro lado da linha,
 O gemido ensaia a frase de socorro
 Recompôr-se, esquecer a entrega
 Do corpo ao prazer vivido na festa
 O amor nos impele a obrigações vastíssimas
 — Sim! Já estamos indo! Fica calmo.
 Procura não se mexer...
 A cidade respira uma camada tímida de brisa
 Os homens mergulham
 Em alienações produtivas
 Quem flagra sua maquiagem gasta
 E o cabelo desarrumado
 Não acerta uma pista do enredo dessa trama
 Então ela providencia tudo
 Para que fiquem bem, para que estejam bem
 Nada mais do que a impossível obrigação
 Agora, na tarde densa de insônia
 Conduz seu fantasma ao espelho
 E ele mira-se longo e compreensivo
 Como se arrancasse o coração
 Com o machado do “sim”

Poemas de Assionara Souza,
 do livro *Instruções para morder a
 palavra pássaro*, ed. Kotter, 2018.

Silvana Guimarães

Supermercado

devo-lhe um poema de amor mas
 preciso fazer a lista das compras
 andar sobre as águas quebrar pedras
 romper a fortaleza das palavras
 convencer estrelas e cotovias
 buscar um farrapo de eternidade
 limpar a angústia dos móveis
 tirar o encantamento do armário
 desvendar seu abismo meus ismos
 ferir o pudor raspar o desejo
 pera uva maçã ou algodão doce
 como se como sempre como sou
 adivinhar seu cheiro de magnólia
 a febre a dor o desalento implícitos
 amar e desamar o seu avesso

: apalpo a palavra pêssego e ela
 se diz entrega em suas mãos

Tratado sobre a relatividade

o casco do navio que desaparece
 no mar antes do adeus

a face da lua sempre voltada
 para a solidão dos meus olhos

20 miolos de garrafa térmica
 adquiridos numa liquidação

um sonho fugindo com
 o primeiro raio de sol

a luta da alma contra o corpo
 [a carne não dura]

a cor do esmalte das minhas
 unhas: passional

Silvana Guimarães (Belo Horizonte/MG). Socióloga e escritora. Organizou e participou de algumas coletâneas, entre elas, *Hiperconexões — Realidade Expandida Vol. 2* (Org. Luiz Bras, Patuá, 2014) e *1917-2017 — O Século sem Fim* (Org. Marco Aqueiva, Patuá, 2017). Editora da *Germina — Revista de Literatura & Arte* e do site *Escritoras Suicidas*. Lança seu primeiro livro, de poesia, em 2018.

entrevista

O livro da vida de Leilah

Editora e pesquisadora marcou história do livro no Brasil ao publicar manuscrito de autor desconhecido. Obra influenciou a luta antimanicomial. — por José Carlos Fernandes, foto de Bruno Stock

Há 30 anos, numa manhã qualquer, a pesquisadora aposentada da UFPR, Leilah Santiago Bufrem, tornou-se a pessoa certa, no lugar certo. À frente da recém-fundada Scientia et Labor – hoje Editora UFPR – atendeu um escritor desconhecido que lhe bateu à porta. Chamava-se Austregésilo Carrano (1957-2008), ostentava longos cabelos loiros e tiques nervosos. O estranho entregou-lhe um surrado caderno escrito à mão, no qual relatava os infortúnios passados num hospital psiquiátrico de Curitiba. Ela prometeu ler – e cumpriu a promessa.

“Não dormi aquela noite”, lembra Leilah, ao falar da impressão que o texto lhe causou. O resto da história é conhecido. *Canto dos malditos*, a obra de Carrano, acabou nos tribunais, nas salas de cinema, nos anais sobre obras perseguidas. De quebra, o livro serviu de farol para as editoras universitárias brasileiras, surgidas aos montes com o fim do regime militar, a partir de 1985. Essas casas publicadoras pareciam existir para imprimir pesquisas acadêmicas, mas também podiam se ater a títulos marginais, de impacto, com força suficiente para chamar atenção sobre mazelas da sociedade. A luta antimanicomial – hoje uma realidade no país – fez de *Canto...* uma de suas bandeiras.

Se a vida de Carrano foi dividida em “antes e depois” da publicação, algo semelhante se deu com Leilah. A neta da poeta Pompília Lopes dos Santos – para citar um de seus antepassados ilustres –, interessada em pesquisar bibliotecas escolares, tornou-se uma voz autorizada sobre o mercado editorial. Rara a semana em que não seja chamada para proferir pareceres e colóquios, nos mais diversos rincões do país. Seu trabalho *Editoras universitárias no Brasil: uma crítica da reformulação da prática* (2ª ed. Edusp, 1ª ed. Editora UFPR), permanece uma referência para os profissionais do livro numa nação de poucos leitores.

Não é seu único mérito. Leilah figura entre as primeiras a furar o cerco do mercado editorial, por décadas um circuito notadamente masculino. “Éramos poucas. A exceção ficava para as herdeiras de grandes editores”, comenta, sobre o período em que podia contabilizar sem esforço quantas mulheres tinham liderança no setor. “Olhava em volta e via a Maria do Carmo Guedes, da PUC de São Paulo”, lembra. Os desafios, contudo, permanecem. Além da diversidade de gênero, editoras ligadas a instituições de ensino precisam vencer toda sorte de barreiras para traduzir a diversidade do mundo do conhecimento.



“Editar é como estar o tempo todo numa banca. Temos de ser críticos, pedagógicos, bons leitores”, comenta, sem queixas. O mundo do livro é a casa de Leilah. Confira trechos da sua entrevista à revista *Tinteiro*.

“ Não dormi aquela noite”, lembra Leilah Santiago Bufrem



O texto precisava de correções, mas era fluido, um libelo antimanicomial.

No final da década de 1980 – em plena abertura pós-ditadura – a senhora editou o livro *Canto dos malditos*, do curitibano Austregésilo Carrano. A obra – que inspirou o filme *Bicho de sete cabeças*, de Laís Bodansky – acabou censurada e retirada das livrarias. Como se deu seu encontro com Carrano?

— O Carrano chegou na editora num final de manhã. Usava um cabelão comprido, chamava atenção. Trazia um manuscrito bem surradinho, escrito a caneta na mesa da cozinha, cheio de marcas de gordura. Até hoje me pergunto em que lugar esse material foi parar, depois que o devolvemos. Ele me contou que tinha conversado com a editora Regina Benitez, da Secretaria de Estado da Cultura, que lhe informou que aquele trabalho não atendia ao perfil da secretaria. Disse assim: “Preciso lançar o meu livro. A senhora vai publicar?”. Expliquei que não publicávamos autobiografias, mas prometi ler. Levei o material para casa e comecei naquela noite mesmo. Fiquei apaixonada. Não consegui dormir. O texto precisava de correções, mas era fluido, um libelo antimanicomial, um relato do horror. Inacreditável o que fizeram com aquele rapaz num hospital psiquiátrico, por causa de um cigarro de maconha. Carrano passou por vários hospitais, tentou se matar algumas vezes. Vivi uma luta interna ao ler *Canto dos malditos*. O título era dúbio. Referia-se ao cantinho do hospital em que ficavam os mais catatônicos, mas também aos murmúrios que faziam depois dos choques. Soava como uma música triste. Muitas famílias brasileiras tinham passado por dramas semelhantes ao do Carrano. A minha, inclusive.

Foi difícil conseguir a adesão da universidade?

— Cheguei à reunião do conselho editorial com o manuscrito debaixo do braço. Havia a minha leitura, mas também dois pareceres externos: um do escritor Roberto Gomes e outro do poeta Paulo Leminski. O Leminski recomendou que a gente publicasse do jeito que estava, numa edição fac-similar, para mostrar como o Carrano escrevia. Gomes recomendou uma revisão do português e um tratamento mais acadêmico do material. Há que se dizer que o Roberto Gomes, que assumiu a editora depois de mim, tinha uma visão mais sólida – e que nós ainda trabalhávamos de forma anárquica. Depois de muita discussão, decidimos publicar. Parecia-nos importante do ponto de vista social, mas também institucional. Uma maneira de romper com certa aflição da ditadura, que ainda pairava sobre a universidade. Fomos unânimes na decisão. Achava que ia ser mais difícil. Hoje suspeito que tive uma boa capacidade de convencimento (risos). *Canto dos malditos* saiu e se tornou nosso primeiro sucesso editorial – o livro mais vendido da Bienal do Livro do Rio de Janeiro...

A menção ao nome do médico que tratou do Carrano, no hospital psiquiátrico de Curitiba, acabou sendo o estopim da censura à obra, anos depois. Como lidaram com esse impasse?

— Um membro do conselho disse que não podíamos citar o médico, mas resolvemos deixar do jeito que aparecia no original. A ação da família veio. Tivemos de responder judicialmente e o livro foi recolhido nas livrarias. Carrano fez performances, peça de teatro, protestos. E quando saiu o filme *Bicho de sete cabeças* [com Rodrigo Santoro no papel inspirado no Carrano], não se podia citar qual era a origem da história... Essa situação me pegou. O caso tinha ocorrido no Hospital Bom Retiro. O eletrochoque era o que se praticava na época. O livro trazia a percepção do autor sobre o que ele passou e sua leitura da reação do médico ao vê-lo naquela situação. Pareceu-lhe irônico e sádico. É uma única menção.

A senhora se sente autora de um golaço editorial, como se diz, por ter percebido a importância da obra?

— Foi uma surpresa, confesso. Nosso grupo tinha acabado de inventar uma editora a partir do nada. Nossa única máquina de escrever veio de uma doação do antigo Cefet. A primeira sede era uma saleta na Reitoria da UFPR, no local onde antes funcionava a sede do SNI [Serviço Nacional de Informações, um órgão da repressão]. Dali os agentes ouviam com um gravador tudo o que se passava na sala do reitor. A equipe da editora era pequena, com uma secretária que roubamos do Departamento de Química, a maravilhosa Marilda Rocio Artigas Santos. O setor funcionava com a colaboração de alunos, de servidores, de sugestões do pessoal da área de Letras e da Linguística... Tínhamos de improvisar. Quando me despedi da editora, em 1990, mal acreditei ao ver que ganhámos um computador.

A criação da Editora UFPR [chamada então de *Scientia et Labor*], em 1987, estava ligada à abertura pós-regime militar. Como foram aqueles dias?

— Lembro bem. O professor Riad Salamuni foi o primeiro reitor eleito pela comunidade universitária, aprovado pela chamada lista tríplice. Salamuni criou muitas comissões na UFPR, de modo a administrá-la de forma aberta e crítica, como era desejo. Foi numa dessas comissões que veio à tona a proposta de criar uma editora na universidade. O pró-reitor de Extensão e Cultura era o professor Carlos Alberto Faraco e me convidou para presidir as discussões. Estudei regimentos de todas as editoras universitárias do Brasil, em especial o da Edusp e o da UnB – concebida por Darcy Ribeiro como a editora ideal. O movimento por editoras universitárias era nacional. A da UFPR tinha uma situação bem peculiar: havia uma gráfica vinculada à fundação. Muitos diziam que bastava,

que era só publicar obras de apoio didático ou as pesquisas dos professores. Mas queríamos uma publicadora independente, com conselhos editoriais, democrática.

Havia a tentação de seguir os moldes de uma editora como a Brasiliense – por exemplo – para citar uma das mais conhecidas da década de 1980?

— Surgiam muitos impasses a esse respeito. A associação que congregava editores de todo o país insistia que as “universitárias” deveriam ter um diferencial e não seguir todos os passos das editoras privadas. E havia uma vantagem: as universidades tinham recursos e não precisam competir no mercado, além de disporem de matéria-prima de qualidade. A nossa pergunta, no entanto, era o que de fato tinha qualidade? O que devíamos editar? Tínhamos de escoar a produção dos professores, mas havia elementos regionais bem interessantes, boa ficção e poesia. A editora não podia existir para publicar as obras do senhor reitor e dos seus amigos. Para nos prevenirmos disso, chegamos a propor trazer pessoas de fora da universidade para o conselho editorial.

Qual seu diagnóstico, 30 anos depois?

— Tinha um vazio na universidade. Digo que a criação da editora foi revolucionária. Formamos uma equipe nova, pós-regime militar, com ganas de se despedir daquele período sombrio. Houve muito entusiasmo. Surgia um livro atrás de outro. Chegavam muitos originais. O livro de estreia, em parceria, foi *Harry Berger*, do José Joffily, sobre um torturado político. Provocou polêmica na casa. Fizemos compêndios de Botânica, é claro. E muito trabalho para editar *Um exercício de criação*, sobre o pintor Theodoro De Bona. Sofríamos pressão para lançar essa linha de publicações. Lançamos, mas também causamos barulho.

O que fez de Leilah Santiago Bufrem uma editora?

— Ser da área da biblioteconomia foi determinante. Eu era uma profissional do livro, tinha conhecimentos técnicos sobre distribuição, mas também gostava de ler. Fui aluna de Nancy Westphalen Correia, que me apresentou a história do livro. Em paralelo, cursei Filosofia como segunda graduação. Some-se que meu pai [o intelectual Ernani Santiago] me estimulava a lidar com livros. Quando fiz 13 anos, e ainda estudava no Colégio Sion, ele me levou à Livraria Ghignone e comprou de presente uma edição aveludada da *Larousse du XXe siècle*. Até hoje guardo comigo os seis volumes. Anos depois, papai faliu e passamos um período financeiro difícil. Eu me empreguei na Biblioteca Pública do Paraná. Gastei meu primeiro salário todo em livros. Minha mãe [a escritora Liamir Hauer] me chamou atenção (risos). Já adulta, quando me vi numa editora – ajudando a escolher o que seria publicado – confesso que me senti em casa.

olhares

Literatura magoada e a possibilidade da autorredenção

— por **Cristiano Castilho**

Em uma noite quase fria de terça-feira em Curitiba, fui ao lançamento do livro *Corpo outro* (Editora Barbante), da poeta e amiga Vanessa C. Rodrigues, em parceria com a fotógrafa Ana Paula Málaga. “O perigo da janela depende do tamanho – um corpo não passa pelo buraco de um bolso. O perigo da janela depende da altura – não se pode saltar da janela do porão. O perigo da janela está nos olhos – às vezes é a paisagem de uma festa/ a noite pontilhada por mil outras janelas felizes; outras vezes é um poema/ que não será escrito”. Vanessa ainda não sabe que foi citada aqui desta forma não tão convencional, mas seu livro e o bonito pronunciamento que fez naquela festinha pré-gin, deixaram claro que a literatura – ou a poesia, ou a criação artística – é um processo incontornável de cura. Porque dar forma àquilo que sentimos altera aquilo que sentimos.

Desde que mantivemos um contato mais próximo e enfim compreendi o caminho apaixonado e visceral de sua produção, aceitei de maneira menos egocêntrica que o processo da escrita é mais importante que o seu resultado. Alinhei essa percepção com a ideia-motriz de outros escritores que admiro e que nos iluminam do fundo do poço. Escrever no expurgo é como matar um fantasma que pode até continuar ao seu lado, mas que antes morava aí dentro. E o que os outros vão pensar? Com algum tipo de senso crítico inato aos mais sensíveis, faça uma placa gigante e escreva: foda-se.

Há três anos estou lendo a saga memorial-autobiográfica “Minha luta”, do escritor norueguês Karl Ove Knausgard. Lendo é modo de dizer. Porque é o tipo de literatura tão íntima e sincera – sei como foi a primeira vez em que se masturbou, sei da vergonha que sentia ao usar touca de banho na escolinha de natação e dos porres vergonhosos a que se submeteu – que os grandiosos seis volumes (já foram lançados



PATRICK TOMASSO / UNSPLASH

cinco, todos pela Cia. das Letras) constroem um laço afetivo e necessário para quem sente o mundo mais do que a maioria. Tenho saudades de Karl Ove quando não o leio. Porque com sua literatura, conheço-o melhor que seu pai.

“
Este livro salvou a minha vida, disse o romeno no filme *Emil Cioran* (1999), de Patrice Bollon e Bernard Jourdain.

O fator pai, aliás. Tema tão explorado na literatura quanto nas fotos de Facebook no dia deles. O título do primeiro volume é *A morte do pai*. Não é uma constatação, mas uma vontade. A inveja repressiva, a ausência afetiva, a sensação de despertencimento que paira eternamente sobre uma casa na qual uma família de dois irmãos e uma mãe sente pavor das reações de um homem atormentado consigo mesmo, motivado a fazer burradas marcantes por

causa do excesso de bebida, tudo isso explica o título e o sucesso de vendas do talvez maior escritor vivo hoje: a luta genuína contra a morte, mesmo que a morte lhe seja familiar.

Em uma entrevista para o jornal *O Globo*, em 2016, antes de sua participação na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), Karl Ove disse: “Era isso ou me matava”. Vanessa me contou sobre quando tentou suicídio, e também sobre como escreveu a respeito disso. Aquela ideia do vórtice de sentimento que talvez ilumine uma inspiração momentânea, quando ainda há força, faz sentido, acredite. E Karl Ove na Flip foi um tsunami. Ver o grande homem nórdico de *blazer* bege dizendo que “só” escreveu o que o afligiu por anos foi, de uma forma estranhamente humana, motivador.

Neste mundo de doação deliberada (e sem certeza alguma), há os radicais. O filósofo e ensaísta romeno Emil Cioran (1911-1955) defendia que a ideia do suicídio sempre esteve vinculada à ideia de liberdade. Em 1934, aos 23 (!) anos, desiludido com absolutamente tudo, duvidoso até do gosto da água que bebia, lançou sua obra mais discutida, *Nos cumes do desespero*, publicada no Brasil pela editora Hedra. Há um pessimismo contagiante em cada linha. Saídas são quase nulas, ou sempre objeti-

ficadas em questões maiores, que dependeriam quase de outras vidas para serem resolvidas. Entretanto, há um paradoxo retumbante mais ao final do livro, pois o escritor afirma que o amor, talvez o amor inalcançável, um filho bastardo de Afrodite e Ares, mas projetado de alguma forma assertiva, é a resolução possível. “Este livro salvou a minha vida”, disse o romeno no filme *Emil Cioran* (1999), de Patrice Bollon e Bernard Jourdain.

Então, livros de autoajuda não seriam uma versão às avessas do processo criativo pelo qual todos deveríamos passar para driblar nossos fantasmas? Porque obviamente sabemos o que devemos fazer, e por isso estes livros são tão óbvios. O que não sabemos – e o que nos encanta – é o encontro com a inspiração genuína como possibilidade de redenção em vida, o desnudamento completo da razão, e a posterior transfiguração em paixão, luto, vontades, e até respostas físicas – Karl Ove só conseguiu sair do quatinho em que morava, na adolescência, quando terminou um dos seus primeiros manuscritos para o futuro “romance”.

Por estes dias percebi que um raio emitido pelo coração pode interceptar o andamento de uma psicanálise. Mas não deve ser levado tão a sério se não escrevermos sobre ele.

olhares

Poesia Simbolista e Recepção da Antiguidade no Paraná

Apontamentos de uma nova pesquisa. — por **Renata Senna Garraffoni**, departamento de História UFPR

Andar pelo centro da cidade de Curitiba é perder-se em inúmeras camadas de passado. Às vezes, na correria diária para pagar uma conta no banco, ir ao correio ou resolver algo no INSS, nem prestamos atenção a isso, mas notar algum turista tirando fotos em frente ao “Prédio Histórico da Federal” pode funcionar como uma espécie de corte na pressa cotidiana e assim abrir espaço para a contemplação, nem que de forma rápida, da praça Santos Andrade e do edifício da universidade.

Palco de tantas lutas e greves históricas, lugar de reuniões e feiras, a escadaria do “Prédio Histórico”, sua imponente fachada e seus arredores fazem parte do patrimônio histórico do Paraná, são um símbolo da Universidade Pública no coração da cidade e, também, um exemplar único da presença do passado grego clássico em nosso cotidiano. Essa mistura de passado e presente, de luta e resistência, de valores da elite política do início do século XX e das feiras populares de agora, da produção de conhecimento e de posições inovadoras na defesa do ensino público e gratuito, torna esse espaço um lugar privilegiado de debates e arriscaria dizer que, talvez, a praça Santos Andrade seja um local de concentração dos conflitos sociais e políticos históricos da cidade.

Essas percepções e reflexões não se manifestaram de maneira imediata em meu cotidiano – afinal, já passei apressada por ali, também! Elas foram se construindo ao longo de muitas idas e vindas entre o “Prédio Histórico” e a Reitoria ao longo destes anos e, apesar de tudo isso se encontrar de modo difuso entre minhas inquietações de historiadora, até 2012 não tinha me ocorrido fazer um estudo sobre a questão. A ideia surgiu apenas nesse ano, pois eu era tutora do PET-História, e na ocasião os e as estudantes do grupo decidiram fazer um estudo sobre

a revista literária *Joaquim*, editada por Dalton Trevisan entre 1946 e 1948. Como não sou nascida em Curitiba, mas vim para cá no começo de 2000, essa pesquisa foi uma oportunidade para que eu conhecesse mais sobre os embates literários que aqui ocorreram na primeira metade do século XX.

Para nos aprofundarmos um pouco mais no tema, lemos a tese de Miguel Sanches Neto, *A reivindicação da província: a revista Joaquim e o espaço da estreia de Dalton Trevisan*, e por meio dela eu soube da coroação de Emiliano Pernetta como Príncipe dos Poetas, no Passeio Público, no início do século XX. Fiquei profundamente intrigada, por um tempo não saía de minha cabeça a cena de Emiliano Pernetta recebendo de musas gregas uma coroa de louro. Por que isso? Qual o significado? E as fotos, então? Um banquete lotado de gente! Essas questões me chamaram a atenção para a presença de elementos gregos em outros lugares da cidade: não era somente na fachada do “Prédio Histórico”, mas anterior à própria construção desse edifício. Tinha, enfim, muitas dúvidas e algumas trilhas a percorrer por um caminho tortuoso. Aos poucos, fui notando que, ao contrário do que poderia imaginar, a cultura clássica não foi somente copiada ou imitada por essas pessoas, mas foi vivenciada, pois fazia parte da sociabilidade literária da cidade na virada do século XIX e nas primeiras décadas do XX.

Como professora universitária que desenvolve pesquisa em epigrafia romana, estudar a presença greco-romana na sociedade brasileira sempre foi algo que me interessou, mas acabava ficando em segundo plano. A partir desse encontro tão inesperado e de conversas com colegas da área da literatura, achei que esse tema era algo muito especial para se deixar de lado. Assim, em 2017, comecei a fazer um levantamento mais

aprofundado de documentos existentes no Museu Paranaense e na Casa da Memória sobre a relação entre literatura simbolista e política, tendo como base, em um primeiro momento, o livro de Maria Tarcisa Bega. Há uma grande quantidade de documentos nos acervos dessas instituições: escritos, publicações, revistas, fotos, notícias de jornal em ambas. No Museu Paranaense, há o diferencial da presença de objetos tridimensionais, com destaque a uma coleção de medalhas do Instituto Neo-Pitagórico, fundado por Dario Vellozo, e à coroa de louros recebida por Emiliano Pernetta.

Considerando a quantidade de documentos disponíveis, o recorte com que estou trabalhando vai do final do século XIX até por volta de 1920, de modo a abarcar a inauguração do Templo das Musas e os primeiros encontros que lá ocorreram, ou seja, um foco inicial nos escritos de Emiliano Pernetta e Dario Vellozo, bem como em suas atuações na cidade. Além dos escritos poéticos de ambos que remetem ao contexto grego, interessam-me, também, os espaços de sociabilidade; daí a atenção às fotografias das festas no Passeio Público e dos primeiros eventos após a inauguração do Templo. O objetivo é entender como, por meio da literatura simbolista e do contato com a história da Grécia antiga, os poetas foram construindo suas percepções estéticas e, também, de democracia, de política e de vida pública. Um desafio, seguramente, mas que não deixa de surpreender; afinal, na virada do século XIX, os ideais ocultistas e de crítica ao *status quo* estavam em voga e tiveram seus impactos na cidade que se modernizava. A circulação de poemas, de traduções, de ideais republicanos, anticlericais, abolicionistas estava presente em seus cotidianos e, se havia um ambiente poético mais masculino, chama atenção, nas fotos, a massiva presença feminina

nas festas, algo ainda não estudado com o devido cuidado. Os gregos antigos, de alguma forma, foram parte importante da sociabilidade dessas pessoas. Por isso, conhecer um pouco mais sobre essa relação permite um aprofundamento no estudo do cotidiano da época, além de outras leituras sobre o simbolismo brasileiro. Ainda que esteja apenas no início, a pesquisa é, também, uma aposta em que os mais jovens se interessem mais pela história da cidade, pela literatura simbolista, pela cultura clássica antiga e sua presença na Modernidade.

rovíncia: a revista Joaquim e o espaço da estreia de Dalton Trevisan. 432 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

Referências

BEGA, M. T. S. *Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha*. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.

SANCHES NETO, M. *A reivindicação da província: a revista Joaquim e o espaço da estreia de Dalton Trevisan*. 432 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

Para saber mais

GARRAFFONI, R. S. *Os antigos gregos no acervo do Museu Paranaense: recepção dos clássicos, poesia simbolista e política*. Curitiba: SAMP, 2018.

natureza

Crônicas em seu jardim

— por **Rodrigo Tadeu Gonçalves**

Em *O equinócio dos sabiás: aventura científica no seu jardim tropical*, publicado pela Editora UFPR com apoio da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza, aprendemos muitas coisas sobre natureza, zoologia, botânica, ecologia, através de crônicas escritas em uma linguagem fluida e agradável, que propõem uma viagem no tempo e no espaço, acompanhando o jardim tropical do autor, Marcos Rodrigues, professor de zoologia da UFMG com doutorado em Oxford.

Em suas crônicas, somos convidados a um passeio pelo conhecimento científico sobre inúmeras espécies de aves, árvores, frutos, animais, mas por um caminho inu-

sitado, o da divulgação científica escrita em forma literária. O comportamento das espécies se torna o fio condutor de um enredo prazeroso, construído com uma narrativa sólida, que se envereda pelas complexas inter-relações entre os vários agentes não humanos que compõem o belo mosaico da natureza.

Propondo analogias com outros ecossistemas e outros gêneros e obras literárias, mal sentimos que estamos aprendendo, pois o prazer da leitura nos embala e descreve o caminho que vai de um equinócio da primavera até o seguinte.

Enquanto vemos o ritmo da natureza pulsando ao longo das estações, o autor nos presenteia com informações importantes sobre

o meio-ambiente de forma leve e precisa, sem deixar de nos indicar bibliografia especializada em notas e no glossário de nomes científicos ao final do livro.

De acordo com Rodrigues em seu prólogo, o público do livro não é exclusivamente o de especialistas em ciências ambientais, mas também fotógrafos, observadores de aves, naturalistas, amantes da vida *outdoor*, entre outros. Apesar dessa amplitude, o livro pode ser usado como material didático tanto para estudantes de ensino médio quanto para estudantes de nível superior em vários cursos. Acima de tudo, esse é um livro para qualquer um que se considere amante da natureza, mesmo que não saiba.



**O equinócio dos sabiás.
Aventura científica no seu jardim tropical**

Marcos Rodrigues

sociedade

A educação infantil como resistência

— por **Hertz Wendel de Camargo**

O recente lançamento *Trincheiras, resistências e utopias pedagógicas: escolas alternativas em Curitiba durante a ditadura militar*, tem como base a tese de doutorado de Maria Rosa Chaves Künzle, e aborda um tema de extrema importância

“

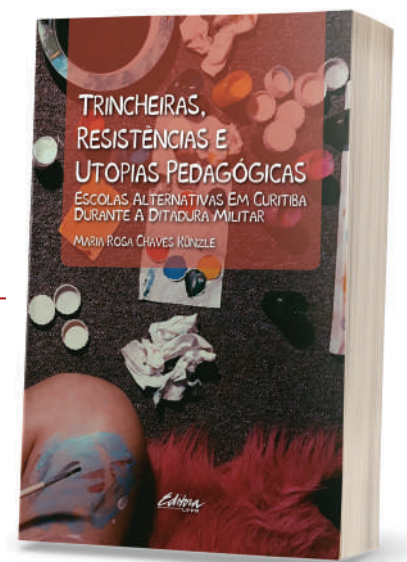
O diferencial do livro é sua análise das experiências da educação infantil no período de maior violência do Estado contra o povo.

para os estudiosos daquele período histórico. Fundamentada em um sólido referencial teórico, a obra promove a reflexão sobre a educação alternativa em Curitiba reconstruindo a época por meio de entrevistas com pessoas diretamente envolvidas com as experiências nas Escolas Raphael Hardy, Oficina, Pequeno Príncipe, Oca e Aldeia, somadas a artigos e notícias em jornais e arquivos públicos.

O diferencial do livro é sua análise das experiências da educação infantil no período de maior violência do Estado contra o povo. Em sintonia com o mundo – marcado pelos movimentos de contestação, contracultura, dos anos 1960 e 1970 – as escolas pesquisadas apresentavam inovadoras práticas pedagógicas como a simplicidade de organizar as carteiras em círculos contra o tradicional enfileiramento, pois assim promoviam a

equidade de ideias em discussões sobre gênero, liberdade, família, entre outras práticas. Claramente, um espaço de resistência à ditadura militar, pontuada pelas perseguições, prisões e repressão aos militantes de esquerda que lutavam contra o autoritarismo. O livro também revela as diferentes origens dos atores da resistência: profissionais liberais, grupos organizados de esquerda, progressistas da Igreja Católica, pessoas dos movimentos sindicais e populares.

Enfim, o livro apresenta assuntos de interesse não apenas para pesquisadores da Educação, Sociologia, História, mas leitores interessados como as escolas de Curitiba serviram de cenário para ações de resistência e formas alternativas de aprendizado, mesmo enfrentando uma realidade histórica que tendia a alçar tais práticas no âmbito do utópico.



Trincheiras, resistências e utopias pedagógicas: escolas alternativas em Curitiba durante a ditadura militar

Maria Rosa Chaves Künzle

gênero

O “diferente” que faz história

Coletânea propõe desnaturalizar concepções de sujeitos e de direitos. — por **Nicole Kollross**

Em *Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade*, coletânea de artigos organizada pelas professoras doutoras Marlene Tamanini, Roseli Boschilia e Sônia Fátima Schwendler, temos a oportunidade de aprofundar noções importantes do campo dos estudos de gênero, as quais, inclusive, já têm sido desenvolvidas há mais de 20 anos pelo Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR, cujos grupos de pesquisa estão vinculados a vários programas de pós-graduação da instituição.

A interdisciplinaridade entre campos está manifesta, inclusive, nos perfis das pesquisadoras que compõem a obra, com formação e atuação em disciplinas como História, Economia, Literatura, Lingüística e Filosofia. A reunião é justificada pela importância do tema, já que propõe desnaturalizar concepções de sujeitos e de direitos, principalmente por meio da denúncia de processos socioculturais e políticos de discriminação da mulher.

É uma referência obrigatória para qualquer pessoa interessada em dialogar com especialistas sobre os modos de construção das identidades de gênero, em diferentes âmbitos da vida: desde a esfera profissional, até a inserção política. Talvez mais importante ainda seja a sua motivação principal, que é dar voz e visibilidade a sujeitos que, em suas vivências e construções identitárias, se fazem “diferentes” dos demais e, então, os desconstroem. A obra

se constitui de sete capítulos que, entre outros temas, tratam tanto da história do próprio Núcleo de Estudos de Gênero da UFPR quanto da militância feminista no Rio de Janeiro na segunda metade do século XX e, também, dos movimentos sociais do campo na contemporaneidade (em uma rara perspectiva sobre um feminismo camponês e popular).

Por fim, a proposta da obra está intimamente relacionada ao que as organizadoras apontam na apresentação do livro: “estratégias políticas e campos epistemológicos novos para atender a necessidade de referenciais teóricos e de uma agenda política onde o ‘diferente’ e a diversidade possam, como sujeitos, fazer e pensar a história”.

Por fim, a proposta da obra está intimamente relacionada ao que as organizadoras apontam na apresentação do livro: “estratégias políticas e campos epistemológicos novos para atender a necessidade de referenciais teóricos e de uma agenda política onde o ‘diferente’ e a diversidade possam, como sujeitos, fazer e pensar a história”.



Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade

Marlene Tamanini, Roseli Boschilia e Sônia F. Schwendler
(Organizadoras)



listão

Catálogo da Editora UFPR

Confira as principais publicações. Lista em ordem alfabética pelo título da obra. Catálogo completo em nosso site.

20 anos de história da UFPR em Palotina: de campus a setor. Eleci Schröder Donin

40 anos: Design Cerâmico: Universidade Federal do Paraná: 1975-2015. Dulce M. Paiva Fernandes

75 anos de Ciências Biológicas na UFPR. Márcia Dalledone Siqueira

Acervo documental do gabinete de arquitetura brasileira: maquetes, testemunhos, levantamentos e trabalhos escolares. Key Imaguire Junior; Nadia Cibele Besciak

Ações e relações de poder: a construção da reportagem política no telejornalismo paranaense – um estudo comparativo. João Somma Neto

Álcool carburante: uma estratégia brasileira. Léo da Rocha Lima; Aluizio de Abreu Marcondes

Alfabetos: ensaios de literatura. Claudio Magris. Maria Célia Martirani (Trad.)

Amazônia viva: Tyryetê Kaxinawá. Catálogos do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. Márcia Cristina Rosato et al.

América Latina: história e literatura. Ana Amélia M. C. de Melo; Maria Soledad Falabella Luco; Adelaide Gonçalves Pereira (Orgs.)

América Latina, sociedade e meio ambiente. Dimas Florian; Antonio Helizalde Hevia (Orgs.)

Análise experimental do comportamento: manual de laboratório. 6ª ed. rev. e ampl. Paula Inez Cunha Gomide; Lidia Natalia Dobrianskyj Weber

Anatomia da melancolia, A. – volume I – Demócrito Júnior ao



leitor. Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

Anatomia da melancolia, A. – volume II – A primeira partição: causas da melancolia. Robert Burton. Guilherme G. Flores (Trad.)

Anatomia da melancolia, A. – volume III – A segunda partição: a cura da melancolia. Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

Anatomia da melancolia, A. – volume IV – A terceira partição: melancolia amorosa. Robert Burton. Guilherme Gontijo Flores (Trad.)

Angústia da ação, A. Poesia e política em Drummond. Roberto Said

Animal que não sou mais, O. Étienne Bimbenet. Maurício José d'Escagnolle Cardoso (Trad.)

Antonina dos meus dias revisitada. Eduardo Nascimento

Antonio Vieira dos Santos: reminiscências e outros escritos. André Luiz Moscaleski Cavazzani; Sandro Aramis Richter Gomes (Orgs.)

Araucária não é peça de museu. Flávio Zanette

Armas, pólvora e chumbo: a expansão luso-brasileira e os índios do planalto meridional. Almir Antonio de Souza

Arte das tradições populares, A. Zulmara Clara Sauner Posse (Org.)

Arte de praticar violino, A. Robert Gerle. João Eduardo Titton (Trad.)

Artista do exagero, O. A literatura de Thomas Bernhard. Matthias

Konzett (Ed.). Ruth Bohunovsky (Org. da tradução)

Assim vivem os homens: contos indígenas e narrativas tradicionais – volume I – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. Andréia Baia Prestes (Org.)

Assim vivem os homens volume II: contos africanos – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. Andréia Baia Prestes (Org.)

Assim vivem os homens: guia da exposição – cultura popular – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná. Márcia Cristina Rosato et al.

Assombrosa história do homem do cavalo branco, A. Da novela Der Schimmelreiter (1888). Theodor Storm. Mauricio M. Cardoso (Trad.)

Atlas anatômico e histológico do caranguejo-uçá (Ucides cordatus). Gisela G. Castilho-Westphal et al.

Astronáutica e seus grandes pioneiros, A. Nelson de Luca

Autoritarismo e democracia no Paraguai contemporâneo. Fábio Anibal Jara Goiris

Aventuroso Simplicissimus, O. Hans Jacob Christoffel von Grimmelshausen. Mario Luiz Frungillo (Trad.)

Axël. Villiers de L'Isle-Adam. Sandra M. Stroparo (Trad.)

Baía de Paranaguá: mapas e histórias. 2ª ed. Carlos Roberto Soares; Paulo da Cunha Lana

Bento, Brasil e David: o discurso regional de formação social e histórica paranaense. Maria Julieta Weber Cordova



Uma trama na História: uma criança no processo de escolarização primária nas últimas décadas do período imperial
Juarez José T. dos Anjos

Educação



Villa-Lobos, um compêndio: novos desafios interpretativos
Paulo de Tarso Salles e Norton Dudeque (Organizadores)

Artes



Mostra Sylvio Back 8.0: filmes noutra margem
Rosane Kaminski (Coordenadora)

Livros Digitais

Biblioteca Trevisan. Miguel Sanches Neto

Biodiesel para leitores de 9 a 90 anos. José Domingos Fontana

Biodiversidade: a hora decisiva. 2ª ed. Marc Jean Dourojeanni; Maria Tereza Jorge Pádua

Bioética e vulnerabilidades. Mário Antonio Sanches; Ida Cristina Gubert (Orgs.)

Bioquímica: aulas práticas. 7ª ed. Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular

Brazilío Itiberê da Cunha: diplomata músico. Vasti de Sousa Almeida

Caminhos do cooperativismo, Os. José Antonio Gediel

Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências. Luciana Panke

Canto gregoriano: uma abordagem introdutória. Jacques Viret. Paulo Valente (Trad.)

Cegueira e normatividade social: a reconstrução da subjetividade frente à perda tardia da visão. Fernanda Melo

Cela enorme, A. e. e. Cummings. Luci Collin (Trad.)

Centro, centros: literatura e literatura comparada em discussão. Marilene Weinhardt; Maurício Mendonça Cardozo (Orgs.)

Centauro bronco, O. Da novela Der Schimmelreiter (1888). Theodor Storm. Maurício Mendonça Cardozo (Trad.)

Ceticismo filosófico. Plínio Junqueira Smith

Cidade e história na Amazônia. Yara Vicentini

Cidade, desenvolvimento e meio ambiente. Francisco Mendonça

Cidades educadoras. Maria Amélia Sabbag Zainko (Org.)

Cidades novas do café: história, morfologia e paisagem urbana. Alessandro Filla Rosaneli



Ciência do homem e sentimento da natureza: viajantes alemães no Brasil do séc. XIX. Ana L. Fayet Sallas

Ciência e sociedade. Leopoldo Nachbin

Cifras de música para saltério. Antonio Vieira dos Santos

Clima e criminalidade: ensaio analítico da correlação entre a temperatura do ar e a incidência de criminalidade urbana. Francisco Mendonça

Coletânea de termos técnicos de entomologia. 2ª ed. Zundir José Buzzi

Comédia nova da Grécia e de Roma, A. R. L. Hunter. Rodrigo Tadeu Gonçalves (Org. da tradução)

Comentário de texto filosófico. Évelyne Rogue. Eduardo Barra (Org.). Bruna Abrahão et al. (Trad.)

Cômico, O. Concetta D'Angeli; Guido Paduano. Caetano W. Galindo (Trad.)

Como escrever o relatório de um paciente. Nilton S. Rosa Neto; Bruno I. Mori; Mário Sérgio J. Cerci

Como estudar elites. Renato M. Perissinotto; Adriano Codato (Orgs.)

Como produzir morangos. 2ª ed. Maria A. Cassilha Zawadneak; Joselia M. Schuber; Átila F. Mógor (Orgs.)

Como se faz uma novela. Miguel de Unamuno. Lucas P. Lazzaretti (Trad.)

Concerto para piano e orquestra. Gilberto Mendes

Concurso Campus Cabral. Andréa Berriel et al. (Orgs.)

Concurso de composição Hildegard Soboll Martins. Arthur Rinaldi; Eliana Guglielmetti Sulpício; Fábio Gottschild

Condição de estrangeiro, A. Literatura e exílio em Francisco Ayala. Isabel Jasinski

Confederação dos Tamoios, A. Edição fac-similar seguida da polémica sobre o poema. Domingos José Gonçalves de Magalhães

Congadas paranaenses. José Loureiro Fernandes

Conservação da biodiversidade em paisagens antropizadas do Brasil. Carlos A. Peres et al. (Orgs.)

Conservando a natureza do Brasil. Maria Tereza Jorge Pádua

Constituição de 88, A. Trinta anos

depois. Cristina Buarque de Hollanda; Luciana Fernandes Veiga; Oswaldo E. do Amaral (Orgs.)

Conteúdo da imagem, O. José Antonio Moreiro Gonzales; Jesús Robledano Arillo

Conversas sobre financiamento da educação no Brasil. Andréa Barbosa Gouveia; Ângelo Ricardo de Souza; Taís Moura Tavares (Orgs.)

Corpos & objetos na Amazônia. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná

Cozinhando a tradição: festa, cultura, história e turismo no litoral paranaense. Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenes-Minasse

A criança, a matemática e a realidade. Gérard Vergnaud. Maria Lucia Faria Moro (Trad.)

Cristóvão Tezza. Rosse Merye Bernardi; Carlos Alberto Faraco (Orgs.)

Curitiba e o mito da cidade modelo. Dennison de Oliveira

Cursos de português como língua estrangeira no CELIN-UFPR: práticas docentes e experiências em sala de aula. Bruna Pupatto Ruano; Joviana Maria Perin dos Santos; Lygia Maria Leite Saltini (Orgs.)

Da construção ao desmanche: análise do projeto de desenvolvimento paranaense. Francisco de Borja Baptista de Magalhães Filho

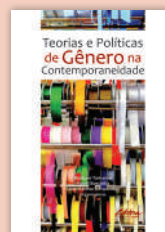
Da psicomotricidade relacional à análise corporal da relação. Andre Lapiere

David Émile Durkheim: a atualidade de um clássico. Márcio de Oliveira; Raquel Weiss (Orgs.)

De agricultor a farmer: Nelson Rockefeller e a modernização da agricultura no Brasil. Claiton Marcio da Silva

Décadas valiosas na história da reprodução humana no Paraná (1960-1970). Ivo Carlos Arnt

Democracia e participação: os conselhos gestores do Paraná. Mário Fuks; Renato M. Perissinotto; Nelson Rosário de Souza (Orgs.)



Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade
Marlene Tamanini, Roseli Boschilia e Sônia F. Schwendler (Organizadoras)

Educação



Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa, de Tomás de Erfurt
Alessandro Jocelito Beccari

Letras



Um papel para a história: O problema da historicidade da ciência
Mauro Lúcio Leitão Condé

História

Democratização da educação superior: o caso de Cuba. Regina Maria Michelotto

Depois de Babel: questões de linguagem e tradução. George A. Steiner. Carlos Alberto Faraco (Trad.)

Desenhos, palavras e números: as marcas da matemática na escola. Maria Lucia Faria Moro; Maria Tereza Carneiro Soares (Orgs.)

Desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Sandra Regina Kirchner Guimarães; Maria Regina Maluf (Orgs.)

Desenvolvimento do Eu, O. Ética, política e justiça em John Stuart Mill. Gustavo Hessmann Dalaqua

Design pop no Brasil dos anos 1970, O. Domesticidades e relações de gênero na decoração de interiores. Marinês R. dos Santos

Dialética do ideal, A. Escritos de E. V. Ilienkov. E. V. Ilienkov. Marcelo José de Souza e Silva (Trad. e Org.)

Diálogos com Bakhtin. Carlos Alberto Faraco; Gilberto de Castro; Cristovão Tezza (Orgs.)

Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades. Katya Braghini; Kazumi Munakata; Marcus Aurelio Tabora de Oliveira (Orgs.)

Diário de Sandholm. Dina Yafasova. Vinicius Mariano de Carvalho; Fernanda Gláucia Pinto; Louise Lauritsen; Eileen Petersmann (Trad.)

Diário do Beagle, O. Charles Darwin. Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)

Dicas legais para quem projeta e constrói. Ronaldo Gava

Dicionário de epônimos. Enny Arlette Pioli Bassetti; Manuela Bassetti de Souza Lima

Dignidade e direitos humanos. Graziela de Oliveira

Dilema multicultural, O. Lorenzo Macagno

Direito, mercantilização e justiça. Eneida Desiree Salgado; Emerson Gabardo (Orgs.)

LANÇAMENTOS

EDITORA UFPR



MIGRAÇÕES NA AMÉRICA LATINA CONTEMPORÂNEA

PROCESSOS E EXPERIÊNCIAS HUMANAS

ORGANIZADORES
Gislene Santos
Nádía P. Floriani

@editora.ufpr @editoraufpr



Disseminando conhecimentos e práticas: o PIBID na UFPR. Leonir Lorenzetti et al. (Orgs.)

Do encantamento à apostasia: a poesia brasileira de 1880-1919, antologia e estudo. Fernando C. Gil

Dogmatismo e antidogmatismo: filosofia crítica, vontade e liberdade: uma homenagem a Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. Eduardo R. da Fonseca et al.

Do som ao sinal: história da notação musical. Jean-Yves Bosseur. Marco Aurélio Koentopp (Trad.)

Duas Clarices, As. Entre a Europa e a América – leitura e tradução da obra de Clarice Lispector na França e no Quebec. Lúcia Peixoto Cherem

Editoras universitárias no Brasil. Leilah Santiago Bufrem

Educação do campo em movimento: teoria e prática cotidiana. v. II. Sônia Guariza Miranda; Cecília Maria Ghedini; Natacha Eugênia Janata (Orgs.)

Educação do Campo: território, escolas, políticas e práticas educacionais. Maria Antônia de Souza; Geysy Dongley Germinari (Orgs.)

Educação e movimentos sociais do campo: a produção do conhecimento no período de 1987 a 2015. Maria Antônia de Souza (Org.)

Educação geográfica e formação da consciência espacial-cidadã. Sônia Maria M. Carneiro; Valdir Nogueira

Educação na ditadura civil-militar: políticas, ideários e práticas (Paraná, 1964-1985). Nadia G. Gonçalves; Serlei M. F. Ranzí (Orgs.)

Educação permanente: da reunificação alemã a reflexões e práticas no Brasil. Maria do Rosário Knechtel

Eichmann em Jerusalém: 50 anos depois. Marion Brepohl (Org.)

El buen vivir, interculturalidades y mundialización: una mirada desde América Latina. Juan Carlos Skewes; Antonio Marcio Haliski (Orgs.)

Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Francisco Mendonça; Salete Kozel (Orgs.)

Elias Alexandre da Silva Correia: um militar brasileiro em Angola. Magnus Roberto de Mello Pereira; Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz

Élites en las Américas: diferentes perspectivas. Adriano Codato; Fran Espinoza (Comps.)

Em busca da mente musical. Beatriz Senoi Ilari (Org.)

Empresários, desenvolvimento, cultura e democracia. Paulo Roberto Neves Costa; Juarez Varallo Pont (Orgs.)

English prepositions for Brazilians. Michael Watkins; Cecília Mendes F. S. Silva

Ensaio de filosofia em homenagem a Carlos Alberto R. de Moura. Débora Cristina Morato Pinto et al. (Orgs.)

Ensaio de sociologia e história intelectual do Paraná. Márcio de Oliveira; José Szwako (Orgs.)

Ensaio sobre a formação do romance brasileiro: uma antologia (1836-1901). Fernando C. Gil

Ensaio sobre as abelhas da região neotropical: homenagem aos 80 anos de Danuncia Urban. Antonio J. C. Aguiar; Rodrigo B. Gonçalves; Kelli S. Ramos (Orgs.)

Ensinar alemão no Brasil: contextos e conteúdos. Ruth Bohunovsky (Org.)

Entomologia didática. 6ª ed. Zundir José Buzzi

Epigrama: Catulo e Marcial. Robson Tadeu Cesila

Equilibrista das seis cordas, O. Método de violão para crianças. Silvana Mariani

Equinócio dos sabiás, O. Aventura científica no seu jardim tropical. Marcos Rodrigues

Erasmo Pilotto. Hélio de Freitas Puglielli (Org.)

Escola de Jules Ferry, A. Um mito que perdura. Jean Foucambert. Lúcia Cherem; Nathalie Dessartre (Trad.)

EscreverEntreMundos: literaturas sem morada fixa. Ottmar Ette. Rosani Umbach; Dionei Mathias; Teruco Arimoto Spengler (Trad.)

Estado da arte e perspectivas para a Zoologia no Brasil. Rosana Moreira



Bento, Brasil e David: o discurso regional de formação social e histórica paranaense
Maria Julieta Weber Cordova

Sociologia



Educação e movimentos sociais do campo: a produção do conhecimento no período de 1987 a 2015
Maria Antônia de Souza (Organizadora)

Educação



Reprodução assistida post mortem: aspectos jurídicos de filiação e sucessório
Juliane Fernandes Queiroz

Direito

da Rocha; Walter Antonio Boeger (Orgs.)

Estados da crítica. Alcides Cardoso dos Santos (Org.)

Estante. André Penteadó; Vinicius de Figueiredo (Org.)

Estética e crítica. Roberto Figurelli

Estigma, discriminação e lepra. Ricardo Luiz de Souza

Estratégias de comunicação interativa. Ricardo Uhri

Estreita passagem, Uma. O conceito de corpo nas obras de Schopenhauer e Freud. Eduardo Ribeiro da Fonseca

Estrelinhas brasileiras. Maria Ignês Scavone de Mello Teixeira

Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano. Rui Mourão

Estudos sobre motivação e emoção em cognição musical. Rosane Cardoso de Araújo; Danilo Ramos (Orgs.)

Ética e estética nos estudos literários. Marilene Weinhardt et al. (Orgs.)

Eutrofização em reservatórios: gestão preventiva - estudo interdisciplinar na Bacia do Rio Verde, PR. Cynara L. N. Cunha et al. (Eds.)

Exercitando a cidadania no campo: a educação popular com trabalhadores Sem Terra. Sônia Fátima Schwendler (Org.)

Fazendo música com crianças. Tiago Madalozzo et al. (Orgs.)

Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre romances do Sul. Marilene Weinhardt

Ficção reunida. Lúcia Miguel Pereira

Flexíveis, virtuais e precários? Os trabalhadores em tecnologias de informação. Maria Aparecida Bredi; Jacob Carlos Lima (Orgs.)

Formação de guardas-parques. Sandro Jorge Garcia Coneglian; Reinaldo Marcos Castro; Luiz Henrique



Pombo do Nascimento

Formação de um cineasta, A. Sylvio Back na cena cultural de Curitiba nos anos 1960. Rosane Kaminski

Formação do professor e a organização social do trabalho, A. Maria Elisabeth Blanck Miguel

Formação docente e contemporaneidade: referenciais e interfaces da pesquisa na relação universidade-escola. Regina Cely de Campos Hagemeyer (Org.)

Fotografias aéreas inclinadas. Attilio Antonio Disperati

Foucault e a crítica do sujeito. 2ª ed. Inês Lacerda Araújo

Foucault: verdade e loucura no nascimento da arqueologia. Thiago Fortes Ribas

Francisco José de Lacerda e Almeida: um astrônomo paulista no sertão africano. Magnus Roberto de Mello Pereira; André Akamine Ribas (Coord.)

Froissart e o tempo. Michel Zink. Carmem Lúcia Druciak; Marcella Lopes Guimarães (Trad.)

Fundamentos de mecânica dos

solos e das rochas: aplicações na estabilidade de taludes. 2ª ed. rev. ampl. Alberto Pio Fiori; Luigi Carmignani

Genealogia da psicanálise: o começo perdido. Michel Henry. Rodrigo Vieira Marques (Trad.)

Gênero e consumo no espaço doméstico: representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil. Inéz Pérez; Marinês Ribeiro dos Santos (Orgs.)

Gênero plural: um debate interdisciplinar. Miriam Adelman; Celsi Brönstrup Silvestrin (Orgs.)

Geodésia celeste. Camil Gemael; José Bittencourt de Andrade

Green ink: uma introdução ao jornalismo ambiental. Michael Frome. Paulo R. Maciel Santos (Trad.)

Hanseníase: a voz dos que sofreram o isolamento compulsório. Dilene R. do Nascimento; Vera Regina Beltrão Marques (Orgs.)

História, ciência, saúde e educação: a institucionalização da ciência médica e a Faculdade de Medicina do Paraná (1912-1946). Erica Piovam de Ulhôa Cintra



Ilustração Botânica: Princípios e Métodos
Diana Carneiro



Ensaio sobre as abelhas da região Neotropical: Homenagem aos 80 anos de Danúcia Urban
Antonio J. C. Aguiar, Rodrigo B. Gonçalves, Kelli S. Ramos (Orgs.)

História da Clínica Ortopédica e Traumatológica da Universidade Federal do Paraná (1912-2012). Antonio Osny Preuss

História e conhecimento: suas conexões e perspectivas. Sérgio Paulo Muniz Costa

História, memória e ensino de espanhol (1942-1990). Deise Cristina de Lima Picanço

História natural e conservação da Ilha do Mel. Márcia C. M. Marques; Ricardo Miranda de Brites (Orgs.)

Histórias de crianças desaparecidas. Jerusa Serafim Weiss Marchi

Homem e o espaço, O. Otto Friedrich Bollnow. Aloísio Leoni Schmid (Trad.)

Identidades e crises sociais na contemporaneidade. Jamil Zugueib Neto (Org.)

Ilustração botânica: princípios e métodos. Diana Carneiro

Imigração ucraniana ao Paraná, A. Memória, identidade e religião. Paulo Renato Guérios

Impactos socioambientais urbanos. Francisco Mendonça (Org.)



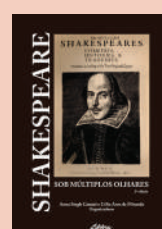
Sete décadas do Curso de Matemática da UFPR
Carlos H. dos Santos, Florinda K. Miyaoka e Manuel J. C. Barreda (Organizadores)

Ciências Exatas



Setor de Educação e Curso de Pedagogia na UFPR (1938-2014): histórias, memórias e desafios contemporâneos
Carlos E. Vieira, Nadia G. Gonçalves (Organizadores)

Educação



Shakespeare sob múltiplos olhares. 2ª ed
Anna Stegh Camati e Célia Arns de Miranda (Organizadoras)

Literatura

Inclusão racial e social: considerações sobre a trajetória UFPR. Norma da Luz Ferrarini; Dirlene Ruppel (Orgs.)

Indivíduo inquietante sob o signo de Lope de Aguirre, O. Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)

Infância, escola e modernidade. Paulo Ghiraldelli Jr. (Org.)

Instrumentos e indicadores para avaliar a creche: um percurso de análise da qualidade. Laura Cipollone (Org.). Luiz Ernani Fritoli (Trad.)

Intelectuais paranaenses e as concepções de universidade (1892-1950). Névio de Campos

Intelectuais, educação e modernidade no Paraná (1886-1964). Carlos Eduardo Vieira (Org.)

Intelectuais, modernidade e formação de professores no Paraná: 1910-1980. Carlos Eduardo Vieira; Dulce Regina Baggio Osinski; Marcus Levy Bencostta (Orgs.)

Intervencionismo estatal e ideologia desenvolvimentista: estudo sobre a CODEPAR – Companhia de Desenvolvimento Econômico do Paraná. 2ª ed. Maria Helena Oliva Augusto

Intriga e amor: uma tragédia burguesa em cinco atos. Friedrich Schiller. Mario Luiz Frungillo (Trad.)

Introdução à análise da deformação. Alberto Pio Fiori

Introdução à filosofia da ciência. 3ª ed. rev. Inês Lacerda Araújo

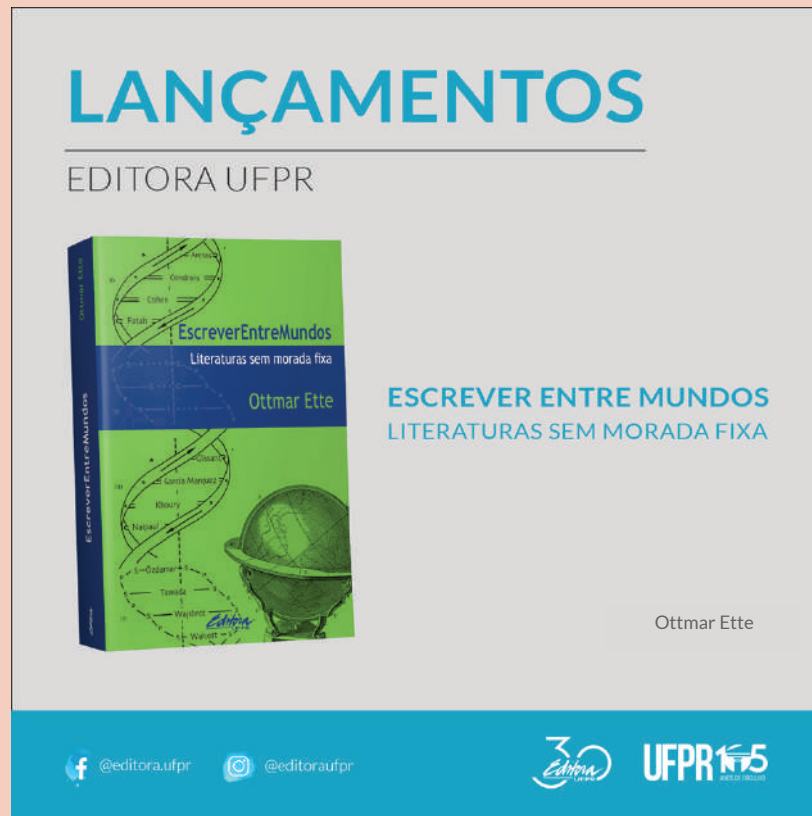
Introdução à geodésia física. Camil Gemael

Introdução à metafísica da natureza, Uma. Representação, realismo e leis científicas. Michel Ghins. Eduardo Barra e Ronei Clécio Mocellin (Trad.)

Introdução à teoria cinética relativística, Uma. Gilberto Medeiros Kremer

Introdução à termodinâmica dos materiais. Vladimir P. Poliakov

Introdução ao ajustamento de observações: aplicações



geodésicas. 2ª ed. Camil Gemael; Alvaro Muriel Lima Machado; Romualdo Wandresen

Introdução ao manejo e economia de florestas. Roberto Tuyoshi Hosokawa; José Brandão de Moura; Ulisses Silva da Cunha

Investigações fenomenológicas: em direção a uma fenomenologia da vida. Renaud Barbaras

Itinerário de uma crise: a modernidade. 2ª ed. João-Francisco Duarte Jr.

Itinerários. Livro vencedor do I Concurso Literário Editora UFPR. Thássio Ferreira

Jaguareté: o encontro – livro do professor: um guia para utilizar o RPG “Jaguareté: o encontro” em sala de aula. Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR

Jaguareté: o encontro – um RPG ambientado no universo indígena brasileiro do século XVI. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná

João da Silva Feijó: um homem de ciência no Antigo Regime português. Magnus R. de Mello Pereira; Rosângela M. F. dos Santos

Jornalismo cultural e crítica: a literatura brasileira no suplemento Mais! Marcelo Lima

Jovens de Curitiba, Os. Esperanças e desencantos. 2ª ed. Ana Luisa Fayet Sallas et al.

Jovens sem-terra: identidades em movimento. Maria Teresa Castelo Branco

Jovens, consumo e convergência midiática. Regiane Ribeiro (Org.)

Lar em terra estranha, Um. A Casa da Estudante Universitária de Curitiba e o processo de individualização feminina nas décadas de 1950 e 1960. Ana Paula Vosne Martins

Leitura, escuta e interpretação. Zelia Chueke

Leituras contemporâneas da modernidade. Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)

Legado democrático e apoio à democracia na América Latina: evidências e mecanismos explicativos. Gabriel Ávila Casalecchi

Letras e política no Paraná: simbolistas e anticlericais na República Velha. Maria T. Silva Bega

Liberdade subjetiva e Estado na filosofia política de Hegel. Cesar Augusto Ramos

Linguagem e discurso. Eugenio Coseriu; Óscar Loureda Lamas. Cecília Ines Erthal (Trad.)

Linguística chomskyana e ideologia social. Augusto Ponzio. Carlos Alberto Faraco (Trad.)

Literaturas em trânsito, teorias peregrinas. Isabel Jasinski (Org.)

Lutos coletivos e criação social. Jean-Claude Métraux. Eduardo Nadalin (Trad.)

Manual de identificação de moluscos bivalves da família dos teredinídeos encontrados no litoral brasileiro. Ana Cláudia de Paula Müller; Paulo da Cunha Lana

Manual de normalização de documentos científicos de acordo com as normas da ABNT. Maria Simone Utida dos Santos Amadeu et al.

Margem do(s) cânone(s), À. Pensamento social e interpretações do Brasil. Alexandro Dantas Trindade; Hilton Costa; Diogo da Silva Roiz (Orgs.)

Margem do(s) cânone(s) II, À. Pensamento social e interpretações do Brasil. Alexandro Dantas Trindade; Hilton Costa; Simone Meucci (Orgs.)

Marinas (2003/04) para piano. Harry Crowl

Marxismo como ciência social. Adriano Codato; Renato Perissinotto

Medida do exagero e o apocalipse cristão, A. Uma breve digressão sobre a gênese do risco na sociedade ocidental. Caetano Fischer Ranzi

Medindo a diversidade biológica. Anne E. Magurran. Dana Moiana Vianna (Trad.)

Memória da Bioquímica no Paraná: a criação de uma escola de pesquisa. Myrian Del Vecchio de Lima

Memória do arquiteto: pioneiros da arquitetura e do urbanismo no Paraná. Andréa Berriel; Juliana Suzuki (Orgs.)



Uma estreita passagem: o conceito de corpo nas obras de Schopenhauer e Freud
Eduardo Ribeiro da Fonseca

Psicologia e Educação



A dialética do ideal. Escritos de E. V. Ilienkov
Marcelo José de Souza e Silva (Trad. e Org.)

Filosofia



América Latina: história e literatura
Ana Amélia M. C. de Melo, Maria S. F. Luco e Adelaide G. Pereira (Organizadoras)

Sociologia

Memória histórica de Morretes.
Antonio V. dos Santos. André L. M. Cavazzani; Sandro A. R. Gomes (Orgs.)

Memórias de morte e outras memórias: lembranças de velhos.
Marisete Teresinha Hoffmann-Horochovski

Mentes em música. Beatriz Senoi Ilari; Rosane Cardoso de Araújo (Orgs.)

Mesmos crimes, outros discursos? Algumas narrativas sobre o Contestado. Marilene Weinhardt

Metodologia de design aplicada ao desenvolvimento de tecnologia assistiva para portadores de paralisia cerebral. Sandra Sueli Vieira Mallin

Métodos de estudos em biologia da conservação & manejo da vida silvestre. Laury Cullen Jr.; Rudy Rudran; Cláudio Valladares-Padua (Orgs.)

Migrações na América Latina contemporânea: processos e experiências humanas. Gislene Santos; Nádia P. Floriani (Orgs.)

Modelo da estratégia argumentativa: análise da fala e de outros registros em contextos interativos de aprendizagem. Monica Rabello de Castro; Janete Bolíte Frant

Modernidade no sótão, A. Educação e arte em Guido Viaro. Dulce Regina Baggio Osinski

Modos de ser leitor: aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental. Jean Foucambert. Lúcia P. Cherem; Suzete Bornatto (Trad.)

Mulheres, homens, olhares e cenas. Miriam Adelman; Amélia Siegel Corrêa; Lennita Oliveira Ruggi; Ana Carolina Rubini Trovão (Orgs.)

Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente. Nilson Fernandes Dinis; Liane Maria Bertucci (Orgs.)

Mundo como vontade e representação, O. Tomo II – Complementos – Livros I-II – volume 1. Arthur Schopenhauer. Eduardo Ribeiro da Fonseca (Trad.)



Mundo como vontade e representação, O. Tomo II – Complementos – Livros III-IV – v. 2. Arthur Schopenhauer. Eduardo Ribeiro da Fonseca (Trad.)

Mundo rural e ruralidades. Alfio Brandenburg (Org.)

Muscidae (diptera) of the neotropical region: taxonomy. Claudio José Barros de Carvalho (Ed.)

Museu dos Instrumentos Musicais (MIMU). Juares Bergmann Filho (Org.)

Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista. Francisco Moraes Paz

Nanoelementos da mesoeconomia: uma economia que não está nos manuais. Huáscar Fialho Pessali

Naturalista e outros animais, Um. Histórias de uma vida em campo. George B. Schaller. Peter G. Crawshaw Jr. (Trad.)

Natureza dos rios, A. História, memória e territórios. Gilmar Arruda (Org.)
Nihilismo e grande política em Nietzsche: a aurora da superação humana a partir da morte de Deus. João Paulo Simões Vilas Bôas

Nilo Cairo e o debate homeopático no início do século XX. Renata Palandri Sigolo

Nomes populares de insetos e ácaros do Brasil. Zundir José Buzzi
Nutrição para pacientes em hemodiálise. Cristina Martins

Oásis de sombra e luz em cada escola, Um. As escolinhas de arte e a formação do homem do futuro (1960-1970). Ricardo C. Antonio

Obediência, autoritarismo e foro interior. Marion Brepohl; Roseli Boschilia (Orgs.)

Olhares e questões sobre a saúde, a doença e a morte. José Miguel Rasia; Rubia C. F. Giordani (Orgs.)

Olhares sobre a América: história e filosofia. Hernán Neira. Luci Collin (Trad.)

Ópera do mendigo, A. John Gay. Caetano Waldrigues Galindo (Trad.)

O que é educação democrática? Contribuições para uma questão sempre atual. Maurício Mogilka

O que passou e permanece. Newton Freire-Maia



SaberSobreViver: a (o) missão da filologia
Ottmar Ette. Paulo Soethe e Rosani Umbach (Trad.)



Um naturalista e outros animais: histórias de uma vida em campo
George B. Schaller. Peter G. Crawshaw Jr. (Trad.)

Os outros dos outros: relações de alteridade na etnologia sul-americana. Edilene Coffaci de Lima; Lorena Córdoba (Orgs.)

Paisagem como cifra de harmonia, A. Relações entre cultura e natureza através do olhar paisagístico. Fernando Aliata; Graciela Silvestri. Paulo Chiesa (Trad.)

Paisagem sonora do Boi de Mamão paranaense: uma geografia emocional. Beatriz Helena Furlanetto

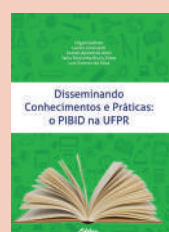
Paisagens culturais. Giuliana Andreotti. Ana Paula Bellenzier et al. (Trad.). Iria Zanoni Gomes (Rev.). Roberto Gomes (Prep.)

Paisagens da fenomenologia francesa. Rodrigo Vieira Marques; Ronaldo Manzi Filho (Orgs.)

Palcos e jornais: representações do teatro em Curitiba entre 1900 e 1930. Marta Moraes da Costa

Papel para a história, Um. O problema da historicidade da ciência. Mauro Lúcio Leitão Condé

Para pensar outra agricultura. 2ª ed. Angela Duarte Damasceno Ferreira; Alfio Brandenburg (Orgs.)



Disseminando conhecimentos e práticas: o PIBID na UFPR
Leonir Lorenzetti, Joanez A. Aires, Tania T. B. Zimer e Luiz E. da Silva (Orgs.)

Psicologia e Educação



Cursos de português como língua estrangeira no CELIN-UFPR: práticas docentes e experiências em sala de aula
Bruna P. Ruano; Jovania M. P. Santos; Lygia M. L. Saltini (Orgs.)

Psicologia e Educação



Direito, mercantilização e justiça
Eneida Desiree Salgado e Emerson Gabardo (Organizadores)

Direito

Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais. Ciméa Barbato Bevilaqua; Felipe Vander Velden (Orgs.)

Parque Estadual Pico do Marumbi. Edson Struminski

Participação e qualidade em Educação da Infância: percursos de compartilhamento reflexivo em contextos educativos. Anna Bondioli; Donatella Savio (Orgs.). Luiz Ernani Fritoli (Trad.)

Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965), O. Alessandro Batistella

Passeio pela pintura paranaense. Maria José Justino (Org.)

Pensamento jurídico moderno e seus desencontros com a biotecnologia. Rebeca F. Dias

Poder e religiosidade: o espaço do sagrado no século XXI. Euclides Marchi; Marion Brepohl (Orgs.)

Poema imperfeito, O. Crônicas de biologia, conservação da natureza e seus heróis. 2ª ed. rev. Fernando Fernandez

Poesia e paratexto: a descida de Sant'Anna aos infernos da modernidade. Rodney Caetano

Poetas mulheres que pensaram o século XX. Regina Przybycien; Cleusa Gomes (Orgs.)

Política externa e relações diplomáticas na Antiguidade Tardia. Bruno Miranda Zétola

Por São Jorge! Por São Tiago! Batalhas e narrativas ibéricas medievais. Marcella Lopes Guimarães (Org.)

Portuguesas na diáspora: histórias e sensibilidades. Roseli Boschilia; Maria Luiza Andrezza (Orgs.)

Poucos, muitos, todos: lições de história da democracia. Pietro Costa. Luiz Ernani Fritoli (Trad.)
Pragmática e filosofia da mente I: o pensamento na linguagem. Marcelo Dascal. Rodrigo B. de Faveri (Trad.)

Práticas do filme etnográfico. Paulo Guérios

LANÇAMENTOS

EDITORA UFPR



UMA TRAMA NA HISTÓRIA

A CRIANÇA NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO PRIMÁRIA NAS ÚLTIMAS DÉCADAS DO PERÍODO IMPERIAL

Juarez José Tuchinski dos Anjos

@editora.ufpr

@editoraufpr



Processos de criação de unidades de conservação na floresta com araucárias: o caso do Parque Nacional dos Campos Gerais, ímpar na história da política ambiental brasileira. Emerson A. de Oliveira

Professora Julia Wanderley: uma mulher-mito (1874-1918). Silvete Aparecida Crippa de Araujo

Projeto e paisagem urbana: ensaios de projeto para a área central de Curitiba. Alessandro Filla Rosaneli; Paulo Marcos Mottos Barnabé (Orgs.)

Psicologia do gênero: psicobiografia, sociocultura e transformações. Maria Helena Fávero

Psiquismo e vida: sobre a noção de Trieb nas obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche. Eduardo Ribeiro da Fonseca

Quem governa? Um estudo das elites políticas do Paraná. Renato M. Perissinotto et al. (Orgs.)

Reflexões UFPR 100 anos (1912-2012). Renato Lopes Leite; Ricardo Costa de Oliveira (Orgs.)

Reprodução assistida post mortem: aspectos jurídicos de

filiação e sucessório. Juliane Fernandes Queiroz

Reverso da cura, O. Erro e efeitos adversos do trabalho médico. Maria Marce Moliani

Revisões em Zoologia: Mata Atlântica. Emygdio Leite de Araujo Monteiro-Filho; Carlos Eduardo Conte (Orgs.)

Roberto Gomes. Antônio Manoel dos Santos Silva (Org.)

Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin. Viviane Maria Alessi

Saberes da manutenção: uma visão sistêmica. Enon Laércio Nunes

Saberes, paisagens e territórios rurais da América Latina. Nicolas Floriani; Narciso Barrera-Bassols (Orgs.)

SaberSobreViver: A (o)missão da filologia. Ottmar Ette. Paulo Soethe; Rosani Umbach (Trad.)

Salomão e as mulheres (edição fac-similar). Jorge de Lima

Saudade do matão: lembrando a história da conservação da

natureza no Brasil. Teresa Urban

Saúde e Sistema Único de Saúde: estudos socioanalíticos. José Miguel Rasia; Claire Terezinha Lazzaretti (Orgs.)

Sentido da nova lógica, O. W. O. Quine

Sentidos e sensibilidades: sua educação na história. Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (Org.)

Sentimentos na história: linguagens, práticas, emoções. Marion Brepohl; André Mendes Capraro; Renata Senna Garraffoni (Orgs.)

Sérgio Rubens Sossélla. Denise Guimarães (Org.)

Sericicultura. Lucimara Canalli Condessa

Sete décadas do Curso de Matemática da UFPR. Carlos Henrique dos Santos; Florinda Katsume Miyakawa; Manuel Jesus Cruz Barreda (Orgs.)

Setor de Educação e Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938-2014): histórias, memórias e desafios contemporâneos. Carlos Eduardo Vieira; Nadia Gaiofatto Gonçalves (Orgs.)

Shakespeare sob múltiplos olhares. 2ª ed. Anna Stegh Camati; Célia Arns de Miranda (Orgs.)

Síndrome do X Frágil: pessoas, contextos & percursos. Vítor Franco (Org.)

Sistemas digitais e microprocessadores. Roberto A. Hexasel

Soberania Alimentar (SOBAL) e Segurança Alimentar Nutricional (SAN) na América Latina e Caribe. Islandia Bezerra; Julian Perez-Cassarino (Orgs.)

Sociedade e poder na baixa Idade Média portuguesa: dos Azevedo aos Vilhena - as famílias da nobreza medieval portuguesa. Fátima Regina Fernandes

(Socio)Ecologismo dos povos do Sul: clamores por justiça. José



Araucária não é peça de museu
Flávio Zanette

Ciências Agrárias



Atlas anatómico e histológico do caranguejo-ucá (Ucides cordatus).
Gisela Westphal, Antonio Ostrensky, Diogo Hungria, Karin Yamashiro, Livia Graf e Walter Boeger

Ciências Biológicas



Campanhas eleitorais para mulheres: desafios e tendências
Luciana Panke

Comunicação

Edmilson de Souza-Lima; Sandra Mara Maciel-Lima (Orgs.)

Som do filme, O. Uma introdução.
Rodrigo Carreiro (Org.)

Teatro reunido. Lúcio Cardoso

Técnicas de estudo do sistema nervoso central. Murilo S. Meneses

Teoria crítica do juízo de imputabilidade criminal: a partir da história do encontro entre o saber jurídico e o saber psiquiátrico. Joe Tennyson Velo

Teoria da comunicação na América Latina: da herança cultural à construção de uma identidade própria. Rosa Maria Cardoso Dalla Costa; Rafael Costa Machado; Daniele Siqueira

Teoria da história: uma teoria da história como ciência. Jörn Rüsen. Estevão C. de Rezende Martins (Trad.)

Teorias e políticas de gênero na contemporaneidade. Marlene Tamanini; Roseli Boschilia; Sônia Fátima Schwendler (Orgs.)

Termos da política: comunidade, imunidade, biopolítica. Roberto Esposito, Angela Couto Machado Fonseca et al. (Trad.)

Territórios de tradições e de festas. Maria Geralda de Almeida (Org.)

Testemunho da poesia, O. Seis conferências sobre as aflições de nosso século. Czeslaw Milosz. Marcelo Paiva de Souza (Trad.)

Textos sobre Curitiba: investigações sobre a cidade e seus arredores. Alessandro Filla Rosaneli; Paulo Marcos Mottos Barnabé (Orgs.)

Thomas Bernhard e seus seres vitais: fotos, documentos, manuscritos. Martin Huber; Manfred Mittermayer; Peter Karlhuber (Eds.). Ruth Bohunovsky; Daniel Martineschen (Trad.)

Tomada de consciência e conhecimento metacognitivo. Sandra Regina Kirchner Guimarães; Tania Stoltz (Orgs.)

Tópicos de filosofia francesa contemporânea. Leandro Neves Cardim (Org.)



Tornando os parques eficientes: estratégias para a conservação da natureza nos trópicos. John Terborgh et al. (Orgs.)

Trabalho e capital em trânsito: a indústria automobilística no Brasil. Silvia Maria de Araújo (Org.)

Trama na história, Uma. A criança no processo de escolarização primária nas últimas décadas do período imperial. Juarez José Tuchinski dos Anjos

Tratado de correção fonética pontual. Jean-Guy LeBel. Juliana Vermelho Martins (Trad.)

Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa, de Tomás de Erfurt. Alessandro Jocelito Beccari

Travesseiro de pedra: entretecendo discursos sobre as escutas de doentes. Vânia Regina Mercer

Travessia: uma história de amor. Anna Seghers. Daniel Martineschen (Trad.)

Trincheiras, resistências e utopias pedagógicas: escolas alternativas em Curitiba durante a ditadura militar. Maria Rosa Chaves Künzle

Tríplice fronteira, A. Espaços nacionais e dinâmicas locais. Lorenzo Macagno; Silvia Montenegro; Verónica Giménez Béliveau (Orgs.)

Turris Ebúrnea. Harry Crowl UFPR Centenário. Márcia Dalledone Siqueira

Universidade Federal do Paraná: 90 anos em construção. Ana Maria de O. Burmester (Org.)

Universidade Federal do Paraná: 100 anos. Márcia Dalledone Siqueira

Velhos vermelhos: história e memória dos dirigentes comunistas no Paraná. Adriano Codato; Marcio Kieller (Orgs.)

Verdade, amor, razão, merecimento: coisas do mundo e de quem nele anda. Anamaria Filizola et al. (Orgs.)

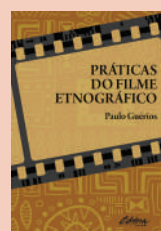
Villa-Lobos, um compêndio: novos desafios interpretativos. Paulo de Tarso Salles; Norton Dudeque (Orgs.)

Wilson Martins. Miguel Sanches Neto (Org.)

Xadrez e educação: contribuições da ciência para o uso do jogo como instrumento pedagógico. Wilson da Silva (Org.)



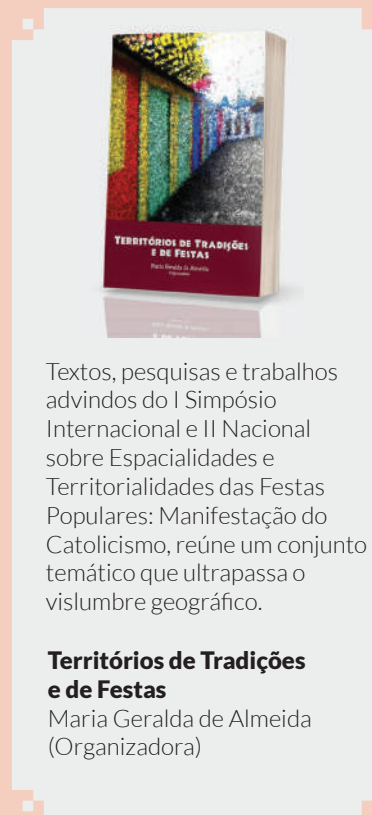
O Partido Trabalhista Brasileiro no Paraná (1945-1965)
Alessandro Batistella



Práticas do filme etnográfico
Paulo Guérios

Xadrez para todos: a ginástica da mente. Wilson da Silva

Zubblemend to Alle... Manha. Barão de Itararé. Carlos Eduardo Schmidt Capela; Ana Carina Baron Engeroff (introdução, seleção e notas).



Textos, pesquisas e trabalhos advindos do I Simpósio Internacional e II Nacional sobre Espacialidades e Territorialidades das Festas Populares: Manifestação do Catolicismo, reúne um conjunto temático que ultrapassa o vislumbre geográfico.

Territórios de Tradições e de Festas
Maria Geralda de Almeida (Organizadora)



Froissart e o tempo.
Michel Zink.
Trad.: Carmem Lúcia Druciak e Marcella Lopes Guimarães

Letras



Marinas (2003/04) para piano
Harry Crowl

Artes



Nihilismo e grande política em Nietzsche: a aurora da superação humana a partir da morte de Deus
João Paulo Simões
Vilas Bôas

Filosofia

literatura

Imolação de si

— por **Eduardo A. A. Almeida**

De onde viemos? Quem somos e por quem somos? O que nos constitui, qual é o nosso estofado? Quanto devemos ao passado, inclusive àquele mais distante, imemorial, cujos pontos de referência se perderam? São questões que a religião tenta iluminar com seus textos sagrados, portanto não é absurdo afirmar que há muito tempo é pela literatura que tentamos desvendar a origem e a essência do ser.

No ensaio intitulado *Tradição do imemorable*, o filósofo Giorgio Agamben diz que toda transmissão de conhecimento – portanto toda tradição – pressupõe também a transmissão da própria linguagem, e que é por meio dela que o passado chega a nós. Transmitimos, por sua latência, a própria ilatência; alimentamos assim a tradição da transmissibilidade. “Esse legado imemorable, essa transmissão da ilatência constitui a linguagem humana como tal. [...] Por isso a filosofia, que quer dar conta dessa dupla estrutura da tradição e da linguagem humana, apresenta desde o início o conhecimento como preso na dialética memória/esquecimento, ilatência/latência, *aletheia/lethe*”, explica Agamben.

Essa problemática está implícita em *A imensidão íntima dos carneiros*, embora o romance passe longe daquelas complicadas filosofias. O que Marcelo Maluf fez foi investigar empiricamente o passado da própria família para depois o reinventar num texto leve, simbólico e tocante, que tem algo de fantástico; características antecipadas por *Esquece tudo agora*, seu livro de contos publicado em 2012.

Finalista do prêmio da APCA e vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura, esse primeiro romance do autor trata da relação entre avô e neto, que não se conheceram pessoalmente, dado o falecimento precoce do primeiro. Ainda assim, sua presença é forte ao ponto de convocar uma jornada mística do neto em busca da própria origem; jornada corajosa, pois sua linhagem inteira estaria enraizada no medo. “O medo estava no princípio de tudo”, diz a frase de abertura do livro. “O mesmo medo que hoje ainda vive em mim. Um medo genético passado de pai para filho, de avô para neto”.

O personagem Marcelo Maluf visita o avô em sua infância e juventude, acompanhando seus dramas desde as montanhas do Zahle, no Líbano, até Santa Bárbara d’Oeste, cidade do interior paulistano que o acolheu. O desejo do avô por uma fronteira que barrasse as lembranças trazidas na bagagem se revelou um extenso limiar entre o passado e o presente, do qual ele jamais escapou. Embora a guerra tenha ficado para trás, os horrores persistiram, ocupando outro território da sua experiência, provocando

feridas jamais cicatrizadas, por maior que fosse o seu esforço de cauterizá-las na memória.

O narrador explica: “por todos os filhos, Assaad temia. Por isso não lhes ensinou o árabe, amaldiçoou o Líbano e não lhes contou de sua infância, nem de como Rafiq e Adib foram mortos. Assaad dizia sempre que havia renascido para o mundo dentro do navio cheio de imigrantes que o trouxera para o Brasil. Assaad tem a consciência de que aos filhos negou o seu passado”.

Maluf registra fatos abandonados ao esquecimento e lembranças daquilo que não existiu, ou que não foi conhecido senão por meio de relatos anônimos – cultura ancorada na oralidade, que o autor utiliza como recurso técnico, cujas referências temporais se perderam e que sobrevivem apenas pela transmissão. Tanto que as vozes do avô e do neto se misturam, abrem mão da identidade, até que o conteúdo da narrativa não pertença mais a ninguém específico, somente à própria história, à voz que não pode calar. O narrador se faz todos, ao mesmo tempo em que não é ninguém.

Sem compromisso com o realismo, o autor recria sua própria tradição por meio da literatura. Tampouco se atém à cronologia, o que transforma a narrativa num mergulho livre na memória oceânica, nesse lugar sem começo ou fim estabelecidos, feito apenas de meios.

Como narrar uma história e permanecer fiel à realidade? Como transmitir uma tradição se o próprio linguajar a modifica, traduzindo a experiência em literatura, reinventando a vida no texto? “Penso que Assaad talvez esteja com medo de errar ao narrar o assassinato dos seus irmãos”, diz o neto ao observar as tentativas frustradas do avô de registrar num caderno suas inquietações mais profundas. “Medo de não ser fiel à sua história e que ela se apague, como um sonho que se esquece ao despertar”.

Ao transformar a história da sua família em romance, Marcelo Maluf reafirma que a ficção provém da experiência da vida, portanto toda obra fictícia se baseia em fatos reais, não somente aquela etiquetada dessa maneira com objetivo de realizar certo fetiche dos leitores. Todo livro desse gênero tem algo de biografia. Se a matéria-prima da escrita é a vida, a literatura apresenta sempre uma realidade, ainda que mais ou menos misturada à imaginação. Sua “verdade real” é uma utopia. Temos apenas perspectivas ficcionais sobre uma possível ideia de realidade. Tais fronteiras são quase sempre indiscerníveis.

Em *A imensidão íntima dos carneiros*, Marcelo Maluf se apropriou daquele artifício para

expandir a trajetória de sua história pessoal à apreensão universal. Não se trata de um significado particular: é um romance sobre medo, violência, tradição, memória e esquecimento, razão e sensibilidade, divino e profano, mitos e fatos. Questões fundamentais da existência humana, dispostas num livro que pode ser lido de maneiras variadas; desde a trajetória de um libanês refugiado no Brasil, que jamais conseguiu se livrar dos horrores da guerra, até a reflexão sobre o fazer literário e sua relação com a experiência cotidiana, com as vivências do autor e a potência de diálogo delas com o outro.

Diz o protagonista: “eu preciso que as suas palavras venham ao meu encontro. Eu preciso devorar o passado para não ser por ele consumido. Dentro de mim, meu avô, também habita um carneiro”.

Em vez de contar sua história pessoal, a seu modo Marcelo Maluf conta uma história de todos nós. Sacrifica a si próprio como a um carneiro. Sacrifica suas lembranças, sua genealogia e sua identidade para dar sentido a uma existência maior, partilhada num banquete por todos os leitores que a desejarem. Faz isso em nome da literatura.

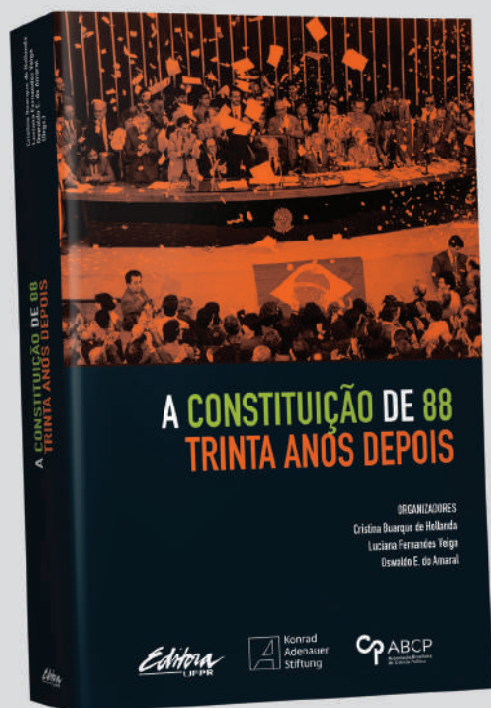


O livro: *A imensidão íntima dos carneiros*. São Paulo: Reformatório, 2015.

O autor: Marcelo Maluf nasceu em Santa Bárbara d’Oeste, interior de São Paulo, em 1974. É músico e mestre em artes pela Unesp. Autor do livro de contos *Esquece tudo agora* (2012) e do infantil *As mil e uma histórias de Manuela* (2013), entre outros. *A imensidão íntima dos carneiros* é seu primeiro romance. Vive em São Paulo desde 1999.

Eduardo A. A. Almeida é doutor em estética e história da arte. Site: www.artefazparte.com

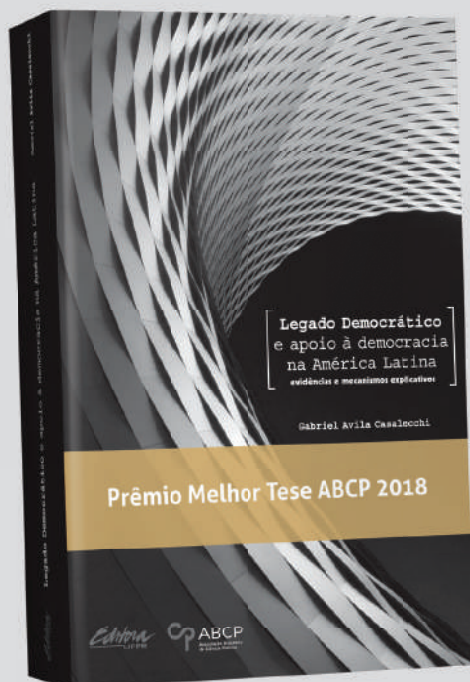
CONFIRA OS LANÇAMENTOS DA EDITORA UFPR NA ÁREA DE POLÍTICA



A CONSTITUIÇÃO DE 88 TRINTA ANOS DEPOIS

organizadores:

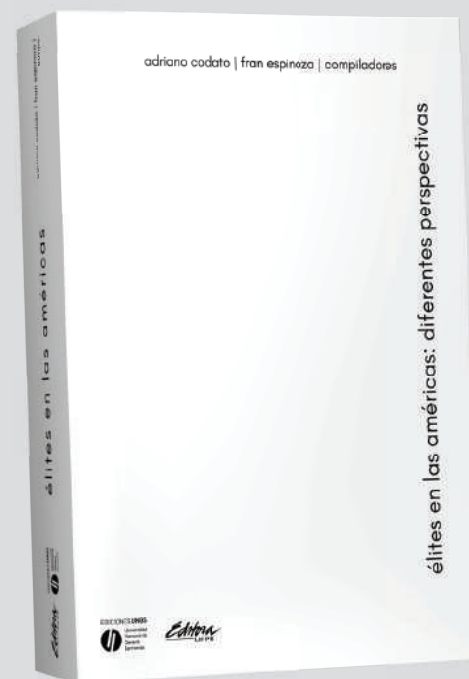
*Cristina Buarque de Hollanda
Luciana Fernandes Veiga
Oswaldo E. do Amaral*



LEGADO DEMOCRÁTICO E APOIO À DEMOCRACIA NA AMÉRICA LATINA

Evidências e mecanismos
explicativos

Gabriel Avila Casalecchi



ÉLITES EN LAS AMÉRICAS: DIFERENTES PERSPECTIVAS

organizadores:

Adriano Codato e Fran Espinoza

Nossa vida será sempre um livro aberto.



Editora
UFPR

Abrir um livro pode ser o ponto final de várias histórias. A história do autor. A história do revisor. A história do designer. A história do produtor gráfico. A história do livreiro. E a história da editora. O mais importante é que esse simples gesto de abrir um livro significa começar uma nova história que tende a transformar a visão do leitor sobre si mesmo, o outro e a sociedade. **Cada livro lançado representa o vínculo entre os leitores, a arte, a ciência e a cultura, mas nada seria possível sem os parceiros com a mesma iniciativa.** Só assim a vida da Editora UFPR será sempre de muitos livros abertos. Sua vocação há mais de 30 anos.

